

ALEXANDRE VARELA e VIVIANE VARELA  
COMO OS CAÇADORES DE TRETA

# **AS GRANDES MENTIRAS SOBRE A IGREJA CATOLICA**

DESVENDE OS MITOS SOBRE O CATOLICISMO

DOS CRIADORES DO SITE  
**O CATEQUISTA**



 Planeta



**AS GRANDES  
MENTIRAS  
SOBRE A IGREJA  
CATÓLICA**

ALEXANDRE VARELA e VIVIANE VARELA  
COMO OS CAÇADORES DE TRETA

**AS GRANDES  
MENTIRAS  
SOBRE A IGREJA  
CATÓLICA**

DESVENDE OS MITOS SOBRE O CATOLICISMO

Copyright © Alexandre Varela e Viviane Varela, 2016  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016  
Todos os direitos reservados.

*Preparação de textos:* Elisa Nogueira  
*Diagramação:* Abreu's System  
*Revisão:* Maria Aiko Nishijima e Lizete M. Machado  
*Capa:* Sérgio Campante  
*Imagem de capa:* dade72 / Shutterstock  
*Ilustrações de miolo:* Ricardo Almeida  
*Adaptação para eBook:* Hondana

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia de Jerusalém,  
5ª edição revisada e ampliada, publicada pela Editora Paulus em 2008.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V419g

Varela, Alexandre

As grandes mentiras sobre a igreja católica: desvende os mitos sobre o catolicismo / Alexandre Varela, Viviane Varela. – 1. ed. – São Paulo : Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0841-2

1. Catolicismo. 2. Igreja Católica. I. Varela, Viviane. II. Título.

16-36225

CDD: 282.09

CDU: 282

2016

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Padre João Manuel, 100, 21º andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César  
01411-000 – São Paulo – SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

Talvez não haja nos Estados Unidos uma centena de pessoas que odeiem a Igreja Católica; mas há milhões de pessoas que odeiam aquilo que erroneamente supõem ser a Igreja Católica.

*Venerável Fulton Sheen*



# Agradecimentos

Agradecemos e dedicamos este livro a Deus e à Virgem Maria, que conduziram nosso trabalho no site *O Catequista* ao patamar em que se encontra hoje.

Às nossas famílias, que nos apoiaram neste caminho e compreenderam as horas e horas investidas em estudar e escrever sobre a beleza da Igreja Católica.

Aos nossos colaboradores, padre Álvaro Inácio e padre Anderson Alves, que trabalharam na revisão dos textos, e ao nosso compadre e designer Ricardo Almeida, que gentilmente ilustrou este livro e que colabora conosco desde o primeiro dia do site.

Agradecemos também a todos os bispos e padres que nos dão apoio nesta caminhada e aos nossos leitores que ajudaram na missão de *O Catequista* de se espalhar pelo Brasil e mostrar de um jeito diferente a nossa Igreja de sempre!



# Sumário

Apresentação

Prefácio

Que livro é esse?

Sobre Deus

O mundo seria melhor sem as religiões?

Religião é invenção de Deus ou dos homens?

Por que existe o sofrimento?

Por que nascem pessoas deficientes?

Por que Deus era tão duro no Antigo Testamento?

Por que o Deus do Antigo Testamento é tão diferente de Cristo?

Sobre Jesus

Jesus é Deus ou só mais um guru?

Jesus era mesmo o Messias?

Jesus é só paz e amor?

Jesus casou com Maria Madalena?

## Sobre a Bíblia

A Bíblia é confiável?

Como a Bíblia foi compilada?

Por que a Bíblia protestante é diferente?

O livro do Gênesis copia mitos antigos?

Por que não seguimos as leis dos judeus?

A Igreja medieval impedia a leitura da Bíblia?

## Sobre a Tradição

Por que os católicos não seguem apenas a Bíblia?

Como era a Igreja primitiva?

A Igreja sempre foi chamada de Igreja Católica?

As igrejas cristãs não defendem a mesma fé?

## Sobre o magistério da Igreja

O papa não é como qualquer outro homem?

Por que chamamos o líder da Igreja de “papa”?

Por que os católicos se ajoelham diante do papa?

Qual é o fundamento da autoridade dos bispos católicos?

Por que os católicos obedecem ao clero?

O que é dogma?

## Sobre Maria

O que é Imaculada Conceição e Assunção?

Maria era pura mesmo?

Jesus tinha irmãos?

Os católicos adoram Maria?

Sobre a devoção aos santos

O que são os santos?

Como é o processo de reconhecimento dos santos?

Se Jesus é o único mediador, por que se reza aos santos?

Santos falecidos podem interceder?

Como os santos ouvem nossas orações?

Para que servem as relíquias dos santos?

Os católicos adoram imagens?

Orar aos santos é o mesmo que invocar espíritos?

Sobre o Céu, o Inferno e o Purgatório

Só os católicos vão para o céu?

Por que a Igreja não crê em reencarnação?

O Inferno realmente existe?

Sobre a Inquisição

A Inquisição matou milhares de pessoas?

A Igreja promoveu uma caça às bruxas?

A Igreja é culpada pela morte de Joana d'Arc?

Sobre a ciência

A fé é inimiga da razão?

A Igreja é inimiga da ciência?

A Igreja medieval escondia o conhecimento?

A Igreja atrasou o avanço da medicina?

A Igreja negava que a Terra é esférica?

A Igreja nega a Teoria do Big Bang?

Darwin provou que Deus não existe?

A Igreja é contra a pesquisa com células-tronco?

O que aconteceu com Galileu Galilei?

O que aconteceu com Giordano Bruno?

#### Sobre nazismo e racismo

A Igreja apoiou o nazismo?

A Igreja apoiou a escravidão?

A Igreja destruiu a cultura indígena?

#### Sobre machismo

Por que a Igreja diz que as mulheres devem ser submissas?

São Paulo era machista?

A Igreja não valoriza as mulheres?

Como as mulheres são vistas nos países não cristãos?

Por que mulheres não podem ser padres?

E agora? O que fazer com tudo isso?

#### Referências bibliográficas

# Apresentação

DOM FILIPPO SANTORO

*(Arcebispo Metropolitano de Taranto, Itália)*

Treta. Os jovens são pródigos em inventar nomes novos e engraçados para questões antigas e fundamentais.

Quem sabe não seria uma coisa boa se, com seus amigos sacerdotes ou com as pessoas maduras, mais adultas, vocês se empenhassem em esclarecer as palavras e as frases que são ditas, usadas por Deus? Por exemplo, vocês farão muito barulho, uma barulheira cada vez que tentarem inventar respostas para suas exigências; na verdade, descobrirão que essas respostas vêm exclusivamente quando a pessoa repousa a cabeça nos ombros de Cristo. (Dom Luigi Giussani)

Essas são palavras ditas por Dom Luigi Giussani, fundador do Movimento Comunhão e Libertação, a jovens colegiais em 2003.

[1] Os termos podem ter mudado, mas o barulho é o mesmo. No fundo, há um grande desejo de conhecer a Verdade, de entender

qual é o caminho que dá sentido a toda a vida. Mas, ao mesmo tempo, são tantas informações, tantas distrações, tantas ideologias, que é muito fácil se perder e acabar agarrado à última grande “revelação” espalhada pelas redes sociais.

Conheci Alexandre e Viviane quando eles ainda estavam na casa dos vinte anos. Eles já haviam começado a se dedicar à catequese de jovens e adultos como gesto de caridade proposto pelo Movimento Comunhão e Libertação e deparavam com pessoas que não precisavam ser simplesmente catequizadas, mas sim reapresentadas à Igreja e ao que ela realmente é. Era necessário despojá-las das “verdades” trazidas da televisão, do professor marxista, dos jornais e dos livros sensacionalistas.

Era preciso desfazer a confusão, “desarmar as tretas”, para que aquelas pessoas se dispusessem a ouvir a Boa Nova, o anúncio que mudaria sua vida. “A fé é um problema de conhecimento”, disse também Dom Giussani; assim, era preciso enfrentar e diluir os preconceitos que turvavam a visão e impediam que se reconhecesse a beleza da presença de Cristo e da Sua Igreja.

O trabalho cresceu e — assim quis o Senhor — saiu do ambiente paroquial para alcançar centenas de milhares de pessoas por meio da internet e do rádio.

Agora essa dupla de catequistas traz neste livro parte da experiência vivida nesses mais de quinze anos de catequese, que fizeram do site *O Catequista* uma leitura obrigatória para os católicos que desejam entender a verdade por trás de todo o barulho, de toda a confusão, de todas as tretas!

# Prefácio

CARDEAL DOM ORANI JOÃO TEMPESTA, ORDEM DE  
CISTER

*(Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio  
de Janeiro)*

A importância de conhecer a doutrina sempre foi uma das preocupações da Igreja, desde os seus primórdios. O próprio Jesus Cristo nos deixou o mandato de ensinar a todas as nações (Mt 28, 19). Começando pelo primeiro anúncio do querigma até a sistematização dos artigos da fé, muitos se empenharam em nos legar a reta doutrina, esclarecendo seus contemporâneos e até entregando a vida em defesa das verdades que professamos.

Esse conhecimento tornou-se essencial para um verdadeiro encontro com Cristo. É necessário entender o que a doutrina fala para a nossa vida, sabendo também refutar os erros, as falsas interpretações e até as calúnias que foram sendo forjadas ao longo da história e que, em nosso tempo, aparecem frequentemente como uma sutil, porém não menos grave, perseguição.



É essa a missão que Alexandre e Viviane abraçaram no site *O Catequista* e neste livro: fazer o leitor entender de maneira rápida e simples qual é a verdade por trás da confusão e da desinformação que se propaga sobre o Catolicismo desde muito tempo e que hoje se renova e chega a nós através da internet, da imprensa, de professores mal informados e de livros tendenciosos.

Os leitores acostumados à internet e a um novo jeito de falar encontrarão, nos textos a seguir, a mesma doutrina que é comunicada há dois mil anos, porém em um formato totalmente renovado, capaz de levar jovens e adultos a entenderem mais sobre a Igreja e sua história.

Além dos esclarecimentos que este livro oferece, o testemunho dos seus autores no diálogo com o mundo atual os insere na tradição apologética, ao mesmo tempo que vivem a autêntica experiência de Igreja “em saída”<sup>[1]</sup> do nosso tempo.

# Que livro é esse?

Oi, povo católico!

Nossos leitores pediram, a Editora Planeta acreditou e toma aí o primeiro livro do site *O Catequista*! Uhuuuul!!!

Se você ainda não nos conhece, dê uma passadinha em [ocatequista.com.br](http://ocatequista.com.br). Somos um site católico que tem o desejo de mostrar a beleza da Igreja Católica com a leveza de uma conversa informal entre amigos. Não é à toa que nosso estilo é chamado de Catequese de Boteco. E como em qualquer boteco, o papo é informal e, sempre que possível, cheio de boas risadas.

Mas não se engane! Podemos usar um método diferente, mas, por trás de toda a informalidade, você encontrará uma catequese absolutamente fiel ao papa e à doutrina da Igreja.

Agora que você nos conhece um pouquinho, junte-se àqueles que já fazem parte dessa grande onda católica e descubra, com muito humor, como refutar as acusações mais comuns à Igreja Católica. Neste livro, você encontrará mais de sessenta artigos que explicam de forma simples, didática e direta questões que muitas vezes nos pegam desprevenidos, as famosas tretas antecatólicas!

Quantas vezes não ficamos calados ou fomos obrigados a concordar a contragosto que a Igreja agiu de modo terrível na Idade Média, que atrapalhou enormemente a ciência, que matou milhares de inocentes durante a Inquisição, que é machista ou tantas outras coisas? Pois esses questionamentos têm explicação, e muitas vezes a realidade se revela completamente diferente das histórias que ouvimos nas escolas e na mídia.

Ao longo deste livro, vamos caçar e desarmar todas essas tretas, sempre com o jeitinho que caracteriza *O Catequista*.

E, pra não deixar dúvidas, sempre matamos a cobra e mostramos o sabre de luz (ou espada Jedi, se você não for nerd), então você encontrará aqui muitas referências e sugestões de leitura para poder se aprofundar mais em cada um dos assuntos apresentados.

Agora chega de blá-blá-blá e vamos ao trabalho. Esperamos que você curta esse jeito novo de mostrar a Igreja de sempre.

Embarque na aventura dos Caçadores de Treta!

# Sobre Deus



## O MUNDO SERIA MELHOR SEM AS RELIGIÕES?

Muita gente mata, humilha, oprime e segrega outros por causa da religião que professa. Logo, pode-se concluir que as religiões são uma coisa ruim, certo? Se concordarmos com essa afirmação, teremos de dizer, seguindo a mesma linha de raciocínio, que se apaixonar é ruim, afinal tantas pessoas brigam por causa de uma mulher ou de um homem (lembramos da Guerra de Troia, motivada pelo rapto da bela Helena). Quantas amizades desfeitas, quantos crimes passionais!

**Tenhamos cuidado com os raciocínios fáceis.** A verdade é

simples, mas chegar a ela não é moleza: requer prudência, humildade, curiosidade, honestidade intelectual e, acima de tudo, a graça do Espírito Santo.

Muitas pessoas desejam viver no mundo imaginado por John Lennon em sua canção “Imagine”, especialmente no que diz respeito a estes versos:

*Imagine there's no countries*

*It isn't hard to do*

*Nothing to kill or die for*

*And no religion too*<sup>[1]</sup>

Na letra dessa música, John Lennon acusa as religiões de promoverem uma divisão entre os povos e sugere que o mundo seria mais pacífico e unido com a extinção das religiões. O grande desejo é que não haja diferenças nem, logo, motivos para desavenças e guerras.

É claro que o desejo de paz universal é muito bonito, porém Lennon errou feio ao imaginar que poderíamos caminhar rumo à perfeita paz (ou ao bem absoluto) confiando simplesmente em nós mesmos e em nossas boas intenções. A Bíblia relata que assim surgiu o *pecado original*: os homens acharam que poderiam ser autossuficientes, ou seja, que poderiam se virar muito bem sem Deus. E temos aí o resultado...

Somos incapazes de alcançarmos por nós mesmos a felicidade, por mais que nos empenhemos. Veja, Lennon lutou pela paz com suas belas canções e protestos, os famosos *bed-ins*

ao lado da Yoko Ono, mas, cá pra nós, o resultado prático foi nulo! Acaso alguém vai deixar de promover a guerra porque dois cabeludos estão cantando baladinhas numa cama de um hotel de luxo?!

É muito fácil discursar e sonhar com o bem (*“It’s easy if you try”*<sup>[2]</sup>), mas realizar o bem dia após dia não é moleza! É uma tremenda falta de realismo crer que, contando só com a nossa força de vontade, podemos nos aperfeiçoar a ponto de alcançar a ausência de falhas. São Paulo é uma grande referência para nós nesse ponto, pois tinha autocrítica suficiente para saber que não era capaz de ser bom sem o auxílio divino:

[...] Pois o **querer o bem está ao meu alcance, não porém o praticá-lo**. Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero. [...] Verifico, pois, esta lei: quando quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta. [...] Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? Graças sejam dadas a Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso! (Rom 7, 18-19; 21; 24-25)

E assim, com o tempo, São Paulo chegou a um nível heroico de caridade e santidade. Não sonhando, mas crendo em Deus e trabalhando. Algumas religiões são mesmo um atraso de vida, em especial aquelas cuja doutrina incita a violência, porém é injusto e infame enfiar a Igreja Católica nesse balaio. Basta comparar as nações influenciadas pelo cristianismo com as demais para notar a imensa diferença na evolução dos direitos humanos, da ciência e da moral.

## **RELIGIÃO É INVENÇÃO DE DEUS OU DOS HOMENS?**

Existem algumas frases feitas para atacar a validade das religiões e a necessidade de sua existência. Vamos dar uma olhada nas mais comuns:

**“Deus não criou a igreja nem a religião. São criações humanas...”**

De que Deus estamos falando? Nós, cristãos, cremos que **Deus se fez Homem na pessoa de Jesus Cristo**. Os profetas que anunciaram a Sua vinda e Ele mesmo disseram que se edificaria uma igreja (Mt 16, 18) por meio da qual Ele levaria a ação salvadora às pessoas de todos os tempos.

Em parte, é correto afirmar que algumas religiões e igrejas são criações humanas, porém essa afirmação não cabe no cristianismo. As religiões, em geral, são fruto da meditação e da imaginação presentes em todas as culturas, revelando o anseio do homem de religar-se ao Absoluto, a Deus, mas o fato de que Jesus, Deus que se fez Homem, veio habitar entre nós não brotou da imaginação humana: é um acontecimento histórico. Portanto, o cristianismo é uma verdade revelada pelo próprio Deus.

**“Deus apenas criou o bem e o caminho correto...”**

Perfeito! Mas o que é o bem? Qual é o caminho certo? Muitas vezes, as pessoas se sentem perdidas e fazem o mal convictas de

estarem praticando o bem. E uma multidão segue pela via do erro, crente que está indo pelo lado certo. Mas qual é o caminho correto?

Tenho uma amiga, por exemplo, que optou pelo aborto. Ela achava que esse era o caminho correto. Antes de realizar o “serviço”, porém, o aborteiro solicitou uma ultrassonografia. Foi então que minha amiga viu aquelas perninhas e aqueles bracinhos se mexendo... Caramba, era mesmo um bebê! E ela desistiu de matar sua filha. Mas havia estado a um triz de cometer essa atrocidade. Infelizmente, nem todas voltam atrás. Muitas mulheres optam pela via do erro, acreditando que estão fazendo o melhor.

Todos nós sabemos que não é fácil reconhecer e seguir o bem. Muitas vezes confundimos o mal com o bem e não sabemos qual é o caminho correto, a não ser que Deus o aponte de maneira clara e inequívoca. Para nos ajudar nisso, Deus se fez nosso companheiro, um homem de carne e osso. Jesus disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). E assim tudo ficou mais simples! Basta olhar para esse homem, ouvir Suas palavras, permanecer com Ele.

E essa companhia de Deus permaneceu ao longo da história na forma da Igreja. O Senhor escolheu alguns homens, os apóstolos, e deu-lhes a missão de anunciar a Sua mensagem a todos os povos. A Igreja Católica Apostólica Romana que existe hoje é a continuidade da missão dos apóstolos, de modo que o Evangelho ilumine todas as gerações. Por meio dela, o amor de Jesus nos alcança hoje da mesma forma como alcançou os discípulos há dois mil anos.



**Sem uma religião, estamos seguindo e adorando a nós mesmos.** Essa é a corrente de pensamento que está em voga no momento. Idolatramos a nossa tosca capacidade de decidir o que é melhor para a nossa vida, sem precisar de profetas, revelações ou ensinamentos. “Somos muito espertos! Podemos chegar à verdade sozinhos e não precisamos ser doutrinados!”

**“Deus nos deu o livre-arbítrio para decidirmos sobre o rumo de nossa vida.”**

Sim, é claro. E Ele também nos enviou o Seu Filho para nos ensinar a usar bem o nosso livre-arbítrio e a decidir pelo bem e rejeitar o mal. Afinal, quem insiste em abusar da sua liberdade jamais alcançará a paz interior. E muito menos poderá contribuir para a paz no mundo.

Temos liberdade para escolher, e Deus nos convida a optar pelo caminho certo: seguir a Jesus por meio da Sua Igreja!

## **POR QUE EXISTE O SOFRIMENTO?**

“Muitas crianças foram abandonadas por seus pais. Muitas foram vítimas de coisas terríveis, como drogas e prostituição. Por que Deus permite que essas coisas aconteçam?” Essa foi a pergunta que Glyzelle Palomar, uma menina de doze anos, fez ao Papa Francisco durante um encontro do pontífice com jovens filipinos em Manila. Comovido, o papa observou: **“Ela fez a única pergunta que não tem resposta”**.<sup>[3]</sup> E não lhe vieram as

palavras. Teve de responder com lágrimas.

**A origem do mal foi revelada nas Escrituras:** o primeiro casal, abusando da sua liberdade, cometeu o pecado original e abriu as portas do mundo para o mal, para o sofrimento e para a morte. Porém, a razão de um sofrimento específico é sempre um mistério (e a doutrina do carma é ilógica, como você poderá ver mais para a frente). Por isso, o papa disse à menina: “[...] o núcleo da tua pergunta quase não tem resposta. Somente quando formos capazes de chorar sobre as coisas que vós vivestes é que poderemos compreender qualquer coisa e dar alguma resposta”.

Sim, Papa Francisco! **Quando temos piedade do próximo, damos o primeiro passo para nos colocarmos adequadamente diante do problema do sofrimento.** É a **compaixão**, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro e se condoer do seu sofrimento. E Cristo compreendeu tão bem os dramas humanos que, muitas vezes, comoveu-se até a alma e chorou diante deles. Portanto, **o segundo passo é contemplar o fato de que Deus chora conosco.** Um Deus que se compadece de nossos sofrimentos! Um Deus que se aflige e chora por nós! O Catecismo da Igreja<sup>[4]</sup> diz que a razão pela qual Deus permite que Satanás continue a agir no mundo, tema central do livro de Jó, é um mistério. Mas nós sabemos o essencial: Deus nos ama e trabalha para o nosso bem.

**O terceiro passo diante do sofrimento é deixar-se amar por Deus.** Não é fácil, porque muitas vezes insistimos em nos concentrar no sofrimento. Revoltadas e blasfemando contra Deus, chamando-o de injusto e tirano, as pessoas deixam de fazer o mais importante: **olhar para a cruz.** Nela está a beleza e a

“loucura” de um Deus que compartilhou o sofrimento humano até o extremo da humilhação e da dor.

Quando Cristo diz “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”,[5] ele se identifica profundamente com os questionamentos aflitos de todo inocente que sofre, mas, ao mesmo tempo que pergunta, Cristo responde da forma mais satisfatória possível, com Sua entrega de amor. E esse amor é mais forte do que o sofrimento.[6] Também o Salmo 21, que se inicia com o grito de um homem aflito, termina com uma mensagem de sólida esperança no Deus que socorre o Seu povo.

Jesus, Deus feito homem, tendo entregado o espírito nas mãos do Pai, levantou-se do túmulo no terceiro dia. **Ele venceu o mal e a morte!** Com Seu corpo, Ele nos comunica a Sua doutrina, ensinando-nos que já não sofremos sozinhos nem sofremos em vão. Sim, estamos em meio à guerra contra o mal e penamos por isso, mas a vitória é certa, pois Cristo está vivo e impera. No fim dos tempos, Cristo virá não mais como um humilde servidor, mas sim como imperador e juiz. E então veremos que já **não haverá lugar para a maldade na Terra e “Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos”** (Apo 21, 4).

Há um episódio da série de super-heróis X-Men em que um monge mutante dialoga com Wolverine, um típico ateu, que, revoltado com injustiças e maldades, renega a possibilidade da existência de um Deus bondoso. Porém, o testemunho de um religioso cristão o leva a ver as coisas com outros olhos. **“Nossa habilidade de entender os propósitos de Deus é limitada, mas nos consolamos com o fato de que Seu amor é infinito”**, diz o monge mutante.[7]

A conversão de Wolverine lembra um episódio que o padre Luigi Giussani narrou em seu livro *O senso religioso*, contando que um jovem, na confissão, disse-lhe que para ele o ideal humano era representado por Capâneo, personagem citado por Dante em *A divina comédia*. Capâneo é acorrentado pelos deuses, mas eles não podem impedi-lo de blasfemar. Giussani, então, lhe perguntou: “Mas não é ainda maior amar o infinito?”<sup>[8]</sup>

**A pergunta da jovem Glyzelle também foi feita por Bento XVI em sua visita ao campo de concentração de Auschwitz, em 2006, onde mais de um milhão de judeus foram exterminados pelos nazistas.**

“Num lugar como esse faltam palavras. No fundo, pode permanecer apenas um silêncio aterrorizado, um silêncio que é um grito interior a Deus: Senhor, por que silenciaste? Por que toleraste tudo isso?”

**Bento XVI**

Em sua genial reflexão, o papa disse que os homens que pretendem agir como juízes de Deus apenas contribuem ainda mais para a destruição do humano. A postura mais justa é aquela do homem que eleva um grito humilde e insistente para que Deus quebre o silêncio e se manifeste, “Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate, se abrirá” (Lc 11, 10). Em seu discurso, o papa disse:

Quantas perguntas surgem neste lugar! Sobressaem sempre

as perguntas “Onde estava Deus naqueles dias?”, “Por que Ele silenciou?”, “Como pôde tolerar este excesso de destruição, este triunfo do mal?” [...] Nós não podemos perscrutar o segredo de Deus. Vemos apenas fragmentos e enganamo-nos se pretendemos eleger-nos juízes de Deus e da história. Não defenderemos, nesse caso, o homem, mas contribuiremos apenas para a sua destruição. Não, em definitivo: devemos elevar um grito humilde, mas insistente a Deus: Desperta! Não te esqueças da tua criatura, o homem! E o nosso grito a Deus deve ao mesmo tempo ser um grito que penetre o nosso próprio coração, para que desperte em nós a presença escondida de Deus [...] (Bento XVI)<sup>[9]</sup>

Mais tarde, enquanto Bento XVI rezava diante do memorial das vítimas de Auschwitz, de forma suave, poética e gentil, o Pai de Bondade quebrou Seu silêncio e enviou um sinal: em meio a tanta feiura, por trás daquele cenário todo cinza e tão triste, surgiu um belíssimo arco-íris.<sup>[10]</sup>

Sim, Deus se manifesta de forma poderosa na vida de quem O invoca. Não é à toa que a **esperança**, mesmo em meio ao caos, é um dos traços mais fascinantes da humanidade.

## **POR QUE NASCEM PESSOAS DEFICIENTES?**

Stevie Wonder ficou cego quando ainda era bebê. Você acha que ele é mais “sofrido” ou tem menos possibilidade de ser feliz do que uma pessoa que enxerga?

Ao ver uma pessoa deficiente, muitos se perguntam **por que alguns nascem deficientes e outros nascem “perfeitos”**. Ainda que a maioria das pessoas não tenha coragem de assumir isso, no fundo dessa pergunta está a crença de que uma pessoa deficiente tem menos potencial para se realizar, para ser feliz, do que uma pessoa “normal”. Será?

Para compreendermos essa questão, é necessário, primeiramente, nos darmos conta de um problema anterior: por causa do **pecado original**, nossa alma e nosso corpo não estão de acordo com o plano de Deus ao criar os homens. Tudo tende a se corromper, tudo está fora do lugar, tudo decai. Feridos por essa mancha, todos nós nascemos com deficiências e limitações, sejam elas de ordem física, psicológica, emocional, econômica ou outra.

Se entendermos isso, veremos que o leque de perguntas deve ser ampliado:

- Por que alguns filhos são gerados por pais que se amam e se respeitam enquanto outros são recebidos neste mundo por um casal em crise e amargurado?
- Por que alguns filhos nascem em um lar onde há fartura enquanto outros nascem em uma família miserável?
- Por que alguns filhos nascem amados pelo pai e pela mãe enquanto outros nascem rejeitados por um deles ou por ambos?

Uma deficiência física ou intelectual de um recém-nascido

nos abala de modo especial porque torna evidente aos nossos olhos algumas das dificuldades que aquela criança terá na vida, mas **uma criança “normal” também nasce com uma série de deficiências** que não chama tanto a nossa atenção por não ser tão explícita. São limitações internas ou relativas ao ambiente social e familiar, porém não menos dramáticas.

Vamos partir de um exemplo concreto: Marilyn Monroe, ícone pop e uma das maiores estrelas do cinema, tinha beleza, sensualidade, talento, *glamour* e sucesso, mas o que pouca gente sabe é que ela sofria as consequências de suas graves deficiências familiares. Ela jamais conheceu o pai e sua mãe foi internada em um hospício quando ela ainda era muito pequena. Apesar de ter pais vivos, a menina era, na prática, uma órfã, e passou boa parte da infância em casas de parentes e em orfanatos. Foi abusada sexualmente por vários anos de sua infância. Então, apesar de ser fisicamente “perfeita”, ela nasceu emocionalmente mutilada, sem o amor e a presença do pai e, logo depois, sem os cuidados da mãe. Quem poderá dizer que o “fardo” do seu desamparo — que a expôs a sabe-se lá quantas dores e humilhações ao longo de toda a sua vida — é menor do que o de uma criança que nasce com alguma deficiência física ou intelectual? Quem poderá vislumbrar e medir a grandeza dos obstáculos que se apresentam diante de cada pessoa assim que ela nasce?

Os deficientes físicos ou intelectuais precisam que a sociedade olhe para suas limitações de forma objetiva e sem pieguice: eles têm necessidade de atendimento médico especializado, cultura, educação, lazer e acessibilidade nas ruas,

nos meios de transporte, no comércio etc. Mas... ter pena? Como diziam meus sábios amiguinhos do jardim de infância, quem tem pena é galinha!

Assim, **não é realista ver o deficiente físico ou intelectual como um coitado que sofre mais do que os outros.** Filhos de Adão e Eva, coitados somos todos nós, que já nascemos destinados a morrer. Cada indivíduo carrega as suas mazelas, as suas frustrações, os seus traumas... e cada um sabe onde o seu calo aperta.

A ideia de que deficientes físicos ou intelectuais são pessoas potencialmente infelizes resulta, muitas vezes, no **preconceito** e na **segregação** dessas pessoas dentro da sociedade. Em um nível mais crítico de rejeição, muitos chegam até mesmo a pensar que seria melhor que pessoas deficientes nem chegassem a nascer. E isso explica por que **mais de noventa por cento dos fetos com diagnóstico de síndrome de Down são abortados** na Europa e nos Estados Unidos.

Assim como todos nós somos “coitados”, do ponto de vista das nossas chagas de diversas naturezas, também todos nós somos imensamente abençoados. Temos motivos de sobra para ter esperanças e sorrir! Há dois mil anos, **Deus se encarnou no ventre de uma Virgem** e se fez menino. Ele se dignou a descer de Sua glória nos Céus, vir até nós, olhar nos nossos olhos e ensinar-nos o caminho para a verdadeira vida. Ele nos amou a ponto de se entregar por nós.

Então, seja como cadeirantes ou “andantes”, pobres ou ricos, tendo sido crianças amadas ou negligenciadas, podemos caminhar com Jesus e nos tornar pessoas melhores com o



tempo, buscando amar como Ele amou, gozar do “cêntuplo” ainda nesta vida e, no fim, partilhar de sua eterna vitória. Somos muito mais do que infelizes filhos de Eva: somos filhos da doce e poderosa Virgem Maria!

## **POR QUE DEUS ERA TÃO DURO NO ANTIGO TESTAMENTO?**



### **O Deus do Antigo Testamento gostava de castigar?**

Dilúvio, grandes pragas, anjos exterminadores, cidades inteiras destruídas, apedrejamentos... Ao considerar certas passagens sangrentas do Antigo Testamento, muita gente tem a impressão de estar vendo um filme do Tarantino. **E o que não falta é cristão achando que o Deus do Antigo Testamento era cruel e rígido demais** e que somente mostrou a Sua face de amor e de bondade no Novo Testamento.

Entretanto, essa impressão pode ser desfeita se observarmos o Antigo Testamento na sua globalidade. Basta um pouco de atenção para perceber a afeição e a doçura de Deus em toda a

Bíblia e a sua profunda dor diante da maldade dos homens. **Deus não sente nenhum prazer em punir seus filhos**, e, quando envia sofrimentos, seu objetivo é a conversão ou a necessidade urgente de cessar o mal. Podemos ver isso em Ezequiel, que diz “Porventura tenho eu prazer na morte do ímpio? — oráculo do Senhor Iahweh. — Por-ventura não alcançará ele a vida se se converter de seus maus caminhos?” (Ez 18, 23) e em Oseias, quando diz “Meu povo está obstinado em sua apostasia. Chamam-no do alto, mas ninguém se levanta! [...] Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se. Não executarei o ardor de minha ira, não tornarei a destruir Efraim, porque eu sou Deus e não um homem, eu sou santo no meio de ti, não retornarei com furor” (Os 11, 7-9).

E quando o povo, ao passar por um mau momento, murmurou contra Deus, Ele rebateu que a desgraça dos maus, antes de ser fruto da ira divina, é a consequência natural de suas más ações (Ez 18, 25-26).

### **O Deus do Antigo Testamento não tinha misericórdia?**

**É uma enorme calúnia dizer que o Deus do Antigo Testamento era implacável.** Dar mais colher de chá do que Ele dava, impossível! Por diver-sas vezes, Ele perdoou pessoas e populações inteiras que estavam destinadas à destruição por causa de seus pecados.

Quando Moisés ainda estava no alto do Monte Sinai, recebendo as tábuas da Lei, por exemplo, o Senhor viu que o

povo estava adorando o bezerro de ouro. Então, resolveu destruir a todos e poupar somente a Moisés e sua tribo. Moisés, porém, convenceu-O a perdoá-los, “Iahweh, então, desistiu do castigo com o qual havia ameaçado o povo” (Ex 32, 14). Em outro exemplo, o profeta Jonas profetizou que a cidade de Nínive seria em pouco tempo aniquilada, mas, vendo como os ninivitas “se converteram de seu caminho perverso, e Deus arrependeu-se do mal que ameaçara fazer-lhes e não fez” (Jn 3, 10).

Outra ocasião, em que Deus decide passar o rodo nas cidades de Sodoma e Gomorra, é bastante interessante. Ao saber dos planos do Senhor, Abraão, respeitosamente, questionou a razoabilidade daquela ação:

“Talvez haja cinquenta justos na cidade. Destruirás e não perdoarás à cidade pelos cinquenta justos que estão em seu seio? Longe de ti fazeres tal coisa: fazer morrer o justo com o pecador, de modo que o justo seja tratado como o pecador! Longe de ti! Não fará justiça o juiz de toda a terra?” Iahweh respondeu: “Se eu encontrar em Sodoma cinquenta justos na cidade, perdoarei toda a cidade por causa deles”. (Gn 18, 24-26)

E o diálogo prosseguiu. Abraão foi diminuindo cada vez mais o número de possíveis justos (“Talvez só existam quarenta?” “Talvez se encontrem vinte?”). Por fim, Abraão replicou: “Que meu Senhor não se irrite e falarei uma última vez: talvez se encontrem dez. E ele respondeu: ‘Não destruirei, por causa dos dez’” (Gn 18, 32).

O problema é que o total de gente que prestava em Sodoma e Gomorra não chegava à soma dos dedos das mãos. E aí não teve jeito... Deus mandou fogo na cidade. O que muitos não conseguem ver é que este foi, efetivamente, um ato de misericórdia, pois numerosos viajantes incautos passavam por aquela cidade e eram simplesmente estuprados, sem dó. Fazia parte da “cultura local”. Destruindo aquela cidade, Deus impediu que mais crianças crescessem naquele meio abominável, aprendendo a repetir os mesmos erros, e que outros estrangeiros fossem violentados.

Outra coisa importante é que **Deus nunca entrega uma pessoa ou um povo à desgraça sem antes ter avisado** — e avisado muuuuito —, na esperança de que se arrependa e se emende:

Iahweh, Deus de seus pais, enviou-lhes sem cessar mensageiros, pois queria poupar seu povo e sua Habitação. Mas eles zombavam dos enviados de Deus, desprezavam suas palavras, caçoavam dos profetas, até que a ira de Iahweh contra o seu povo chegou a tal ponto que já não havia mais remédio. (II Cr 36, 15-16)

## **Os apedrejamentos previstos na Lei Mosaica**

Tá, e o festival de apedrejamentos ordenados por Moisés? Bem, tente se transportar para aquela época. O povo recém-saído do Egito tinha alguns hábitos nada legais, como sacrificar crianças para agradar aos deuses, fazer suruba como ritual de culto,

matar por qualquer motivo pessoas de sua própria tribo, torturar escravos, transar com as próprias filhas ou irmãs... Tem mais coisa, mas acho que já deu pra sentir o drama, não deu? Era esse pessoal que Moisés precisava colocar na linha.

**A coisa estava tão feia que era preciso um “choque de ordem”.** O povo estava no meio do deserto, não havia como estabelecer prisões para deter os infratores (só havia tendas) e a autoridade de Moisés era vez por outra contestada. A moral se resumia a “cada um por si e *deuses* por todos”. Nesse cenário *punk*, a punição por apedrejamento foi a solução encontrada para consolidar o respeito às normas mais básicas da dignidade humana. Era isso ou o caos.

Na ocasião da vinda de Jesus, o povo já estava devidamente “catequizado” em relação à Lei de Deus e não havia mais razão para aplicar o apedrejamento dos infratores. O povo já não era mais criança e Deus agora o tratava como adulto. A pedagogia divina estava numa nova etapa, em que o desafio era outro. Com as leis consolidadas na cultura do povo, faltava agora fazê-las vibrar nos corações por meio de uma adesão livre e amorosa.

Podemos notar que, diante da mulher adúltera que seria apedrejada, Jesus em nenhum momento criticou Moisés. Ele simplesmente superou a sua lei, levando-a à perfeição: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra” (Jo 8, 7).

**Um Deus capaz de amar assim...**

Por falar em adultério, era isso que o povo de Israel fazia toda vez que cultuava outros deuses. Deus se comparava a um marido traído que continuamente perdoa a sua esposa prostituída.

Eu a castigarei pelos dias do baais, aos quais queimava incenso. Enfeitava-se com seu anel e seu colar e corria atrás de seus amantes, mas de mim ela se esquecia! Oráculo de Iahweh. Por isso, eis que, eu mesmo, a seduzirei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração. [...] Acontecerá, naquele dia — oráculo de Iahweh — que me chamarás “Meu marido”, e não mais me chamarás “Meu Baal”.<sup>[11]</sup> [...] Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei a mim na justiça e no direito, no amor e na ternura. (Os 2, 15-21)

Depois de conhecer essas palavras, como ainda podemos pensar que o coração do Deus de Israel era duro?

## **POR QUE O DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO É TÃO DIFERENTE DE CRISTO?**

Embora saibamos que Deus sempre amou muito os homens, é fato que ele parecia mais duro no Antigo Testamento. Então, é comum nos perguntarmos como se deu essa mudança dos castigos dos tempos de Abraão e Moisés para o amor dos tempos de Cristo e da Igreja. A verdade é que essa mudança, embora pareça abrupta, faz parte de um **processo pedagógico absolutamente genial**.

Pra começar, o amor sempre esteve lá, o que mudou foi a

forma. Isso **tem a ver com o amadurecimento** da nossa capacidade de compreender e aceitar as sucessivas revelações. Em outras palavras, Deus nos ama tanto que se revelou aos poucos, de forma que pudéssemos aceitar e compreender mais facilmente.

Imagine-se dentro da mentalidade e do conhecimento do povo hebreu na época da escravidão no Egito, quando os judeus viviam em uma barbárie quase completa. Imagine agora como seria receber o Espírito Santo e fundar a Igreja nesse contexto. Impossível, não é? Claro... Nosso povo precisava passar pelas mesmas etapas que qualquer pessoa vivencia no seu **caminho de amadurecimento**.

## **Infância espiritual**

**O Antigo Testamento mostra a infância do povo de Deus**, sua fase da imaturidade. Repare que o Senhor sempre se comunicava concretamente, isto é, por meio de **encontros humanos**. Nessa fase, os encontros eram intermediados pelos profetas, que não tinham lá muito tino pra guiar um povo como aquele e que só conseguiam fazer isso porque eram diretamente inspirados por Deus para transmitir a verdade aos homens. Eles não ficavam adivinhando o futuro como normalmente se diz — até faziam isso, mas esse não era o objetivo da sua missão. Sua função era educar o povo por meio de instruções claras, sem muitas explicações, com ameaças de punições para os rebeldes, exatamente como fazemos com crianças.

Quando uma criança teima em enfiar o dedo na tomada, os pais não perdem tempo explicando a ela sobre o funcionamento de uma corrente elétrica. Eles apenas proíbem esse comportamento e impõem um castigo em caso de desobediência. Isso acontece porque é necessário livrar a criança do perigo imediato, mesmo que ela ainda não tenha a capacidade de compreender o motivo. Da mesma forma, Deus queria o melhor para o seu povo e cuidava inclusive de sua saúde física. Eles não tinham conhecimento suficiente, por exemplo, para entender sobre o perigo de vírus, bactérias e micróbios em geral. Por isso praticar princípios básicos de higiene, como lavar as mãos antes das refeições, era impossível! Então, ou era na base da imposição ou não era...

## **Adolescência espiritual**

E chegamos à **adolescência**. Por que somos tão chatos nessa fase da vida? O padre Luigi Giussani diz que levamos uma mochila nas costas desde que nascemos, e que nossos pais colocam várias coisas dentro dela, acreditando que serão úteis para a nossa vida. Mas, na adolescência, não queremos mais carregar tanto peso sem entender por quê. Então, tiramos tudo e testamos cada coisa pra saber se queremos mesmo continuar a carregá-las. E fazemos isso com a **experiência**!<sup>[12]</sup>

O que um jovem mais diz é “Eu quero fazer sozinho!”, “Prefiro quebrar a cara por mim mesmo!” ou “Me deixa viver a minha vida!”, mas diz isso porque precisa experimentar e seguir



adiante. **Precisa entender com sua própria razão e emoção.**

Vendo o avanço do povo hebreu, que se torna mais disciplinado e esperançoso, preparado pelos profetas para a vinda do Messias, fica evidente a nova estratégia de Deus para educar a humanidade. Quando João e André abordaram Jesus, querendo saber quem Ele era, a resposta de Cristo não foi nenhuma descrição de si mesmo... Não houve nem mesmo uma breve explicação. Ele disse simplesmente: “Vinde e vede” (Jo 1, 39).

Com Jesus, o povo de Deus pôde aprender por meio da própria experiência, mas, a exemplo dos profetas, Cristo também preparou o povo para a fase seguinte. Ele anunciou que iria embora, mas enviaria o Espírito Santo. É o início da fase adulta do povo de Deus.

## **Maturidade espiritual**

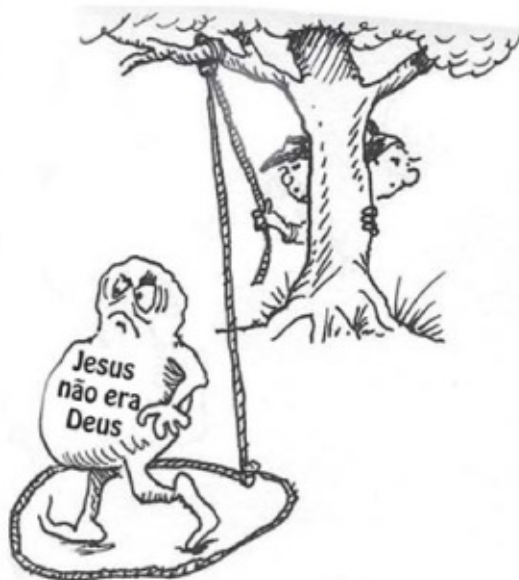
Os **adultos** sabem o que fazer, mas não esquecem a sua origem e retornam a ela à procura de apoio sempre que necessário. Cristo, antes de subir aos Céus ressuscitado, funda a sua Igreja sobre Pedro e estabelece com o grupo dos apóstolos a forma definitiva do encontro com Ele. Agora nós **andamos com as nossas próprias pernas, mas com ajuda do Alto** e guiados pelos legítimos sucessores dos apóstolos.

Novamente, chegamos a Deus por meio de encontros humanos, mas, desta vez, a ligação não é por intermédio de um profeta ou de Jesus Cristo em pessoa: agora Deus se faz presente

por meio de Seu próprio povo! Mesmo com todas as nossas fragilidades, somos o rosto de Cristo no mundo, e isso só é possível porque somos investidos pela força da última revelação da Santíssima Trindade, o Espírito Santo. Essa é a Igreja Católica!

E chegamos até aqui. Fomos capazes de alcançar a compreensão que temos hoje graças ao genial caminho pedagógico montado por Deus para nos trazer até este ponto. Depois da fase adulta, vem a morte e a passagem para a vida eterna. Se você pensar bem, a profecia sobre a segunda vinda de Cristo é a preparação para essa próxima etapa.

# Sobre Jesus



## JESUS É DEUS OU SÓ MAIS UM GURU?

Boa parte das pessoas ao nosso redor não reconhece o Nazareno como aquilo que Ele revelou ser: Filho de Deus e Deus Ele mesmo. Há uma multidão de pessoas que admiram Jesus, que simpatizam com seus ensinamentos, que o consideram um fofo, enfim, mas que **não o aceitam como Deus**.

Essas pessoas não se dão conta de que é simplesmente impossível considerarmos que Jesus foi um homem respeitável, digno de ser ouvido, se não crermos que Ele é Deus. Não, não estamos exagerando, e vamos mostrar por quê.

Muitos dizem que não veem Jesus como Deus, mas que o admiram como um exemplo de humildade. Sim, é verdade, Jesus era extremamente humilde. Porém, se tiver um mínimo de coerência intelectual, uma pessoa que não o reconhece como Deus é obrigada a tê-lo como um louco ou como um homem arrogante. Afinal, não dá pra levar a sério um cara que, não sendo Deus, diz este tipo de coisa: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. **Ninguém vem ao Pai a não ser por mim**” (Jo 14, 6), “Filipe lhe diz: ‘Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta!’ Diz-lhe Jesus: ‘Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? **Quem me vê, vê o Pai.** Como podes dizer Mostra-nos o Pai?’” (Jo 14, 8-9), “Vós me chamais **Mestre e Senhor** e dizeis bem, porque **eu o sou**” (Jo 13, 13) e “Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5).

Imagine encontrar na rua um homem que, não sendo Deus em pessoa — ou ao menos o Chuck Norris —, lhe diga essas coisas. Aposto que você teria de fazer um grande esforço para segurar o riso (é o efeito Inri Cristo, saca? Nem ele mais se leva a sério!). Agora, repare que **Jesus aceitava na boa que seus discípulos o cultuassem como Deus.** Isso fica claro diante de Tomé: “Respondeu-lhe Tomé: **Meu Senhor e meu Deus!** Jesus lhe disse: Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!” (Jo 20, 28-29).

Quando ainda era bebê, Jesus recebeu a adoração dos três reis magos: “Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam” (Mt 2, 11). E veja como era grande a Sua pretensão: Ele afirmava ser capaz de

**fazer coisas que só um Deus poderia fazer**, como purificar as pessoas de seus pecados e dar-lhes a vida eterna. Vemos isso no Evangelho de Lucas — “Por essa razão, eu lhe digo, seus numerosos pecados lhe serão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. [...] Em seguida, disse à mulher: ‘Teus pecados são perdoados’. Logo os convivas começaram a refletir: ‘Quem é este que até perdoa os pecados?’” (Lc 7, 47-49) — e no Evangelho de João — “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 54) e “As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem; eu lhes dou a vida eterna” (Jo 10, 27-28).

Ora, se um homem que fala e age dessa forma não é mesmo Deus, então não passa de uma figura patética. E, por mais que tenha falado “coisas bonitas” e tenha “pregado o amor”, seria uma mera caricatura de guru. Repito: **Jesus se considerava digno de ser adorado como Deus. A-DO-RA-DO!** E fazia questão de ser amado acima de todas as coisas; menos do que isso, Ele não aceitava: “Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E aquele que ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10, 37).

Sobre esse assunto, C. S. Lewis (autor de *As crônicas de Nárnia*) escreveu:

Estou tentando impedir que alguém repita a rematada tolice dita por muitos a seu respeito: “Estou disposto a aceitar Jesus como um grande mestre da moral, mas não aceito a sua afirmação de ser Deus”. Essa é a única coisa que não devemos dizer. Um homem que fosse somente um homem e dissesse

as coisas que Jesus disse não seria um grande mestre da moral. Seria um lunático — no mesmo grau de alguém que pretendesse ser um ovo cozido — ou então o diabo em pessoa. Faça a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. [...] Mas que ninguém venha, com paternal condescendência, dizer que ele não passava de um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção, e não quis deixá-la.<sup>[1]</sup>

Diante de tudo o que disse e fez, Jesus não deixa a opção de acharmos que Ele é simplesmente um sujeito bacana, um “espírito iluminado” ou algo assim. **Ou Deus ou nada.** A quem é dada a graça imensa de reconhecer a Sua divindade **não é mais possível relativizar a Sua Palavra:** “Isso aqui que Jesus falou me agrada, eu sigo, ok. Ah, não, nessa outra passagem Ele foi muito radical, isso eu não vou levar em conta...” Deus falou, tá falado, mano!

## **JESUS ERA MESMO O MESSIAS?**

No século I, muitos judeus reconheceram Jesus como o Messias prometido nas Escrituras. Tanto é que São Paulo era o apóstolo dos gentios (cristãos não judeus) enquanto São Pedro pastoreava os cristãos judeus. Mas também é verdade que uma grande parcela dos israelitas rejeitou Jesus, dizendo que Ele não cumpriu as profecias messiânicas. Mas será que Jesus não se encaixa mesmo no perfil do Messias traçado pelos profetas da

Torá? Certamente que se encaixa!

Nós sabemos que os hebreus deixaram a vida de escravidão no Egito, atravessaram o deserto e, décadas depois, por meio de campanhas militares, conseguiram conquistar os territórios da Terra Prometida. A libertação do povo não foi somente física, mas sobretudo espiritual, porém a libertação perfeita e definitiva só viria com o Messias.

O problema é que o povo imaginava muito mais uma libertação política do que espiritual. Os judeus sabiam que o Messias seria descendente de Davi, que foi um rei guerreiro. Então, era natural que o imaginassem como um Rambo com sangue nos *zoio*. Tal expectativa cresceu especialmente na época que antecedeu a vinda de Jesus, quando o território de Israel era dominado pelo Império Romano. Nesse momento, os judeus esperavam que o Messias viesse e liderasse uma revolta, chutando os lacaios de César pra bem longe.



Inicialmente, uma multidão de judeus achou que Jesus era O cara. Depois que O viram multiplicar os pães e os peixes, quiseram aclamá-lo como rei, mas, em vez de ficar lisonjeado, Ele deu o toco em geral: “Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes. Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até a vida eterna, alimento que o Filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, o marcou com seu selo” (Jo 6, 26-27).

Para completar, Jesus veio com a estranha história de que teriam de comer da Sua carne e beber do Seu sangue. Depois dessa, quem dois minutos antes estava gritando “É o rei! É o rei!” passou a fazer cara de nojinho e a considerá-lo tantã.

Sim, Jesus é rei. Mas Seu reino não é deste mundo: “Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para



que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui” (Jo 18, 36). Em Jerusalém, Cristo entrou pelos portões da cidade em meio a uma multidão em delírio, que O louvava como o Enviado de Deus. Porém, Ele bem sabia que quase todos aqueles, quando o vissem preso e espancado, perderiam a fé.

A decepção do povo foi grande. Jesus não era o líder triunfante que eles almejavam, era só um pobre crucificado. E rapidamente Seus milagres e Suas palavras, que haviam rasgado o coração de todos e dado sentido à vida, foram esquecidos. Assim aconteceu para que se cumprisse a profecia de Isaías:

Ele desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos nenhum caso dele. E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. [...] Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a si mesmo à morte e foi contado entre os criminosos, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão. (Is 53, 3-5; 12)

Alguns judeus alegam que esse capítulo do livro do profeta

Isaías não se refere a Jesus, mas sim ao povo de Israel. Mas está claro que não se trata do povo, mas sim de alguém que morreu para salvar este povo. Está aqui a prova: “Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo” (Is 53, 8).

É interessante notar que Jesus não foi o único profeta desprezado e morto em Israel. Isaías, por exemplo, foi serrado ao meio enquanto Jeremias foi hostilizado pelo povo e perseguido até pelos seus parentes<sup>[2]</sup> e o profeta Zacarias, filho de Joiada, morreu apedrejado no pátio do templo.

Vamos analisar agora, uma a uma, as principais contestações de alguns judeus à crença de que Jesus é o Messias e veremos que nenhuma delas se sustenta.

### **“O Messias construirá o terceiro templo sagrado”**

Muitos judeus alegam que o verdadeiro Messias construirá novamente o templo de Jerusalém. Enquanto isso não acontece, eles seguem rezando diante das ruínas do Muro das Lamentações. Sobre isso, vejamos o que diz o livro do profeta Ezequiel: “Estabelecê-los-ei e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles para sempre. A minha Habitação estará no meio deles: eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (Ez 37, 26-27).

O povo, naturalmente, tende a imaginar um novo templo feito com paredes de tijolo. Entretanto, o Senhor veio habitar

entre nós. Ele é o Emanuel (Deus conosco). O santuário da profecia é Ele mesmo, o ungido, Aquele que carrega em si o Espírito Santo em plenitude. Veja que **Jesus se referiu a si mesmo como um templo**: “‘Destruí este santuário, e em três dias eu o levantarei.’ Disseram-lhe, então, os judeus: ‘Quarenta e seis anos foram precisos para se construir este santuário, e tu o levantarás em três dias?’ Ele, porém, falava do santuário de seu corpo” (Jo 2, 19-21).

Portanto, Jesus cumpriu a profecia de Ezequiel, porque Ele mesmo é o santuário de Deus que permanecerá entre o povo para sempre.

### **“O Messias levará todos os judeus de volta a Israel”**

Aqui, ocorre outra interpretação materialista das Escrituras. A fé judaica é algo muito mais espiritual do que material, mas nem todos conseguem enxergar isso. Quando Deus diz que reunirá todos os filhos de Israel, fazendo-os vir de todas as partes do mundo (Is 43, 5-6 e Is 11, 12), está falando de algo muito mais especial e profundo do que a mera reunião de pessoas em um território físico nacionalista.

Estar junto de Deus é algo que ultrapassa qualquer fronteira. Jesus, de fato, cumpre essa profecia ao reconciliar com o Pai todos os que Nele creem. Ele reúne todos os filhos dispersos de Deus na comunhão da Igreja.

### **“O Messias introduzirá uma era de paz mundial”**

“Uma nação não levantará a espada contra a outra, nem se aprenderá mais a fazer guerra”, disse Isaías (Is 2, 4). Miqueias também fez uma profecia de paz: “Ele julgará entre povos numerosos e será o árbitro de nações poderosas. Eles forjarão de suas espadas arados, e de suas lanças, podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra outra nação e não se prepararão mais para a guerra” (Miq 4, 3).

Ora, essas são profecias sobre o **fim dos tempos**, e não sobre a vinda do Messias. A paz virá após a grande batalha contra o mal descrita no Apocalipse. É só ler esses capítulos de Isaías e de Miqueias desde o início, nos quais fica claro que as profecias falam dos últimos dias.

### **“O Messias curará todos os cegos e surdos”**

No livro do profeta Isaías (Is 42), o Senhor diz que o Messias abrirá os olhos dos cegos e libertará os presos e os que vivem nas trevas. Mais uma vez, a Escritura fala de questões espirituais, e não meramente materiais, pois a **cegueira que será curada é a da alma**, e não somente a dos olhos.

Deus diz claramente que o cego e o surdo aos quais se refere não são outros que não o povo de Israel, seu servo, que mesmo vendo muitas coisas, nada percebeu, e mesmo abrindo os ouvidos, nada escutou (Is 42, 19-20). Além da cegueira espiritual de muitos, Jesus também curou pessoas que não enxergavam e não ouviam e apresentou essas obras como sinais aos discípulos de João Batista que estavam à espera do Messias (Lc 7, 19-22).

## **“Com a vinda do Messias, todos crerão no Deus de Israel”**

Essa afirmação dos judeus se baseia em Zacarias (Zc 14, 9). Segundo eles, se Jesus fosse mesmo o Messias, a Terra inteira creria Nele, e não foi isso que aconteceu. Ok... Só que dizer que essa profecia de Zacarias se refere especificamente à vinda do Messias é forçar a barra.

Como podem dizer que a vinda do Messias acabará com as guerras (Is 2, 4) e, ao mesmo tempo, levará a uma grande guerra de Javé contra todas as nações que perseguiram Israel? Não tá meio furado, isso? Veja que o citado capítulo de Zacarias promete bomba pra todo lado:

Reunirei todas as nações contra Jerusalém para o combate; a cidade será tomada, as casas serão saqueadas, as mulheres violentadas; a metade da cidade sairá para o exílio, mas o resto do povo não será eliminado da cidade. Então Iahweh sairá e combaterá essas nações, como quando combate no dia da batalha. (Zac 14, 2-3)

Então... se a vinda do Messias trará a paz mundial, como explicam esse pega pra capar descrito em Zacarias?

## **“Deus não pode assumir uma forma física”**

Nós, católicos, cremos que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente Homem. Porém, os judeus dizem que Deus é incorpóreo e, sendo assim, não pode nascer nem pode morrer.

Como assim? Agora nós, reles seres humanos, é que diremos o que o Deus Onipotente pode ou não fazer? Tem lógica isso? Certamente Deus é puro espírito, mas se Ele decidisse se fazer homem — como de fato se fez em Jesus —, o que O impediria? Lembremos que Ele assumiu a forma de um homem e lutou contra Jacó, que afirmou ter visto Deus “face a face” (Gn 32, 31).

Detalhe: não há qualquer linha nas Escrituras que fundamente a teoria de que o Messias jamais seria Deus e não teria poderes sobrenaturais. Na verdade, a Torá afirma o contrário! Em uma de suas visões, o profeta **Daniel descreve o Messias com atributos divinos e humanos:**

Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho de Homem. Ele adiantou-se até o Ancião e foi introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o poder, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é império eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído. (Dn 7, 13-14)

Atributos divinos: “sobre as nuvens do céu”, “adiantou-se até o Ancião”, “poder, a honra e o reino” e “todos os povos, nações e línguas o serviram”, lembrando-nos de que devemos servir, no sentido de adorar, só a Deus. Atributos humanos: apesar de ser de natureza divina, Ele tem forma humana e é como “um Filho de Homem”.

Além do mais, **Isaías também profetizou que o Messias seria humano** — “um menino” — **e divino** — “porque um menino

nos nasceu, um filho nos foi dado; ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-para-sempre, Príncipe-da-paz” (Is 9, 5).

### **“A Santíssima Trindade contradiz a teologia judaica”**

Muitos judeus argumentam que a Santíssima Trindade “quebra Deus em três”. Nada a ver! Os católicos também creem firmemente que Deus é um só e afirmam que “as pessoas divinas não dividem entre Si a divindade única: cada uma delas é Deus por inteiro”.<sup>[3]</sup>

Em Gn 18, está dito que o Senhor (**um**) apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré. E, ao levantar os olhos, Abraão viu **três** homens. Taí: são três pessoas e um só Senhor.

### **“Jesus contradiz a Torá”**

De todas as acusações que fazem a Jesus, essa é a mais injusta. Ele, sendo Filho de Deus, jamais poderia contradizer as palavras de Seu Pai. **Ele veio para levar a lei à plenitude**: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5, 17).

Os acusadores buscam apoio nas curas que Jesus realizou em um sábado, o que seria pecado. Sinceramente... Ele deveria deixar de fazer o bem ao cego e ao homem com a mão atrofiada? Será mesmo que é isso que Deus quis dizer quando mandou

guardar o sábado? O próprio Jesus se defende da acusação de violar o sábado, como aparece no Evangelho de Mateus 12, 1-13.

### **“Jesus não pertencia à Tribo de Judá”**

O Deus de Israel prometeu que o Messias pertenceria à linhagem da tribo de Judá e seria descendente dos reis Davi e Salomão. Certos judeus dizem que Jesus, não tendo pai humano, jamais poderia ser dessa tribo.

De fato, a linhagem dos hebreus se estabelecia conforme a tribo de seu pai, e não da mãe (Nm 1, 2). Porém, apesar de Jesus não ser filho de sangue de São José, Ele o era pela lei. Assim, pertencia legitimamente à tribo de Judá e era da linhagem real de Salomão, cumprindo as Escrituras.

Porém, Jesus não teria, por meio de São José, direito ao trono de Davi. Afinal, São José era descendente de Salomão por meio do rei Conias, sob o qual recaiu uma maldição, pois o Senhor determinou que seus descendentes jamais reinariam em Israel (Jr 22, 30). O Messias, então, jamais poderia ter o sangue de Conias. E aqui se resolve o problema: de fato, Jesus herdou a linhagem real de Salomão somente pela lei, e não pelo sangue. Ao mesmo tempo, herdou a linhagem sanguínea de Davi por meio de sua mãe, Maria.

Eis que estão cumpridas as Escrituras! **Jesus é membro da tribo de Judá e descendente de Salomão pela lei e é filho de Davi pelo sangue.** É, amigos... Tem jeito não: JESUS É O MESSIAS.



# JESUS É SÓ PAZ E AMOR?

O Evangelho segundo os católicos jujuba...



Não tem nada mais irritante do que ouvir que não temos o direito de nos irritar em hipótese alguma pelo simples fato de sermos cristãos. Eis alguns dos pontos básicos do manual de etiqueta da Madame Lili Carola: nunca levantar a voz, proferir apenas palavras doces e jamais demonstrar revolta em relação às atitudes alheias. Cá pra nós, isso tá mais pra ideologia paz e amor de hippie-maconheiro do que pra cristianismo.

Muitas pessoas, é verdade, têm um temperamento irascível, são com frequência arrogantes no trato com os demais ou vivem de mau humor. Certamente, isso não é nada bom. Mas **nem sempre a irritação é uma coisa censurável: se o motivo for justo, esse sentimento pode ser uma expressão de virtude.**

Basta olhar para o exemplo de Jesus, que, em diversas passagens do Evangelho, parece estar cuspiendo marimbondos. Sente só o *jeito meigo* com o qual Ele se dirigia aos fariseus e aos escribas: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito, mas, quando conseguis conquistá-lo, vós o tornais duas vezes mais digno da geena do que vós” (Mt 23, 15), “Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão” (Mt 23, 27) e “Serpentes! Raça de víboras! Como haveis de escapar ao julgamento da geena?” (Mt 23, 33).

Pegou pesado, hein, Mestre...

Há também o famoso episódio da expulsão dos vendilhões do templo. Em vez de tentar convencer o pessoal a respeitar o lugar sagrado, usando para isso diálogo e gentileza, Jesus simplesmente varreu todo mundo dali na base da chibatada (Jo 2, 14-16). Outra passagem muito ilustrativa é aquela em que os discípulos não conseguem curar um menino que sofria de uma grave enfermidade, provavelmente epilepsia. O pai, então, recorre a Jesus, que se mostra frustrado com a falta de fé de seus discípulos e os censura duramente diante de todos: “Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o a mim!” (Mc 9, 17-19).

Por que Jesus não os corrigiu de forma mais cortês? Bem, delicadeza era uma coisa bastante secundária diante do sofrimento de uma criança. O Senhor tinha uma preocupação muito urgente de libertar e aliviar a dor daquelas pessoas. **Sua irritação traduzia o grande zelo que Ele nutria pela felicidade de**

**cada ser humano**, e ele cobrava energicamente que Seus discípulos (aqueles que dariam continuidade ao Seu apostolado) tivessem a mesma postura. Além do mais, depois de tudo o que eles tinham visto e ouvido, o Mestre esperava uma fé mais sólida.

Porém, não podemos ser levianos e imaginar que Jesus tratava todos os pecadores na base da chicotada. **Na maior parte do tempo, Ele era muito manso e amável**: sentava-se à mesa para comer com prostitutas e todo tipo de gente de má fama, frequentava a casa de publicanos e, na cruz, prometeu levar um ladrão para o Paraíso. Assim, transformou o coração e a vida de muitos com a Sua doçura.

O Senhor parecia ter, entretanto, pouca tolerância com a hipocrisia, com o desrespeito às coisas sagradas e com a falta de fé por parte daqueles que deveriam ser os primeiros a crer (os discípulos). Por isso, em primeiro lugar, devemos detestar essas coisas em nós e pedir que Ele nos converta a cada dia, mas não precisamos ser frescos a ponto de nos cobrarmos serenidade e simpatia em tempo integral. Ninguém tem sangue de barata.

Com todo o respeito ao Profeta Gentileza (figuraça que andou pelas ruas do Rio de Janeiro entre as décadas de 1970 e 1990), gentileza gera gentileza, sim, mas às vezes uma chicotada cai muito bem.

## **JESUS CASOU COM MARIA MADALENA?**

Aposto que você tem algum amigo maria vai com a mídia que já

lhe alfinetou com a notícia de que teriam descoberto um manuscrito de 1.500 anos e que esta era a comprovação de que Jesus foi casado com Maria Madalena.

O amigo maria vai com a mídia é assim: acredita automaticamente em tudo o que lê em sites de notícias, especialmente quando se trata de conteúdos que atacam o cristianismo. Agora, essas criaturas estão batendo pino? Primeiro juram que Jesus nunca existiu (porque um escritor americano disse isso), e, depois, de um dia pro outro, mudam de ideia e dizem que Jesus existiu, sim, e casou com Maria Madalena, e fazem isso só porque ouviram falar sobre um tal manuscrito apócrifo. Essa gente precisa se decidir! Ou bem dizem que Jesus não existiu ou bem dizem que Ele existiu e casou. Porque ficar pulando entre duas teses contraditórias não dá!

Em primeiro lugar, essa polêmica é pra lá de requentada. O manuscrito em questão, chamado *Ecclesiastical History of Zacharias Rheto*, é conhecido há mais de duzentos anos e foi analisado por vários estudiosos que o descartaram como insignificante. A “novidade” é que dois estudiosos lançaram, em 2015, um livro intitulado *The Lost Gospel* [O evangelho perdido], com uma nova interpretação do manuscrito, dizendo — na verdade, inventando — que o texto traz revelações bombásticas sobre a vida privada de Jesus.

Em segundo lugar, poucas pessoas se dão conta de que **se trata de um “evangelho pirata” produzido quinhentos anos — quinhentos anos!!! — após a morte de Jesus!** Isso me lembra tipo... uma revista de fofocas do século IV!

Em terceiro lugar, note o desespero da dupla de autores desse livro: o tal manuscrito fala que um cara chamado JOSÉ casou com uma mulher chamada ASENETH e que eles tiveram filhos. Tá, e onde entram Jesus e Madalena? EM LUGAR NENHUM! Os autores simplesmente inventaram uma teoria de que os nomes José e Aseneth são códigos para se referir de modo velado a Jesus e Madalena.

Em quarto lugar, **um dos autores do livro, Jacobovici, é famoso por suas pesquisas pagadoras de mico!** Ele também produziu um documentário sobre a tumba de Talpiot, tentando provar que Jesus não ressuscitou e teve filhos, esposa, irmãos... O vexame foi tremendo! Dezesete arqueólogos renomados desceram a lenha no documentário, entre eles Joe Zias, que classificou o filme como “cientificamente desonesto”. O arqueólogo americano William Dever disse que se tratava de um “golpe de publicidade”.<sup>[4]</sup>

Em seguida, Jacobovici produziu outro documentário, para o History Channel, em que garantia ter encontrado os pregos usados na crucificação de Jesus. E levou mais um toco da comunidade arqueológica! A Autoridade de Antiguidades de Israel disse que a coisa mais comum é encontrar pregos naquela região e que as afirmações de Jacobovici não possuem embasamento em pesquisa.<sup>[5]</sup>

E que ninguém venha citar o livro *O código Da Vinci* pra falar sobre esse assunto! É muito mico usar uma obra de ficção como fonte para estudo histórico!<sup>[6]</sup>

# Sobre a Bíblia



## A BÍBLIA É CONFIÁVEL

Todos nós já ouvimos alguém dizer que a Bíblia não é confiável, pois teria sido adulterada ao longo dos séculos. À primeira vista, apresenta-se diante de nós um cenário altamente desfavorável à confiabilidade dos textos bíblicos, pois os **manuscritos originais foram perdidos** e é provável que nem existam mais. Os livros do Antigo Testamento começaram a ser escritos há cerca de 3.400 anos, e os livros do Novo Testamento foram escritos há quase dois mil anos. Ao longo de todos esses séculos, os livros que compõem a Bíblia foram repetidamente copiados, e nem sempre

os copistas fizeram um bom trabalho.

Diante disso, você pode estar pensando que não dá pra pedir que um cristão confie na Bíblia... mas acalme-se e não seja apressado em seu julgamento! O texto bíblico é altamente confiável.

Saindo um pouco do campo das discussões-clichê e estudando a questão mais a fundo, qualquer ateu de mente aberta verá que **as evidências arqueológicas e históricas e críticas textuais tendem a confirmar a autenticidade dos textos bíblicos.**

Vamos analisar primeiro o Antigo Testamento e, depois, o Novo Testamento.

### **Evidências sobre a autenticidade do Antigo Testamento**

Em 1947, um grupo de pastores de cabras encontrou por acaso, em uma caverna em Qumram, na Cisjordânia, às margens do Mar Morto, centenas de manuscritos. Foi uma descoberta bombástica! Esse conjunto é simplesmente **a versão mais antiga que conhecemos do Antigo Testamento**, escrito entre os séculos III a.C. e 70 d.C.

Entre os manuscritos, havia pergaminhos e fragmentos de textos de diversos livros do Antigo Testamento, porém a peça mais impressionante foi o rolo do profeta Isaías, que contém o livro completo em aramaico. Quando os especialistas compararam os manuscritos do Mar Morto com os textos atuais da Bíblia, puderam verificar que, **por mais de mil anos (!!!), os**

**copistas reproduziram esses textos fielmente**, sem qualquer alteração de sentido.

O texto do Antigo Testamento que temos em mãos atualmente é, portanto, **praticamente igual** ao conteúdo desses pergaminhos. É claro que a descoberta, considerada por muitos como a mais importante do século XX, deixou muitos críticos ferrenhos da Bíblia — que diziam que seu texto estava bastante corrompido — com cara de pastel. Fué-fué-fué-fué-fuéeeeeee...

## **Evidências sobre a autenticidade do Novo Testamento**

### **Os milhares de variantes entre os manuscritos**

Há mais de cinco mil cópias antigas do Novo Testamento, escritas em grego, em museus e monastérios na Europa e na América do Norte. Detalhe: nenhuma delas é idêntica a outra, pois sempre muda uma palavrinha aqui, outra ali.

Por cerca de 1.500 anos, a Bíblia foi reproduzida manualmente, em especial por meio do trabalho de monges copistas. Eram necessários muitos anos para se produzir um exemplar e quase sempre havia alterações (variantes), intencionais ou não, realizadas pelo copista.

Alguns estudiosos do Novo Testamento afirmam que, comparando essas cópias manuscritas, podem-se encontrar entre 200 e 400 mil variantes (uooooou!). O número impressiona, mas a sua interpretação pode ser enganosa. O fato é que **quase todas as variantes entre uma cópia do Novo Testamento e outra são irrelevantes**. Em sua grande maioria,



são ligeiras falhas de ortografia ou palavras dispostas em ordem diferente em uma frase.

Tais variantes **não afetam em nada a doutrina cristã**, mas isso os detratores da Bíblia não dizem, é claro! Imagine o número enorme de variantes gerado pelas simples trocas de “Jesus Cristo” para “Cristo Jesus” ou para “Senhor” no Novo Testamento... Acaso isso produz qualquer impacto no sentido do texto?

### O parecer dos estudiosos

Neste livro, a gente mata a cobra e mostra a espada Jedi! Quando dizemos que as variantes encontradas em cópias antigas da Bíblia não têm qualquer impacto na doutrina, nós nos baseamos no parecer de **especialistas em crítica textual** mundialmente reconhecidos. Uma explicação rápida: crítica textual é o estudo e a comparação entre antigos manuscritos com a finalidade de resgatar a versão original de um texto.

Daniel B. Wallace, estudioso do Novo Testamento, observou que, embora existam cerca de 300 mil variações de texto entre essas cópias do Novo Testamento, a grande maioria das diferenças é completamente sem importância, como erros de ortografia, frases invertidas ou coisas similares.<sup>[1]</sup> A opinião desse sujeito tem peso: ele é diretor-executivo do Centro para o Estudo de Manuscritos do Novo Testamento, organização que está digitalizando todos os manuscritos conhecidos da Bíblia com a finalidade de garantir a preservação de seu conteúdo.

Vejamos agora o que disse Frederic G. Kenyon, ex-diretor do

Museu Britânico e ex-presidente da Academia Britânica e da Escola Britânica de Arqueologia (em Jerusalém). Tendo pesquisado papiros antigos por muitos anos, ele garantiu que “... em nenhum outro caso o intervalo de tempo entre a composição do livro e a data dos manuscritos mais antigos é tão próximo como no caso do Novo Testamento”.<sup>[2]</sup> Ainda segundo ele, **“não resta nenhuma dúvida de que as Escrituras chegaram até nós praticamente com o mesmo conteúdo dos escritos originais”**.<sup>[3]</sup>

Bruce M. Metzger é um dos estudiosos mais influentes do Novo Testamento. Foi a ele que Bart D. Ehrman dedicou o seu best-seller *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?* (falaremos sobre esse livro mais adiante), chamando-o de “meu mentor e Pai-Doutor”. Em uma entrevista, perguntaram a Metzger quantas doutrinas da Igreja estão em risco por causa das variações entre os manuscritos do Novo Testamento. Eis a sua resposta:

Não sei de nenhuma doutrina que esteja em risco. [...] As variações mais significativas não solapam nenhuma doutrina da Igreja. Qualquer Bíblia que se preza vem com notas que indicam as variações de texto mais importantes. Mas, como eu já disse, esses casos são raros.<sup>[4]</sup>

Outra grande autoridade nesse assunto é F. F. Bruce, teólogo formado pelas universidades de Aberdeen, Cambridge e Viena. Foi professor de grego nas universidades de Edimburgo e de Leeds e depois assumiu o Departamento de História e Literatura Bíblica na Universidade de Sheffield. Aposentou-se em 1978

como professor de crítica e exegese bíblica na Universidade de Manchester. Ele, que é autor do clássico *Merece confiança o Novo Testamento?*, afirmou que “no mundo não há qualquer corpo de literatura antiga que, à semelhança do Novo Testamento, desfrute uma tão grande riqueza de confirmação textual”.<sup>[5]</sup>

É importante notar que os pesquisadores da Bíblia têm à sua disposição fontes muito privilegiadas. Afinal, eles podem comparar os textos atuais com **papiros produzidos em datas muito próximas às dos manuscritos originais**. Muitos desses papiros são, provavelmente, cópias diretas dos originais, ou estão distantes, no máximo, duas gerações. Além disso, os milhares de cópias do Novo Testamento, em diversas línguas, tornam muito fácil identificar qualquer alteração relevante feita por um copista descuidado ou mal-intencionado.

Porém, não é preciso ser nenhum especialista para notar a autenticidade do texto do Novo Testamento, pois há muitas evidências que podem ser verificadas por qualquer cristão por meio de um simples estudo bíblico.

### **Os católicos adulteraram o conteúdo do Novo Testamento?**

Com impacto comparável ao de *O código Da Vinci*, o livro *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê?* causou alvoroço e virou best-seller nos Estados Unidos. O autor, Bart D. Ehrman, alcançou o *status* de celebridade no mercado editorial americano. No livro, ele defende que os escribas fizeram alterações graves na Bíblia ao longo dos séculos, especialmente com a intenção de dar suporte aos dogmas

católicos. Por isso, o acesso às palavras originais do Novo Testamento seria impossível ao homem contemporâneo.

Ehrman foi apresentado no Brasil como “a maior autoridade em Bíblia em todo o mundo”. É mesmo? Quem disse? A editora e a equipe de marketing dele, ora bolas! Bem, um currículo de peso o cara tem: é PhD em teologia pela Universidade de Princeton e diretor do Departamento de Estudos Religiosos da Universidade da Carolina do Norte. Mas está bem longe de ser “o maior”.

Enfim... Vamos analisar algumas das afirmações equivocadas desse livro.

Ehrman disse que a Bíblia não é infalível, pois contém muitos erros e contradições. Como exemplo, cita a passagem em que Jesus diz que Davi comeu os pães da proposição (Mar 2, 25-26) no tempo do **sumo sacerdote Abiatar**. Porém, em I Sam 21, 1-6 está escrito que o sumo sacerdote naquela ocasião era **Aquimelec**, pai de Abiatar. **Essa diferença oferece algum problema para os cristãos? Não!** Por duas razões:

**1) Um fato narrado de forma diferente em dois livros da Bíblia não está necessariamente errado.** A maioria esmagadora dessas aparentes contradições já foi exaustivamente esclarecida pelos estudiosos, mas se — ainda — não se alcançou uma solução satisfatória para uma ou outra, isso não significa que a questão é inexplicável. Durante séculos, os cientistas não compreenderam certos fenômenos facilmente explicáveis nos dias de hoje, mas nem por isso desistiram de pesquisar e alcançar a verdade.

Sobre isso, Santo Agostinho explica:

Se estamos perplexos por causa de qualquer aparente contradição nas Escrituras, não nos é permitido dizer que o autor desse livro tenha errado; mas ou o manuscrito utilizado tinha falhas, ou a tradução está errada, ou nós não entendemos o que está escrito.<sup>[6]</sup>

**2) Quase cem por cento das discrepâncias detectadas na Bíblia não envolvem nenhum ponto da doutrina,** como é o caso dessa mudança do nome do sumo sacerdote. Em geral, são contradições relativas a nomes de cidades, datas de acontecimentos etc. Enfim, detalhes sem importância. Nenhum ensinamento necessário à salvação é afetado por esses pontos de dificuldade.

Críticos da Bíblia querem levar os desavisados a crerem que as aparentes divergências entre as narrativas dos evangelistas são erros, quando não passam de formas diferentes de dizer a mesma coisa. As palavras empregadas variam, mas a essência não muda. Em certa passagem, Mateus (28, 2-5) diz que havia **um anjo** no túmulo de Jesus enquanto João afirma que havia **dois anjos** (Jo 20, 11-12). Há contradição aí? Não! Mateus citou a presença de um anjo, mas em momento algum disse que havia *apenas* um anjo. Os relatos não divergem, afinal, onde quer que haja dois, sempre há um. Então... não há erro!

A superficialidade das críticas de Bart Ehrman é gritante. Por exemplo, em Marcos (4, 30-32), Jesus compara o Reino dos Céus a um grão de mostarda, “a menor de todas as sementes da

Terra, mas, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças”. Aí, o senhor Ehrman vem e diz que isso é um erro, pois o grão de mostarda, não é, de fato, o menor entre todos os grãos da Terra (Sério? É esse o cara que querem vender como “a maió otôridadi em briba do múnido”??!!).

Ora, Jesus usava uma linguagem próxima à cultura do povo, citando em suas parábolas elementos que faziam parte do cotidiano, como videiras, ovelhas, bois, pardais, lírios-do-campo, grãos de mostarda etc. Acaso o Senhor estava pretendendo dar uma aula de botânica? A crítica sobre a passagem do grão de mostarda é tão estúpida e sem lógica que chega a ser patética. Usando esse mesmo raciocínio chapado, alguém poderia afirmar: “Jesus cometeu um erro grosseiro quando disse que os lírios-do-campo se vestiam melhor do que o rei Salomão. Afinal, alguém aí já viu flor usando roupa?”

### **Os pontos de dificuldade do Novo Testamento evidenciam a sua autenticidade**

Na Bíblia, há algumas dificuldades e passagens obscuras, não erros. **Ela é a Palavra de Deus, é infalível.** Em vez de desacreditarem o texto bíblico, os pontos de dificuldade evidenciam a sua autenticidade. Afinal, se os copistas e as autoridades da Igreja Católica tivessem mesmo corrompido os textos bíblicos, tendo a faca e o queijo na mão, por que...

- ... deixaram de uniformizar as narrativas dos quatro Evangelhos, eliminando as aparentes contradições (como

é o caso do número de anjos no túmulo de Jesus)?

- ... não alteraram nem “deletaram” as passagens mais complicadas, que a Igreja tem trabalho para explicar, como a que cita os “irmãos de Jesus” ou a que mostra Jesus em aparente crise de fé (“Pai, por que me abandonaste?”)?
- ... **perderam a oportunidade de apresentar os apóstolos como homens sempre sublimes?** Por que mantiveram as passagens em que eles falam mal um do outro (como Paulo sobre Pedro) e agem de forma descrente, egoísta, interesseira ou tola?
- ... **deixaram de inserir textos que dessem apoio explícito a certos dogmas**, como a Assunção de Nossa Senhora aos Céus e a infalibilidade papal?

Que cada um tire as suas conclusões. Quem tem olhos, veja!

E pensar que um dos mais belos elogios à integridade e à autenticidade dos textos dos Evangelhos veio de um sujeito anticlerical chamado Jean-Jacques Rousseau. Ele, um dos mais importantes filósofos do Iluminismo (eca!), afirmou (grifos nossos):

**Diremos que a história do Evangelho foi inventada por prazer? Meu amigo, não é assim que se inventa; e os fatos de Sócrates, de que ninguém duvida, são menos atestados que os de Jesus Cristo. No fundo, é afastar a dificuldade sem a destruir. Seria mais inconcebível que vários homens de**

comum acordo tivessem fabricado esse livro que o fato de um só ter fornecido o assunto. Nunca os autores judeus teriam encontrado nem esse tom nem essa moral; e o Evangelho tem traços de verdade tão grandes, tão impressionantes, tão perfeitamente inimitáveis, que seu inventor seria mais espantoso do que o herói. Com tudo isso, esse mesmo Evangelho está cheio de coisas incríveis que ferem a razão e que um homem sensato não pode conceber nem admitir. Que fazer em meio a todas essas contradições? Ser sempre modestos e circunspetos, meu filho; respeita em silêncio o que não se pode rejeitar, nem compreender, e humilhar-se diante do grande Ser, o único que sabe a verdade.<sup>[7]</sup>

## COMO A BÍBLIA FOI COMPILADA?



**Há um dedo do imperador Constantino na Bíblia?**



O que você acharia de um sujeito que, após ver os filmes do Rambo, se considerasse apto a debater sobre a Guerra do Vietnã como um estudioso verdadeiramente entendido? Ridículo, não? Pois assim são certos leitores de Dan Brown: só porque leram um de seus livros de ficção, já se consideram profundos conhecedores da história da Igreja!

São essas crianças iludidas que espalham por aí que o imperador Constantino retirou e incluiu livros na Bíblia, conforme lhe deu na telha, durante o Concílio de Niceia em 325 d.C. Essa lenda já existe há algum tempo, porém ganhou popularidade recentemente, quando o livro *O código Da Vinci*, de Dan Brown, virou best-seller. O historiador Julio César Chaves, especializado em cristianismo antigo, explica:

É verdade que Constantino teve um papel importante no Concílio de Niceia, mas muito mais na sua convocação do que no seu desenvolvimento e nas suas decisões. Mas o mais importante no tocante a essa questão do Cânon é que o Concílio de Niceia simplesmente não discutiu nem proclamou nada em relação a isso. [...] A principal discussão do Concílio de Niceia não visava, nem de longe, a questão do Cânon, mas a divindade de Cristo e a maneira como ela deveria ser expressa dogmaticamente. Nem nas discussões adjacentes do Concílio, a questão do Cânon foi abordada.

Foram discutidas questões relativas às estruturas eclesiásticas, à dignidade do clero, readmissão de cismáticos e hereges arrependidos, e prescrições litúrgicas, por exemplo. Não houve absolutamente NENHUMA DISCUSSÃO SOBRE O

CÂNON. [...] Quem quiser olhar uma fonte menos acessível, porém mais confiável, pode consultar manuais de Patrologia (eu indico o do Altaner & Stuiber ou o do Drobner).<sup>[8]</sup>

### **Por que a Igreja não inseriu os textos apócrifos na Bíblia?**

O texto “Quase”, creditado ao cronista Luis Fernando Verissimo, já foi lido por milhares de pessoas na internet. O texto se tornou tão popular que chegou a ser traduzido e publicado na França, numa coletânea de escritores brasileiros. O “detalhe” é que não foi produzido por Verissimo, mas sim por uma estudante de medicina de Florianópolis. Esse tipo de confusão acontece com diversos outros autores.

Mais famoso ainda no meio católico é o texto “Santos de calça jeans”, que muita gente até hoje jura que é de autoria de São João Paulo II. Entretanto, o papa polonês jamais disse ou escreveu aquelas palavras (ouço o som de coraçõezinhos se partindo...)!

Esses dois casos têm tudo a ver com o tema sobre o qual falaremos agora: textos apócrifos. Se em pleno século XXI, com tantos recursos de informação disponíveis, é possível que textos sejam falsamente atribuídos a uma pessoa de renome, amplamente divulgados e tidos por muitos como legítimos, imagine como era fácil forjar a autoria de textos na Antiguidade!

Há uma multidão de pessoas, sedentas por qualquer novidade que desmoralize a fé católica, que adora dar crédito aos apócrifos, como se fossem documentos da mais alta

credibilidade. É esse tipo de gente que enche os bolsos de picaretas como o escritor do livro sobre o “evangelho perdido”, que diz que Jesus casou com Madalena.<sup>[9]</sup> Mas vamos ao que interessa: o que são os famigerados apócrifos e por que eles não fazem parte do Cânon?

### **Dicionário de catoliquês: Cânon**

Lista oficial dos livros inspirados da Sagrada Escritura. Do grego *kanon*, “vara reta, padrão de excelência”; ou seja, os textos canônicos são a regra, a medida e o modelo para os cristãos.

O primeiro passo é definir o que é um texto apócrifo. A palavra significa, comumente, “livro secreto”, mas aquilo que chamamos de apócrifo é muito mais que isso. Segundo Julio César Chaves, podemos dizer, de forma simplificada, que um apócrifo do Novo Testamento é um texto com as seguintes características:

- composto na Antiguidade ou na Antiguidade tardia;
- com conteúdo religioso e/ou teológico, que imite ou faça referência a um dos gêneros literários do Novo Testamento (Evangelhos, Epístolas, Atos e Apocalipses);
- com autoria falsamente atribuída a uma figura de destaque do judaísmo ou do cristianismo primitivo, geralmente um apóstolo, em uma tentativa de conferir

autoridade à obra.<sup>[10]</sup>

Alguns apócrifos são completamente heréticos e descabidos, outros misturam verdades e delírios. Alguns até trazem conteúdos muito edificantes, apesar de conterem elementos da imaginação popular (e, por isso mesmo, a Igreja os olhou com prudência e desconfiança). O protoevangelho de Tiago, por exemplo, é considerado um livro venerável, tendo sido citado por vários pais da Igreja, como Orígenes e São Justino, portanto é bastante provável que esse apócrifo se comunique com conteúdos autênticos da Tradição (misturados, porém, a alguns erros de fé), apesar de não ser um livro inspirado.

#### **Dicionário de catoliquês: Inspirado**

O Papa Leão XIII explicou, em sua encíclica *Providentíssimus Deus*: “A inspiração é um impulso sobrenatural pelo qual o Espírito Santo excitou e conduziu os escritores sagrados e lhes prestou a sua assistência enquanto escreviam, de modo que eles recordassem exatamente, quisessem reproduzir com fidelidade e exprimissem com infalível verdade tudo o que Deus lhes ordenava e só o que lhes ordenava que escrevessem”.

Para quem quiser se aprofundar no estudo desse tema, fica uma dica de leitura: *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, de Julio Trebolle Barrera.

## Como foi compilado o Novo Testamento?

O Novo Testamento é essencial para a vida de qualquer cristão e influi fortemente na vida de todos os ocidentais, mesmo não cristãos e ateus. Então, é muito interessante que saibamos como foram selecionados os textos dignos de compor esse cânon e quais critérios foram utilizados pela Igreja ao fazê-lo.

Os escritos de alguns autores da Igreja primitiva — Papias de Hierápolis, Justino Mártir e Irineu de Lyon — permitem-nos assegurar que os quatro Evangelhos já eram lidos na liturgia cristã nessa época e que os cristãos já atribuíam a esses textos um caráter sagrado. Por volta do ano 180 d.C., Irineu, bispo de Lyon, fala de um evangelho quadriforme (Contra as Heresias III, 11, 8), que reunia os quatro Evangelhos canônicos que conhecemos hoje (Marcos, Mateus, Lucas e João). Ele alertou os cristãos para a existência de outros evangelhos, que já começavam a circular naquele tempo e que não eram dignos de confiança — ou seja, já havia apócrifos nos primórdios do cristianismo.

O escritor e historiador francês Daniel-Rops explica como a Igreja escolheu quais livros eram inspirados (canônicos) ou não (apócrifos):

A escolha não foi feita de forma rígida, *a priori*, *ex cathedra*: a decisão nasceu da própria vida, com serena naturalidade. Houve certamente hesitações, reflexões e talvez discussões. [...] O certo é que a Igreja se mostrou extremamente rigorosa nos métodos que presidiram à sua escolha. Tertuliano conta,

por volta do ano 200, que uns trinta anos antes aparecera na província da Ásia um livro dos Atos de Paulo, em que se via o Apóstolo converter uma jovem pagã chamada Tecla e esta pôr-se logo a pregar admiravelmente o Evangelho. Como o relato parecesse suspeito, procuraram o seu autor, um sacerdote mais cheio de boas intenções do que de prudência, e imediatamente o degradaram.<sup>[11]</sup>

Portanto, fica claro que os bispos da Igreja eram muito criteriosos e não saíam gritando “Ô, glória!” pra qualquer livro que contasse uma história maravilhosa sobre os apóstolos. **O principal critério de canonicidade é a inspiração**; ou seja, para que um texto faça parte do Cânon, é necessário que ele seja inspirado. E **um texto só era admitido como inspirado quando todas as comunidades da Igreja, em toda parte, o reconheciam como fiel à verdadeira tradição e à Boa-Nova**. Alguns apócrifos — como o venerável texto do Pastor de Hermas — foram lidos, difundidos e usados em liturgias específicas, mas nunca de maneira universal.

À medida que a Igreja primitiva avançava e que as décadas passavam, os quatro Evangelhos se difundiam e eram cada vez mais lidos e consumidos pela cristandade, sendo usados na liturgia. E o mesmo foi acontecendo com os demais textos do Novo Testamento (somente o Apocalipse demorou para ser aceito no Oriente).

Nesse processo de estabelecimento do Cânon, **foi fundamental o papel das testemunhas vivas**, pessoas que foram discípulas dos apóstolos e, assim, puderam atestar que aquelas

palavras provinham mesmo de Jesus e que os textos haviam sido compostos pelos apóstolos e por discípulos diretos dos apóstolos. Os bispos que haviam sido discípulos diretos dos apóstolos — ou discípulos daqueles que haviam sido evangelizados pelos apóstolos — carregavam o Evangelho com todo o seu frescor. Eles podiam identificar um texto sagrado com os olhos fechados.

Esse fato histórico é um golpe mortal na doutrina protestante da Sola Scriptura (somente as Escrituras têm autoridade de fé), pois se sabe que **a Tradição oral, pelo testemunho das autoridades da Igreja, precedeu a Bíblia.** A Igreja, portanto, gerou a Bíblia, e não o contrário. Afinal, quando subiu aos Céus, Jesus não deixou o Novo Testamento escrito, mas sim a Sua Igreja, com uma liderança visível e incontestável: os Seus apóstolos.

Os quatro Evangelhos, como sabemos, contêm aparentes divergências em certos pormenores. Teria sido fácil para os padres primitivos harmonizá-los em um texto único, e de fato Taciano, discípulo de São Justino, compôs um Evangelho único, fazendo uma síntese dos quatro, intitulado *Diatessarão*. Apesar de ter grande apreço por essa obra, a Igreja nunca a adotou de forma universal, preferindo manter os quatro Evangelhos, um após o outro, com suas individualidades e diferenças. Rops tem razão ao dizer que essa atitude “é uma das mais belas provas da verdade dos vinte e sete textos”, referindo-se aos livros do Novo Testamento.

**No fim do século II, a escolha dos textos inspirados estava concluída de modo definitivo.** A prova está no *Cânon de Muratori*,

escrito por volta do ano 200 d.C., em Roma. Esse documento, que contém o índice das partes da Sagrada Escritura, mostra que, naquela época, a Igreja Católica já possuía o mesmo cânon de hoje (com exceção das epístolas de São Tiago e de São Pedro, que foram aceitas um pouco depois), como explica Julio César Chaves:

No séc. IV, ao menos um documento eclesiástico define o Cânon de maneira institucional e oficial. Vejam bem, estamos falando de maneira oficial e institucional, porque, na prática, para a grande maioria dos cristãos, o Cânon já era conhecido.

Um desses documentos é a Carta Festiva de 367 de Atanásio. Nessa carta, o Bispo de Alexandria fornece uma lista dos livros canônicos. No tocante ao Novo Testamento, essa lista tem exatamente os mesmos textos do Novo Testamento hoje. Ainda no séc. IV, o Papa Dâmaso ordenou que São Jerônimo normatizasse a tradução latina da Bíblia. Essa versão ficou conhecida como “Vulgata”, e tornou-se, de certa maneira, uma versão oficial da Igreja latina, com os mesmos textos do Novo Testamento que até hoje são considerados canônicos pelos católicos.<sup>[12]</sup>

O Novo Testamento compilado pela Igreja Católica aparece integralmente na Bíblia mutilada dos protestantes. A diferença da Bíblia protestante está no Antigo Testamento, do qual eles arrancaram sete livros.



## POR QUE A BÍBLIA PROTESTANTE É DIFERENTE?



A principal diferença da Bíblia protestante para a Bíblia católica (além de questões ligadas à tradução) é que faltam os sete livros deuterocanônicos, além de partes dos livros de Daniel e de Ester:

- Tobias
- Judite
- Primeiro Livro dos Macabeus
- Segundo Livro dos Macabeus
- Sabedoria
- Eclesiástico
- Baruc

- partes dos livros de Daniel e de Ester

O termo “deuterocanônico” significa “segundo o cânon”, ou seja, são textos que foram reconhecidos oficialmente pela Igreja como inspirados. Ainda antes desse reconhecimento, a maioria dos cristãos da Igreja primitiva já considerava os deuterocanônicos como inspirados, já que **estavam presentes na Septuaginta**, uma versão das Escrituras hebraicas traduzida para o grego antes mesmo do nascimento de Cristo. Essa tradução foi feita por 72 sábios judeus, por isso recebeu o nome Septuaginta.

O papa e os bispos da Igreja reconheceram a inspiração divina dos sete livros deuterocanônicos em quatro concílios: Roma (ano 382), Hipona (ano 393), Cartago (ano 397) e Trento (ano 1546). A partir da Reforma Protestante, porém, os protestantes passaram a dizer que esses livros não eram inspirados, mas é muito estranho que cristãos que dizem seguir somente a Bíblia tenham arrancado dela as partes que não lhes convinham. Com que autoridade? Bem, vejamos suas três principais justificativas...

### **“Jesus e seus apóstolos não citam os livros deuterocanônicos”**

As pessoas que defendem a versão mutilada da Bíblia alegam que não aceitam como legítimos os deuterocanônicos porque Jesus e seus apóstolos nunca citaram uma passagem desses livros. Como nunca citaram? Algumas fontes dizem que os deuterocanônicos são citados no mínimo 150 vezes no Novo Testamento, de modo explícito ou implícito. Só pra mostrar um

exemplo, comparemos duas passagens, uma do Evangelho e outra de um livro deuterocanônico: “Nas vossas orações não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que serão ouvidos” (Mt 6, 7) e “Não sejas loquaz na assembleia dos anciãos e não repitas as tuas palavras na oração” (Eclo 7, 15).

Para quem curte fazer estudo bíblico, aqui vão outras passagens para comparar e notar as claras referências do Novo Testamento a textos de livros deuterocanônicos: Mt 6, 14-15 e Eclo 28, 2; Mt 7, 12 e Tb 4, 15-16; Lc 12, 18-20 e Eclo 11, 19; At 10, 34 e Eclo 35, 15; At 10, 26 e Sb 7, 1; e Mt 8, 11 e Br 4, 37.

Segundo o teólogo americano Joel Peters, o Novo Testamento cita o Antigo Testamento cerca de 350 vezes, sendo que aproximadamente trezentas destas citações (86 por cento) foram retiradas da Septuaginta, que continha os livros deuterocanônicos. Ora, se Jesus e seus apóstolos utilizavam uma fonte que continha esses sete livros, como poderiam rejeitá-los?

### **“Os judeus rejeitam esses livros”**

Cerca de cinquenta anos após a morte de Cristo, no sínodo de Jâmnia, um grupo de judeus rejeitou os deuterocanônicos. Certo... E daí? Em primeiro lugar, esse sínodo foi motivado justamente pela polêmica contra o cristianismo, que eles entendiam ser uma seita de hereges. Então, se os cristãos se baseavam nos deuterocanônicos, nada mais natural que seus perseguidores se opusessem a esses textos. Aliás, os judeus que

participaram desse sínodo eram, em sua maior parte, do ramo do judaísmo farisaico e não tinham ligação alguma com os discípulos de Cristo.

### **“Os livros deuterocanônicos contêm doutrinas antibíblicas”**

Os sete livros tirados da Bíblia pelos protestantes não contêm doutrinas antibíblicas, eles contêm doutrinas antiluteranas, isso sim! Por isso mesmo foram arrancados, para não denunciar as heresias do pai da Reforma Protestante. Imagina se Lutero ia engolir a passagem de II Macabeus 12, 42-46, que fundamenta a oração pelas almas do Purgatório!

O padre Antônio Xavier, especialista em exegese bíblica, explica:

Lutero tinha muita dificuldade em aceitar estes livros como canônicos, especialmente Macabeus, por questões teológicas. No entanto, quando traduziu a Bíblia para o alemão em 1537, traduziu inclusive os deuterocanônicos, colocando-os em anexo ao fim do volume. Em outras palavras, Lutero considerava os deuterocanônicos como de valor inferior, mas não os retirou da Bíblia como se escuta dizer em nosso tempo. Em 1618, num sínodo calvinista na Holanda, algumas pessoas pediram que estes livros fossem retirados da Bíblia, e mesmo os calvinistas daquele tempo não aceitaram a retirada, mas aceitaram que fossem impressos com letras menores. Infelizmente, em 3/5/1826, a Sociedade Bíblica

Inglesa decidiu que os deuterocanônicos deveriam ser retirados da Bíblia protestante, e iniciou-se o processo de impressão sem tais livros, assumindo o cânon judaico de Jâmnia e chamando os deuterocanônicos de apócrifos.<sup>[13]</sup>

Lutero também quis retirar livros do Novo Testamento, como Apocalipse, Hebreus e Tiago, mas, como o escândalo seria grande demais, seus comparsas o convenceram a não fazer isso, achando mais seguro deturpar sua interpretação do que invalidar esses livros.

Lutero babava de raiva ao pensar na Carta de Tiago, afinal esse texto diz que “a fé sem obras é morta”, o que torna insustentável a tese protestante de salvação apenas pela fé, chamada Sola Fide. Veja o que Lutero diz no seu prefácio à tradução do Novo Testamento em 1522: “Portanto, a epístola de São Tiago é realmente uma epístola de palha, comparada com as outras, pois não tem nada da natureza do evangelho nela”.

Pense: por onze séculos, toda a cristandade aceitou formalmente como inspirados os livros deuterocanônicos e por quinze séculos os aceitou informalmente. Partindo do princípio de que são falsos, temos de dizer que Deus abandonou seu povo por mais de 1.500 anos, deixando os cristãos se guiarem por livros sem valor, repletos de falsas doutrinas. Então, chegou Lutero, passou a foice na Bíblia e deixou tudo no esquema. Essa tese parece razoável?

## **O LIVRO DO GÊNESIS COPIA MITOS ANTIGOS?**

Corre por aí a história de que o Gênesis foi inspirado no Livro Sagrado dos Sumérios e em alguns outros mitos da Antiguidade. A teoria do Gênesis plagiado não é nova e, de tempos em tempos, revistas sensacionalistas “requeentam” o assunto com uma abordagem superficial e intelectualmente desonesta.

Precisamos compreender algo já evidenciado por muitos estudiosos: **todos os relatos da criação do mundo, criados pelos povos mais variados, apresentam semelhanças incríveis.** Isso é compreensível no caso de nações com intercâmbio histórico, pois um povo pode ter influenciado a cultura do outro, mas é especialmente intrigante quando vemos que povos que não tiveram contato no passado possuem relatos sobre a criação do mundo muito similares ao Gênesis.

Segundo um mito cosmogônico polinésio, por exemplo, “só existiam inicialmente as Águas e as Trevas. O deus supremo, Io, separou as Águas pelo poder de seu pensamento e criou o Céu e a Terra. Ele disse: ‘Que as Águas se separem, que os Céus se formem, que a Terra exista!’”.[14] Isso lembra a você alguma coisa?

Considere também o mito tupi sobre como a noite nasceu, traduzido para o português pelo folclorista brasileiro Couto de Magalhães. Segundo o mito, no princípio não havia noite, somente dia, e todas as coisas falavam. Até que, por curiosidade e desobediência, um índio abriu um caroco de tucumã e ferrou geral — olha o fruto proibido, olha a caixa de Pandora aí, gente!

Também é impossível não notar a semelhança entre diversas narrativas indígenas sobre a origem do mal no mundo e o mito da caverna de Platão. Será que algum extraterrestre visitou a

Amazônia e deixou lá alguns papiros de textos gregos antigos?

### Como explicar essas “coincidências”?

Segundo Roberto de Andrade Martins, físico e historiador da ciência brasileiro, o psicólogo Carl Jung propôs uma explicação para essas semelhanças, supondo que “o inconsciente de cada pessoa tem dois tipos de componentes: por um lado, lembranças pessoais de sua própria vida e, por outro lado, imagens impessoais, uma espécie de memória da raça humana, herdada por cada pessoa ao nascer”, o que “explicaria as semelhanças entre mitos de civilizações totalmente distintas e sem ligação histórica conhecida”.<sup>[15]</sup>

Teorias à parte, o fato é que, misteriosamente, **a intuição de que o mundo era perfeito quando foi criado e que depois ocorreu algo que melou tudo é universal**. De alguma forma, todo homem “sabe” que foi expulso do Paraíso, que está fora do seu lugar. A inconformidade com o mal e o desejo de retornar ao Paraíso perdido pulsam no coração de cada pessoa, aparecendo em elementos muito similares nas lendas de cada povo sobre a criação do mundo.

É por isso que a repetição de elementos narrativos do Gênesis nas lendas de outros povos — o fruto proibido, o homem feito a partir do barro, o mundo criado a partir das trevas e da água, o dilúvio etc. — não deve ser motivo de escândalo ou confusão. E, por mais que os ateus insistam na tese de que é possível comprovar o plágio do Gênesis, a verdade é que nunca apareceu

uma prova relevante. Até hoje, os estudiosos sérios só conseguiram chegar a **duas conclusões concretas**:

- muitas ideias básicas se repetem nas mitologias de diversos povos sobre a criação do mundo;
- algumas teorias, como a de Carl Jung, tentam explicar como povos sem ligação histórica conhecida possuem relatos tão similares sobre a criação do mundo, mas não existe nada conclusivo.

Portanto, não há prova de que o Gênesis é um plágio — muito pelo contrário! O coração dos homens de todo o mundo tem exatamente a mesma intuição. O mundo era perfeito e perdemos o paraíso por causa de nosso pecado.

## **POR QUE NÃO SEGUIMOS AS LEIS DOS JUDEUS?**

Virou modinha entre os anticitólicos e entre os cristãos relativistas citar certos preceitos do Levítico, que são vistos por eles como leis estúpidas, para zombar da Bíblia e daqueles que nela apoiam a sua fé. Os defensores da causa LGBT, em especial, questionam, com ironia: “O Levítico, que condena os atos homossexuais, também proíbe comer camarão e aparar as laterais da barba. Os cristãos não pecam contra essa lei?” Quem fala assim, não faz ideia de como interpretar corretamente a Bíblia!

O Levítico, livro dos levitas (sacerdotes), tinha o objetivo de



expor ao povo de Israel quais normas religiosas e sociais deveriam seguir. Como todos os demais livros da Bíblia, foi totalmente inspirado por Deus. Podemos dizer, *grosso modo*, que equivalia ao nosso Catecismo, ao Código de Direito Canônico e à Instrução Geral do Missal Romano, incluindo ainda instruções de higiene, agricultura e bons costumes.

Algumas regras levíticas ainda são perfeitamente compreensíveis, tais como condenações a atos de vingança, ao incesto, ao sexo com animais e a sacrifícios humanos. Porém, **vários preceitos soam estranhos à maioria das pessoas**, entre eles:

- a proibição de usar tecido feito com dois tipos de fios;
- a proibição de cortar o cabelo em redondo e aparar as laterais da barba;
- a proibição de comer carne de porco, camarão, mariscos, coelho etc.;
- a proibição de tocar em uma mulher menstruada;
- a proibição de comer os frutos dos três primeiros anos de colheita.

Apesar de parecerem incompreensíveis à primeira vista, essas regras possuem uma lógica bastante acessível. Elas não são seguidas pelos cristãos, o povo da Nova Aliança, mas tiveram um papel muito importante durante a Antiga Aliança.



## Povo de Israel, um povo separado

Ao redor do povo de Israel viviam povos das mais diversas crenças, que poderiam exercer uma forte influência sobre ele. Deus, então, **levou os hebreus a cultivarem costumes que evidenciassem a sua diferença em relação aos demais povos**, reduzindo assim o perigo de contaminação espiritual.

Iahweh falou a Moisés e disse: “Fala aos israelitas; tu lhes dirás: Eu sou Iahweh vosso Deus. Não procedereis como se faz na terra do Egito, onde habitastes; não procedereis como se faz na terra de Canaã, para onde vos conduzo. **Não seguirei os seus estatutos**”. (Lv 18, 1-3)

Portanto, se entre os pagãos a moda era aparar as laterais da barba e cortar o cabelo em redondo, os israelitas jamais adotariam um visual parecido. Quem o fizesse, cometeria crime

de idolatria, pois seria como se, com sua aparência, estivesse indicando que adorava o mesmo falso deus dos idólatras.

Quanto à proibição de misturar dois fios diferentes, como linho e lã, no mesmo tecido (Lv 19, 19), a intenção é clara, pois **Deus simbolizou aqui o seu desejo de separação entre o povo escolhido e os pagãos. Não se devem misturar duas coisas diferentes, pois haverá confusão e contaminação.** Tomando o cuidado constante de não misturar tipos diferentes de animais, grãos e fios de tecido, os israelitas reforçavam em sua consciência a importância de se manterem puros, distintos e separados.

As restrições alimentares, que foram abolidas no Novo Testamento, seguem a mesma lógica. O Levítico (capítulo 11) estabelece a distinção entre os animais puros e impuros, indicando que não podem ser comidos coelho, porco, camarão, avestruz, cisne, morcego (viu, Ozzy?) e outros. Isso fez com que o povo de Israel fosse **mais saudável** e funcionou como uma conveniente **barreira contra a interação** entre os israelitas e os demais povos. Imagine como seria complicado um israelita comparecer a uma festa ou a um jantar na casa de um pagão, onde muitas vezes encontraria na mesa quase tudo o que lhe era proibido.

## **A impureza da menstruação**

A lei mosaica lista uma série de atos e ocasiões que tornam uma pessoa “impura”: comer sem lavar as mãos, tocar no cadáver de

um animal, tocar em um leproso ou tocar em uma mulher menstruada. Utilizamos o termo “impura” entre aspas porque **não se trata de uma impureza interior, mas meramente uma impureza ritual e exterior.**

Essas normas de higiene, seguidas também por vários povos pagãos da Mesopotâmia, foram devidamente revestidas de um significado superior. Elevadas à categoria de lei religiosa, elas foram aceitas e observadas de modo muito mais eficaz pelo povo, garantindo assim a saúde pública. Os israelitas, portanto, deveriam zelar por sua pureza interior e exterior de igual maneira.<sup>[16]</sup>

Na tradição dos cananeus, observada antes mesmo da instituição da lei mosaica, era impura, por certo número de dias, toda mulher que estivesse vertendo sangue, fosse por causa de menstruação, parto ou hemorragia. De certa forma, esse costume contribuiu para o cumprimento da divina promessa de que a descendência de Abraão seria mais numerosa do que os grãos de areia e do que as estrelas no céu. Ora, se um homem é impedido de tocar em sua mulher enquanto ela está menstruada, certamente isso aumentará as chances de que ele faça isso quando ela estiver fértil.

Além disso, e acima de tudo, os ritos de purificação exterior eram uma **imagem da purificação interior** (arrependimento e confissão) que, de acordo com a Nova Aliança, os cristãos devem realizar para poder comungar. O Antigo Testamento, afinal, educou e preparou o povo de Deus para a revelação da Boa-Nova.

## Os frutos da colheita e a Providência Divina

Tudo é dom de Deus. Se temos bens necessários à nossa sobrevivência e ao nosso bem-estar, devemos agradecer à Providência Divina. Sim, os homens trabalham e colhem os frutos de seu empenho e criatividade, mas, acima de tudo, é o Senhor quem os provê. Tudo depende Dele.

Para ensinar essa verdade aos hebreus, Deus ordenou que, nos primeiros anos após se estabelecerem na Terra Prometida, renunciassem aos frutos da terra nascidos de seus esforços, colhendo somente os frutos das árvores já existentes no local. Assim, poderiam atestar que apenas Deus os sustentava, sendo então vacinados contra a tentação de confiar em si mesmos mais do que no Pai.

Quando tiverdes entrado na terra e tiverdes plantado alguma árvore frutífera, considerareis os seus frutos como se fossem o seu prepúcio. Durante três anos serão para vós como coisa incircuncisa e não se comerá deles. No quarto ano, todos os frutos serão sangrados em uma festa de louvor a Iahweh. No quinto ano, podereis comer os seus frutos e recolher para vós mesmos o seu produto. Eu sou Iahweh vosso Deus. (Lv 19, 23-25)

Como vemos, o Levítico apresenta orientações de caráter local e provisório, que faziam sentido somente no tempo da Antiga Aliança, e também preceitos religiosos e morais imutáveis (como a condenação ao roubo, por exemplo). Como distinguir, então, o

que deve vigorar eternamente e o que deve ser abolido com o advento da Nova Aliança? Simples: é só buscar a devida instrução na **Tradição da Igreja no Sagrado Magistério**.<sup>[17]</sup>

Os atos homossexuais, em específico, não são condenados somente no Levítico, mas também no Novo Testamento e em toda a Tradição. E é sempre importante lembrar que aqueles que sentem atração por pessoas do mesmo sexo não devem ser estigmatizados nem condenados por essa condição. Eles devem ser acolhidos na Igreja com todo o respeito, sendo encorajados a prosseguir com alegria no caminho da santidade.

## **A IGREJA MEDIEVAL IMPEDIA A LEITURA DA BÍBLIA?**

Esse papo você já conhece... Segundo os protestantes que acusam a Igreja Católica de ter impedido o acesso dos fiéis aos textos sagrados, o clero malvado da Idade Média tinha medinho de que o povo descobrisse que as doutrinas católicas não têm respaldo na Bíblia. Ok, essa é a balela, agora vamos aos fatos!

A grande maioria dos católicos medievais não tinha mesmo acesso à Bíblia, mas isso não era culpa da Igreja. O culpado foi Gutenberg, que demorou demais a vir ao mundo! Ele nasceu no fim do século XIV e **inventou a revolucionária prensa móvel**. Se tivesse nascido alguns séculos antes, certamente as coisas teriam sido diferentes!

Na era medieval, uma Bíblia era tão valiosa que, se um cara ganhasse uma de presente, certamente teria um chique de contentamento! Seria meio como ganhar na loteria. É bem

diferente de hoje, quando uma única gráfica pode imprimir centenas de exemplares por dia, com custos muito menores. Por isso, quase todas as pessoas que a gente conhece têm dinheiro para comprar uma Bíblia, ainda que seja usada.

Mas, enquanto o Seu Gutenberg não dava as caras neste mundo, **cada Bíblia era copiada à mão, e por isso tinha um custo altíssimo. Um exemplar da Bíblia levava ao menos UM ANO pra ficar pronto**, às vezes bem mais, dependendo da complexidade das iluminuras (desenhos). Tudo era feito a bico de pena!

A escassez e o custo de produção justificavam a necessidade de acorrentar as Bíblias em locais disponíveis para a consulta popular: bibliotecas, mosteiros ou igrejas. As correntes não impediam a leitura, mas sim o furto desse item valioso. Certa vez, São Francisco de Assis, não tendo outros bens com os quais socorrer a pobre mãe de um dos seus irmãos franciscanos, deu a ela o único exemplar do Novo Testamento que eles tinham. Ela o vendeu e conseguiu grana suficiente para se sustentar por dois anos... Dois anos! E olhem que nem era a Bíblia inteira.<sup>[18]</sup>

Dizem também que a Igreja não permitia traduções da Bíblia para outras línguas. Essa é uma história muito mal contada, que vamos entender melhor agora. **Na Idade Média, a grande maioria das Bíblias era escrita em latim**, o idioma universal na Europa. A Igreja permitia, sim, que fossem feitas traduções da Bíblia para idiomas locais (línguas vernáculas), mas seu acesso, em geral, era restrito. É isso que podemos concluir das normas do Papa Paulo V, publicadas em 1564:

Regra III: [...] (o uso) das traduções dos livros do Antigo

Testamento poderá ser concedido, a juízo do Bispo, unicamente a homens doutos e piedosos sob a condição de que tais traduções sejam usadas apenas para esclarecer a Vulgata e melhor entender a S. Escritura....

Regra IV: [...] ouvido o pároco ou confessor, se conceda a leitura da Bíblia em língua vernácula àqueles que se possa prever retirarão de tal leitura aumento de fé e de piedade sem prejuízo algum espiritual.<sup>[19]</sup>

Essas restrições de acesso a textos traduzidos da Bíblia tinham fortes razões de ser. Os hereges cátaros, a partir do século XII, começaram a usar traduções da Bíblia para espalhar seu veneno pela Europa. Eles se aproveitavam da pouca instrução dos camponeses para “catequizá-los” com interpretações deturpadas dos Evangelhos. Por exemplo, no século XIV, o padre John Wycliffe fez uma tradução não autorizada da Bíblia para o inglês, utilizando-a como um meio de propagandear suas heresias.

Foi em razão do abuso dos cátaros que o concílio regional de Toulouse (França, 1229) proibiu PROVISORIAMENTE aos leigos a leitura da Bíblia em língua corrente. A Igreja foi obrigada a tomar tal medida para proteger o povo de enganações. Então, é bom frisar:

- essa proibição era provisória e não proibia o acesso ao texto em latim;
- o concílio era **regional**, então a proibição **não** valia para toda a Igreja.



Outro problema muito comum era a introdução de erros que alteravam o sentido do texto. E os erros não apareciam só no texto, mas também nos prólogos e em notas de rodapé tresloucadas. Por isso, a Igreja era tão cautelosa em relação às traduções. Assim, de modo geral, **a Igreja medieval não se opôs a traduções fiéis, mas somente às traduções deturpadas.** Inclusive, do século VII ao XVII, a Igreja produziu várias traduções da Bíblia para línguas locais.

Inicialmente, a leitura da Bíblia foi amplamente estimulada pela Igreja. Depois, esse impulso retrocedeu como consequência da dura **luta contra a heresia do livre exame da Bíblia**, a crença de que cada cristão pode interpretá-la a seu modo. Foi preciso, mais do que nunca, orientar os fiéis a ouvirem a voz dos legítimos pastores. E o foco foi dado na **transmissão oral da fé** — como, aliás, se dava a evangelização na Igreja primitiva<sup>[20]</sup> —, muito mais do que na leitura bíblica. Observe que **Jesus não disse “Quem lê a Bíblia, a mim ouve”, mas sim “Quem vos ouve [aos apóstolos] a mim ouve”** (Lc 10, 16). Então, para entender e seguir corretamente o que diz a Bíblia, devemos ouvir os sucessores daqueles a quem Jesus deu a missão de nos ensinar.

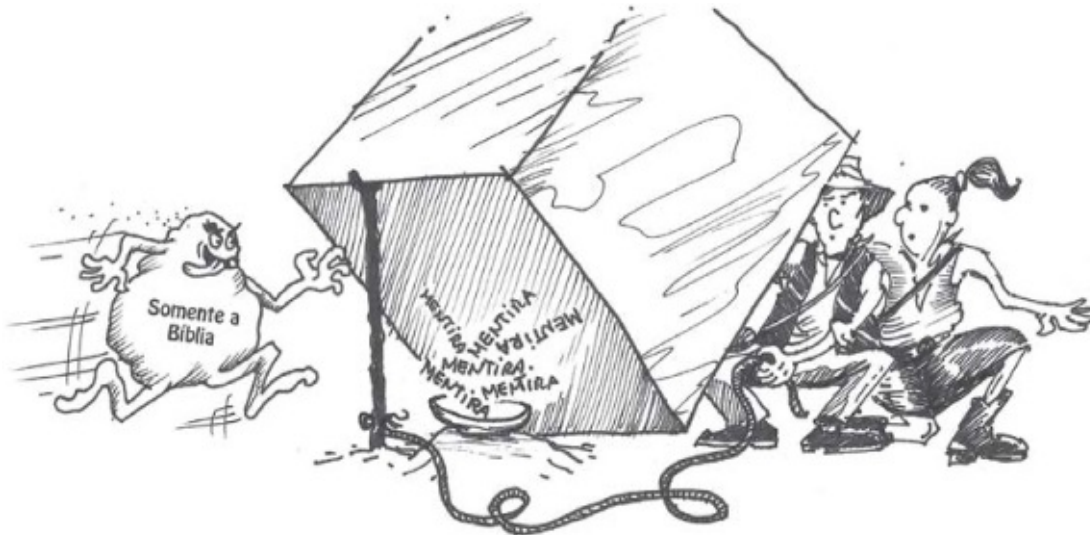
A partir do início do século XX, com o Papa São Pio X, a Igreja entendeu que era preciso estimular novamente o povo a ler a Bíblia em sua língua nativa. Seu sucessor, o Papa Bento XV, seguiu essa mesma linha e, em 1920, publicou a encíclica *Spiritus paraclitus*, na qual escreveu:

45. Pelo que Nos toca, Veneráveis Irmãos, à imitação de São

Jerônimo jamais cessaremos de exortar a todos os fiéis cristãos para que leiam diariamente sobretudo os Santos Evangelhos de Nosso Senhor, os Atos e as epístolas dos Apóstolos, tratando de convertê-los em seiva do seu espírito e em sangue de suas veias.<sup>[21]</sup>

Portanto, leiamos a Bíblia todos os dias e, acima de tudo, ouçamos àqueles que podem nos ajudar em sua correta interpretação: o papa, seus bispos e sacerdotes. A Igreja promoveu a escuta da Palavra de Deus em todos os tempos, especialmente por meio da liturgia. Na missa, além de proclamada, a Escritura é explicada.

# Sobre a Tradição



## **POR QUE OS CATÓLICOS NÃO SEGUEM APENAS A BÍBLIA?**

Por quais meios Deus nos revela a Sua Palavra de modo infalível? Alguns dizem que somente por meio da Bíblia, mas quem afirma isso está em contradição com a própria Escritura, que diz que a Tradição oral também é um meio de transmissão da Palavra de Deus. “Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões e por conservardes as tradições tais como vo-las transmiti.” (I Cor 11, 2)

Que tradições são essas a que São Paulo se refere? Bem, ele não falava de tradições humanas, nem apenas de seus escritos,

mas de toda a Palavra de Salvação proferida por ele e pelos demais apóstolos. Confirmam: “Portanto, irmãos, ficai firmes; guardai as tradições que vos ensinamos **oralmente ou por escrito**” (II Ts 2, 15).



Ou seja, a própria Bíblia (Tradição escrita) diz que a Tradição oral também é um meio de revelação da Palavra de Deus. São Paulo coloca essas duas formas de revelação lado a lado, indicando que, mesmo distintas, têm o mesmo valor e provêm da mesma fonte divina. O apóstolo João confirma essa verdade: “Embora tenha muitas coisas a vos escrever, não quis fazê-lo com papel e tinta. Mas espero estar convosco e vos falar de viva voz, para que a nossa alegria seja perfeita” (II Jo 1, 12).

Em outras palavras, o apóstolo João não registrou por escrito tudo o que considerava necessário ensinar ao povo e a alegria dos cristãos só alcança a perfeição quando, além de estudar as Escrituras, são acolhidos os ensinamentos apostólicos transmitidos oralmente pelas legítimas autoridades da Igreja, ou seja, a Tradição.

A Bíblia também diz que nem tudo o que Jesus fez e ensinou foi posteriormente registrado nos Evangelhos. Sendo assim, obviamente, muitas coisas que os apóstolos aprenderam com Jesus foram comunicadas à Igreja de forma oral: “Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez. Se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam” (Jo 21, 25).

A Revelação é, portanto, o conjunto de fatos, atos e palavras que transmite o que os apóstolos receberam pelo ensinamento e pelos exemplos de Jesus e do Espírito Santo. A Sagrada Escritura registra por escrito a Revelação que mesmo antes já era comunicada aos cristãos por meio da Tradição oral.

### **A Tradição e as tradições**

A Tradição a que nos referimos aqui é a **Sagrada Tradição**, a Palavra de Deus que os apóstolos receberam de Cristo e transmitiram oralmente à Igreja. Atenção: a Sagrada Tradição não deve ser confundida com as tradições estabelecidas pelos homens da Igreja ao longo do tempo.

É preciso distinguir, desta Tradição, as “tradições”

teológicas, disciplinares, litúrgicas ou devocionais, nascidas no decorrer do tempo nas Igrejas locais. Elas constituem formas particulares, sob as quais a grande Tradição recebe expressões adaptadas aos diversos lugares e às diferentes épocas. É à sua luz que estas podem ser mantidas, modificadas e até abandonadas, sob a direção do Magistério da Igreja.<sup>[1]</sup>

**Um exemplo de tradição disciplinar:** para ser ordenado, um candidato ao sacerdócio precisa ingressar no seminário e estudar ao menos seis anos, mas já houve tempos em que um presbítero era eleito por aclamação popular, como aconteceu com Santo Agostinho.

**Um exemplo de tradição devocional:** a oração do Rosário. Essa devoção nasceu no século XIII, quando a Virgem Maria apareceu a São Domingos de Gusmão e recomendou o Rosário como arma para a conversão dos hereges e pecadores.

**Um exemplo de tradição litúrgica:** nas igrejas católicas de rito bizantino, o bispo fica sobre o *aetos* sempre que está de pé. Trata-se de um tapete redondo, que traz o desenho de uma águia sobrevoando uma cidade. A cidade murada representa a diocese, e a águia é um lembrete de que o bispo deve supervisionar todas as partes da sua diocese e defender seus fiéis.

| A Tradição                                                                                                                                                                                 | As tradições                                                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi revelada pelo próprio Cristo.</li> <li>• Foi transmitida oralmente pelos apóstolos.</li> <li>• É infalível.</li> <li>• É imutável.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Foram instituídas por homens da Igreja.</li> <li>• Podem ser modificadas ou extintas.</li> <li>• São uma expressão da grande Tradição, adaptada às diversas épocas e lugares.</li> </ul> |

## A patrística

A Sagrada Tradição, escrita e oral, foi documentada e aprofundada nas atas dos concílios e nos escritos das primeiras gerações de padres e bispos, os chamados **padres da Igreja**. O conjunto da obra desses líderes da Igreja primitiva se chama **patrística**.

Os escritos patrísticos nos permitem saber como as primeiras gerações de padres da Igreja interpretavam as Escrituras. Os pontos de fé em que vários padres estão de acordo revelam a doutrina universalmente aceita na Igreja primitiva. Tal interpretação serve como um guia para a Igreja, uma luz para a correta interpretação da Bíblia.

Portanto, a própria Escritura ensina que são duas as **formas de transmissão** da Palavra infalível de Deus: a Bíblia e a Tradição. A Igreja é a guardiã dessa Palavra revelada; assim, interpreta-a e a transmite fielmente ao povo de Deus por meio do **Sagrado Magistério**.

## Como funciona o Sagrado Magistério?

Dardilene (nossa personagem fictícia) arrumou um novo emprego como dançarina e *stripper*. Quando ela comentou sobre seu trabalho na igreja que frequenta, o povo ficou chocado e a repreendeu, mas a moça ignorou a advertência de seus irmãos, já que ninguém conseguiu mostrar onde está escrito que fazer *strip-tease* é pecado.

Bem, dentro da lógica mais restrita da doutrina proposta por Martinho Lutero, Dardilene tem razão. A palavra *strip-tease* não aparece na Bíblia, nem qualquer referência a essa atividade, e Dardilene se recusa a acreditar em algo que não esteja escrito de forma explícita nas Escrituras!

Usando esse mesmo princípio, os irmãos protestantes questionam os católicos:

- Onde está escrito na Bíblia que Pedro foi o primeiro papa?
- Onde está escrito na Bíblia que Jesus fundou a Igreja Católica?
- Onde está escrito na Bíblia que Maria foi preservada do pecado original?

Alguns católicos mais inocentes caem nessas arapucas e tentam responder a esse tipo de pergunta com a lógica protestante. Ora, tais perguntas nascem de um princípio herético, da ideia de que a Palavra de Deus foi revelada a nós exclusivamente pela Bíblia. Não, não foi.

A pergunta “Qual é o fundamento bíblico?” é adequada porque indica que determinado artigo de fé pode estar implícito



nas Escrituras e ser explicitado pelas legítimas autoridades da Igreja. Por outro lado, a pergunta “Onde está escrito na Bíblia?”, de modo geral, é essencialmente antibíblica, pois traz em si a ideia de que só a Bíblia comunica a Palavra de Deus. Porém, **nenhum trecho das Escrituras afirma que a Bíblia é suficiente por si mesma.**

Pelo contrário: junto com a necessidade de estudar e seguir as Escrituras, o povo de Deus recebe a claríssima ordem de seguir as orientações espirituais dadas pelas autoridades estabelecidas por Deus. Por isso, a fé cristã é capenga se não se firmar sobre estes três pilares: **Bíblia, Tradição e Magistério**, que jamais se contradizem e devem estar em perfeita harmonia entre si.

### **Toda a doutrina católica possui fundamento bíblico**

**Cada ponto da doutrina católica possui fundamento bíblico, mesmo que implícito.** Por exemplo, nenhuma passagem condena o aborto de modo explícito, mas está implícito nas Escrituras que se trata de um pecado gravíssimo. Contudo, com base no argumento de que não há nenhuma passagem bíblica explícita sobre isso, algumas denominações protestantes chegam ao cúmulo de aprovar o aborto.

Nem tudo aparece de modo explícito na Bíblia, até porque **muitas das questões atuais nem sequer existiam nos tempos de Cristo.** Entre numerosos exemplos, podemos citar:

- o uso de métodos anticoncepcionais;

- a fertilização *in vitro* e a reprodução assistida;
- a clonagem de seres humanos;
- a manipulação genética de embriões humanos;
- a relação entre patrões e empregados em uma sociedade industrializada.

A Revelação se encerrou com a morte dos apóstolos; entretanto, apesar de estar completa, não está plenamente explicitada, “e está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance no decorrer dos séculos”.<sup>[2]</sup>

Assim, a doutrina se desenvolve ao longo dos séculos e evolui numa mesma linha, nunca se desviando da verdade revelada no Evangelho, para responder às questões que surgem em cada tempo, em cada geração.

Não foi à toa que Jesus deu as chaves do Céu a Pedro: depois da subida do Senhor aos Céus surgiriam questões que não haviam sido abordadas diretamente por Ele e que teriam de ser julgadas pela Igreja e definidas como morais ou imorais. Assim, era preciso deixar na Terra um pastor visível, chefe da única Igreja fundada por Cristo, legítimo representante do Pastor que está nos Céus.

Vamos tomar como exemplos aqui a inseminação artificial e fertilização *in vitro*. Muitas denominações evangélicas declaram que não é pecado recorrer a essas técnicas de reprodução assistida. Ok... Mas onde está escrito isso? Em lugar nenhum!

**Os protestantes dizem que a Bíblia é a única autoridade.** Se é assim, deveriam simplesmente se calar sobre questões que a

Bíblia não aborda explicitamente e presumir, sem hipocrisia, que esse tipo de doutrina produz um cristianismo engessado, incapaz de dar respostas aos dramas do homem contemporâneo.

Tudo o que é implícito em um texto, que não está explícito, requer um esforço a mais de interpretação. Em quem, então, um cristão deve confiar para realizar a correta interpretação da Bíblia? Em si mesmo? De acordo com a heresia protestante do livre exame, que sempre produz confusões em série, sim. É a heresia da interpretação pessoal da Bíblia que motiva a fundação de novas seitas a cada dia. E, mesmo dentro das comunidades protestantes mais antigas, os líderes alteram cada vez mais a doutrina para agradar ao mundo, como a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, que, em razão de uma interpretação equivocada da Bíblia, aprovou o casamento homoafetivo em 2015.

Também é a heresia do livre exame que leva grande parte dos protestantes a renegarem ensinamentos bíblicos essenciais e explícitos como:

- o fato de Jesus ter fundado a Igreja sobre Pedro;
- o fato de que Cristo se faz **realmente** alimento para nós (“Isto é o meu Corpo” e “Isto é o meu sangue”);
- a necessidade de confessar os pecados a um sacerdote (Jo 20, 23);
- a condenação ao divórcio.

Sendo os ensinamentos bíblicos explícitos ou implícitos, os

protestantes sempre dão um jeito de deturpar a Palavra de Deus conforme sua ignorância ou conveniência.

### **Uma só Igreja, um só rebanho**

Católicos ou não, **todos os cristãos sinceros hão de concordar que Jesus não quis ensinar mil verdades, mas sim UMA só verdade.** A existência de milhares de denominações cristãs, cada uma explicando o Evangelho de uma forma diferente, atenta de modo escandaloso contra a vontade de Cristo, que desejou que todos fossem um (Jo 17, 21), e a unidade do rebanho só é possível se um só é o pastor e uma só é a doutrina.

## **COMO ERA A IGREJA PRIMITIVA?**

### **Um conto sobre coisas esquecidas**

Marty é evangélico. Hoje ele dará um pequeno passo para um homem, mas um grande passo para a humanidade: será o **primeiro ser humano a viajar no tempo!**

O cientista e pastor responsável pela experiência já testou tudo. Primeiro, ele enviou seu cachorro, Cãovino, que voltou são e salvo. Agora, enviará o jovem explorador para o tempo da **Igreja primitiva.** E, quando Marty voltar para o futuro, será lindo ver os seus registros da vida dos primeiros cristãos, antes que a Igreja Católica comesse a deturpar a doutrina de Jesus. É cristianismo puro na veiaaaaaaaa!

Tudo pronto? E lá vai ele... Três, dois, um... GO, VARÃO! GO, GO, GO!



E Marty chega à Corinto do **século II**. Esperto e comunicativo, logo faz amizade com os irmãozinhos. Papo vai, papo vem, um sujeito chamado Apolo diz:

— No dia do Juízo, cada um será recompensado conforme as suas obras.

Marty sente um arrepio até a medula e rebate:

— Pirou, irmão?! Seremos salvos somente pela fé. *Num* tem essa de recompensa pelas obras. Onde é que tá escrito isso na Bíblia?

— Bíblia? O que é isso?

— **Como assim?** Você é cristão e *num* sabe o que é uma Bíblia? — exaspera-se Marty. — A Bíblia reúne os livros do

Antigo Testamento e do Novo Testamento!

Perplexo, Marty descobre que naquela igreja somente o bispo possui todos os textos do Antigo Testamento e que nem mesmo ele tem os quatro Evangelhos completos. Alguns diáconos têm uma cópia Didaqué, o primeiro catecismo.

— É por isso que você tá falando besteira, Apolo! Você *num* lê a Bíblia. Isso *num* tá escrito na Bíblia!

— Eu só sei que o bispo ensinou isso pra nós... e isso basta — responde Apolo. — Ele até falou que leu numa carta de São Paulo aos romanos.

Marty coloca a mão no peito e solta um doído lamento:

— Sem Bíblia um cristão não pode viveeeeeer! Ai, meu coração...

Por fim, os coríntios entendem que a tal Bíblia de que Marty tanto fala é a biblioteca onde o bispo mantém os textos sagrados. Então, levam-no à casa do homem. Chegando lá, dom Dionísio lhe dá um abraço caloroso, o que não o livra de receber um pito:

— Com todo o respeito, seu bispo, essa comunidade está sendo negligenciada! Cada cristão deveria ter uma Bíblia! — protesta Marty.

O bispo conclui que Marty tem algum problema e releva suas palavras. Como um homem sábio, ele jamais contrariava os doidos.

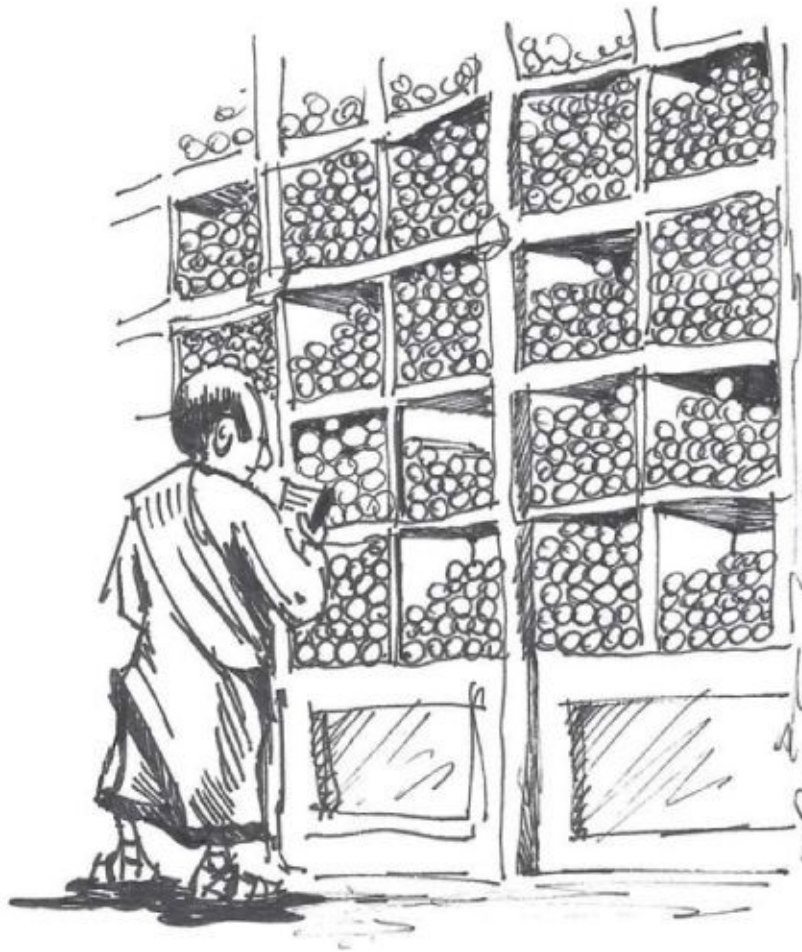
— Meu jovem, tens razão!

Com docilidade e paciência, São Dionísio leva o rapaz a outro aposento e mostra a ele uma estante com **dezenas de pergaminhos**, rolos e mais rolos agrupados... Marty já sabia que

a palavra Bíblia quer dizer “biblioteca”, mas nunca tinha visto a coisa dessa forma.

— Eis aí a tua amada Bíblia! — diz o bispo.

Marty fica impressionado.



*Ilustração que dá uma ideia de como era uma biblioteca no século II*

— Agora, eu te peço que me ajude a produzir cópias dessa biblioteca para todos os irmãos de nossa comunidade — prosseguiu o bispo. — Primeiro, você deve providenciar uma enorme quantidade de pergaminho...

Nesse ponto, Marty se dá conta de que mesmo que matasse

toda a população de cabras, carneiros e bodes da região não teria couro suficiente para curtir e produzir todo o pergaminho de que precisava. E nem em quinhentos anos conseguiria fazer Bíblia pra tanta gente se tivesse de copiar tudo à mão!

Não dava pra topar aquele desafio: *Challenge denied!* Marty disfarça, dizendo que está atrasado para um compromisso, incorpora o caboclo do Michael Jackson e faz um *moonwalk*, retornando de fininho pra máquina do tempo.

Ao visitar outras comunidades cristãs primitivas (os gálatas, os romanos, os filipenses, os esmirnenses etc.), ele verifica que a situação em que vivem é similar à da população de Corinto e que não se alterou em quase nada por mais de mil anos. A leitura da Bíblia pelos cristãos comuns só começou a se difundir com o aumento do índice de alfabetização e com a invenção da prensa móvel.

Depois dessa maratona, Marty se dá por satisfeito: “Já deu. Fui!” De volta para o futuro, ele produz um **relatório detalhado de sua experiência**, conforme o pastor havia pedido. Na conclusão do documento, pontua:

- pouquíssimos cristãos primitivos liam os textos da Bíblia;
- o conhecimento da Palavra de Deus e de Sua vontade não se dava pela leitura da Bíblia, mas pelo acolhimento do ensinamento transmitido oralmente pelos bispos, algo que eles chamavam de **Sagrada Tradição**;
- a ideia da Bíblia como autoridade máxima, acima da Tradição, e o livre exame eram tecnicamente impossíveis



nos primeiros séculos da cristandade, já que quase ninguém tinha uma Bíblia em casa (no máximo, um ou outro tinha alguns trechos);

- a falta de leitura da Bíblia não impediu que uma multidão de cristãos se santificasse, chegando mesmo a derramar seu sangue pela fé.

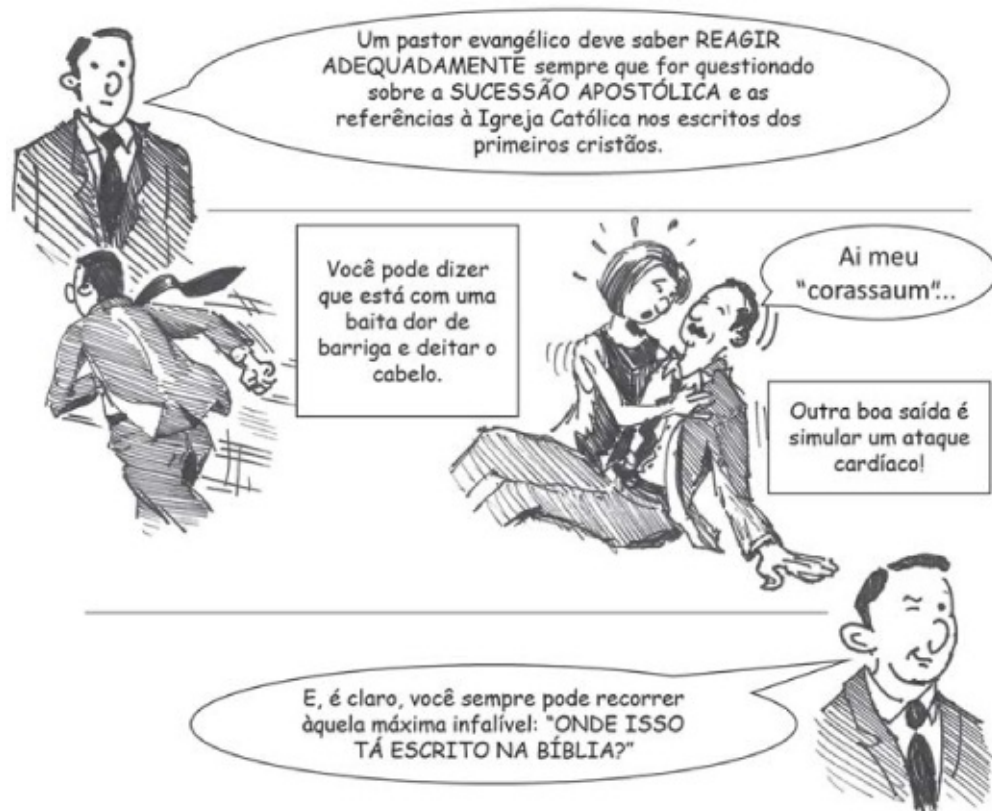
Terminando de ler o relatório, o pastor e cientista fica alguns minutos em silêncio. Após certa reflexão, coloca uns óculos escuros, pega um estranho cilindro e dispara um raio em direção a Marty, que imediatamente esquece tudo o que viu.

## **A IGREJA SEMPRE FOI CHAMADA DE IGREJA CATÓLICA?**

Muitas denominações protestantes dizem que Jesus Cristo não fundou a Igreja Católica. Porém, estudando os escritos das lideranças da Igreja primitiva, vemos que a verdade é outra! Uma boa ideia é **consultar os padres dos séculos I e II**.

Vejamos o que disse **Santo Irineu de Lyon**. Esse bispo viveu entre os anos 130 e 202 e é considerado santo não só pelos católicos, mas também pelos luteranos (ou seja, convocamos um cara que tem moral com os reformados tradicionais). Na obra *Adversus haereses* (Contra heresias), Irineu descreve a linha de sucessão apostólica de São Pedro a Santo Eleutério, o papa de sua época. Em seus escritos, fica claro que a Igreja primitiva possuía um pastor universal, o bispo de Roma, e que da Igreja de

Roma provinha o conteúdo de fé com o qual todos os cristãos deveriam concordar. Confirmam:



Mas visto que seria coisa bastante longa elencar [...] as sucessões de todas as igrejas, limitar-nos-emos à maior e mais antiga e conhecida por todos, à **Igreja fundada e constituída em Roma**, pelos dois gloriosíssimos apóstolos, Pedro e Paulo, e, indicando a sua tradição recebida dos apóstolos e a fé anunciada aos homens, que chegou até nós pelas sucessões dos bispos. [...]

Com efeito, **deve necessariamente estar de acordo com ela, por causa da sua origem mais excelente, toda a Igreja, isto é, os fiéis de todos os lugares**, porque nela sempre foi

conservada, de maneira especial, a tradição que deriva dos apóstolos.

Os bem-aventurados apóstolos que fundaram e edificaram a Igreja transmitiram o governo episcopal a Lino, aquele Lino que Paulo lembra na epístola a Timóteo. Lino teve como sucessor Anacleto. Depois dele [...], coube o episcopado a Clemente, que tinha visto os próprios apóstolos e estivera em relação com eles, que ainda guardava viva em seus ouvidos a pregação deles e diante dos olhos a tradição. [...]

Eleutério, em décimo segundo lugar na sucessão apostólica, detém o pontificado. **Com esta ordem e sucessão chegou até nós, na Igreja, a tradição apostólica e a pregação da verdade.** Esta é a demonstração mais plena de que é uma e idêntica a fé vivificante que, fielmente, foi conservada e transmitida, na Igreja, desde os apóstolos até agora.<sup>[3]</sup>

O grande Irineu foi bem claro, mas vamos resumir em tópicos:

- a Igreja de Roma, por ter sido fundada por Pedro e Paulo, tem a origem mais excelente;
- o bispo de Roma herda as chaves dadas por Cristo a Pedro (ou seja, “a tradição apostólica e a pregação da verdade”, além do pastoreio universal);
- a Igreja de Roma é aquela que conserva, de maneira especial, o ensinamento dos apóstolos (olha aí a infalibilidade);

- as comunidades cristãs andam seguramente na fé dos apóstolos se permanecem fiéis à Igreja de Roma.

Tudo bem até aqui? Certo.

Então, a pergunta agora é: a Igreja de Roma se esfacelou, se perdeu no tempo? Não! **A linha sucessória de bispos romanos descrita por Irineu continuou sem interrupção até os dias de hoje.** As sandálias de Pedro passaram para os pés de São Lino (o segundo bispo de Roma), depois para os pés de outro, e de outro, e de outro... até chegarem aos pés do Papa Francisco. Isso não é algo que precisamos aceitar pela fé: **é um FATO HISTÓRICO!** Observando a lista de todos os papas da Igreja, é fácil verificar que **as chaves que Pedro recebeu de Cristo passaram de mão em mão numa linha ininterrupta.**

Muitos desses bispos de Roma — que séculos depois o povo passou a chamar de papa (papai) — foram grandes santos, enquanto outros não foram nem mesmo bons cristãos, mas todos eles, ao ensinarem para toda a Igreja sobre questões de fé e moral, foram infalíveis, pois Jesus prometeu que as portas do Inferno jamais prevaleceriam sobre a Igreja.

Em 1950, arqueólogos encontraram os **ossos de São Pedro** numa cripta subterrânea na Basílica de São Pedro, no Vaticano. O altar central fica justamente acima do local onde está o túmulo. Foi um sinal bombástico e comovente de que, sim, sobre Simão Pedro Jesus edificou a Sua Igreja!

Logo nos primórdios do cristianismo, a Igreja de Roma passou a ser chamada de Igreja Católica, do grego *katholikos*, que significa “universal”. Negar que a Igreja Católica é a mesma

Igreja de Roma citada por Irineu de Lyon é simplesmente contrariar a lógica! Ainda assim, vamos mostrar também o testemunho de **Santo Inácio de Antioquia**, outro bispo da Igreja primitiva. Cristão venerável e colocado acima de qualquer suspeita, ele entregou sua alma no Coliseu, onde foi devorado por leões. No prólogo de sua Carta aos Romanos, ele escreveu “Roma preside a Igreja na caridade”, ou, em outras palavras, Roma governa toda a Igreja.

Agora, passemos à Epístola aos Esmirnenses. Nesse texto, Santo Inácio de Antioquia conta pra gente como era chamada a Igreja de Roma: **“Onde está Cristo Jesus, está a Igreja Católica”**. Esse é o documento mais antigo a usar a expressão “Igreja Católica”; o segundo mais antigo é de Marcião, irmão da Igreja de Esmirna, escrito lá pelo ano 150, em que relata para a Igreja de Filomélio como se deu o martírio de São Policarpo, que era discípulo de João e bispo de Esmirna, e diz: “A Igreja de Deus que vive como estrangeira em Esmirna para a Igreja de Deus que vive como estrangeira em Filomélio e para todas as **comunidades da santa Igreja Católica** que vivem como estrangeiras em todos os lugares”.[4]

Assim, fica bem claro que a Igreja Católica não é uma dissidência da Igreja primitiva, mas a sua continuidade. Ela é a Esposa única (Jesus não é polígamo), a guardiã de Sua Palavra e a legítima herdeira de Seus bens.

**AS IGREJAS CRISTÃS NÃO DEFENDEM A MESMA FÉ?**

É comum ouvirmos nossos irmãos evangélicos dizerem que “religião não salva, só Jesus salva” e que “placa de igreja não traz salvação”. Eles defendem que o importante é crer em Jesus. Sim... Mas crer em que Jesus? Escolha uma das opções protestantes abaixo:

- o Jesus que é a favor do aborto, pregado por algumas denominações cristãs;
- o Jesus que promete prosperidade material aos seus fiéis, pregado pelos “pastores” da Teologia da Prosperidade;
- o Jesus que acha bonito que seus fiéis se ajoelhem diante de réplicas cafonérrimas da Arca da Aliança (idolatria não é pecado, gente?);
- o Jesus que abençoa uniões homoafetivas e que permite a ordenação de bispos que vivem publicamente com outro homem, pregado pela Igreja Episcopaliana;
- o Jesus que condena ao Inferno quem faz transfusão de sangue, pregado pelas Testemunhas de Jeová.

Certamente, milhares de cristãos ficam de cabelo em pé ao ver tais coisas sendo promovidas por certas comunidades, então é hipocrisia dizer que tanto faz um cristão participar de uma denominação cristã ou outra.

A cada semana, em cada esquina, um sujeito se autoconsagra pastor (ou apóstolo, bispo etc.) e inaugura uma nova “igreja” com conteúdo similar ao das demais denominações cristãs, mas também com uma série de divergências. Por isso, **as doutrinas**

**ensinadas pelos milhares de denominações cristãs apresentam diferenças profundas e gravíssimas entre si. Esses ensinamentos influem na formação da consciência religiosa e moral dos fiéis e em suas ações. No fim das contas, fazem, sim, uma imensa diferença para o destino de sua alma.**

Portanto, o argumento de que “placa de igreja não traz salvação” não se sustenta. Afinal, Jesus Cristo não é uma ideia vaga que cada um interpreta à sua maneira, mas uma pessoa concreta que veio ao encontro dos homens. Seu ensinamento foi único. Ele fundou uma só Igreja sobre Pedro, e em Sua palavra não há ambiguidade ou multiplicidade.

Afora o relativismo leviano que expomos, a máxima “placa de igreja não traz salvação” carrega em si um conceito verdadeiro, pois ainda que pertençamos à igreja que realmente contém a plenitude dos meios de salvação — a Igreja Católica —, o Céu não está garantido. Essa foi a advertência dada na declaração *Dominus Iesus*:

Se é verdade que os adeptos das outras religiões podem receber a graça divina, também é verdade que objetivamente se encontram numa situação gravemente deficitária, se comparada com a daqueles que na Igreja têm a plenitude dos meios de salvação. Há que lembrar, todavia, “a todos os filhos da Igreja que a grandeza da sua condição não é para atribuir aos próprios méritos, mas a uma graça especial de Cristo; se **não corresponderem a essa graça, por pensamentos, palavras e obras, em vez de se salvarem, incorrerão num juízo mais severo**”.<sup>[5]</sup>

Vamos explicar o que esse documento diz comparando os católicos aos estudantes de Harvard, uma das melhores universidades do mundo. Na conta dessa universidade, há nada mais nada menos do que 57 bilhões de reais, cujos rendimentos vultosos são investidos em ensino e em pesquisa. De seu quadro de alunos saíram mais de quarenta pesquisadores que receberam o Prêmio Nobel.

Ok... Aí um sujeito despeitado, que estudou na faculdade de Cabrobó da Serra do Capim-Roxo (que seria o equivalente ao membro de uma seita cristã qualquer) vocifera este chavão: “Harvard, é? Grande coisa! Não é a universidade que faz o aluno, mas o aluno que faz a universidade!” Evidentemente, um estudante de Harvard pode ser maluco a ponto de não aproveitar os recursos incomparáveis ali oferecidos e se tornar um aluno ruim ou medíocre (como faz um católico negligente), mas isso não anula o fato de que aquela instituição oferece as melhores condições para que os alunos desenvolvam seu potencial acadêmico e profissional.

É claro, também, que alguns alunos extremamente aplicados e autodidatas da faculdade de Cabrobó da Serra do Capim-Roxo podem até tornar-se alunos e profissionais de grande relevância, mas, sejamos francos, não tem como comparar a formação que eles receberam com a formação dos alunos de Harvard! Da mesma forma, a Igreja Católica, edificada sobre Pedro, oferece as “melhores condições” e “recursos” para que os fiéis se santifiquem.

A Igreja Católica Apostólica Romana é a única que tem a plenitude dos meios de salvação. *Desde 33 d.C.*



## **Lutero reconheceu a besteira que fez**

Seria engraçado, se não fosse deprimente, o fato de que o próprio pai da Reforma Protestante reconheceu as mazelas geradas pela heresia que espalhou. Com certeza, a grande maioria dos protestantes desconhece esses comentários bombásticos de Lutero:

Este não escuta sobre o Batismo, aquele nega o sacramento [...] alguns ensinam que Cristo não é Deus, alguns dizem isto e alguns dizem aquilo; há tantas seitas e credos quanto o número de cabeças. Nenhum caipira é tão rude quanto aquele que tem sonhos e fantasias, e pensa por si mesmo que foi inspirado pelo Espírito Santo, devendo ser um profeta.<sup>[6]</sup>

Martinho Lutero tinha um enorme carisma, mas ficou com cara de paspalho quando viu que o seu poder de controlar as massas não era absoluto. Desapontado com o surgimento de interpretações da Bíblia ainda mais tresloucadas do que as suas, testemunhou o fracasso do princípio fundamental da Reforma: a livre interpretação da Bíblia.

# Sobre o magistério da Igreja



## **O PAPA NÃO É COMO QUALQUER OUTRO HOMEM?**

A Igreja Católica ensina que o sucessor Pedro, o bispo de Roma, ocupa o primeiro lugar entre os demais bispos. Isso se chama “primado de Pedro”. Em que se baseia essa doutrina? Ele era mesmo visto como um líder máximo pelos demais apóstolos? Cada papa recebe realmente a mesma função e a mesma autoridade de Pedro? Sim!

**Numerosas passagens nos Evangelhos evidenciam que Pedro era a maior autoridade entre os apóstolos (isso sem falar dos**

escritos dos padres da Igreja primitiva). Essa responsabilidade especial foi dada pelo próprio Cristo.

Jesus respondeu-lhe: “[...] Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão sobre ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na Terra será ligado nos Céus, e o que desligares na Terra será desligado nos Céus.” (Mt 16, 17-19)



Viram? **Jesus disse que Sua Igreja seria construída sobre Pedro**, e não sobre Tiago, João, André ou qualquer outro apóstolo.<sup>[1]</sup> **E foi só a Pedro — só a ele! — que Jesus deu as chaves do Reino do Céu.** Assim, tudo o que Pedro aprovasse na Terra, seria aprovado nos Céus, e o que ele desaprovasse na Terra seria desligado nos Céus.

Está aí um dos principais fundamentos do **dogma da**

**infallibilidade papal.** O que o papa, sucessor de Pedro, ensina para toda a Igreja, no campo da fé e da moral, é aprovado nos Céus, e o que ele diz que é ruim para toda a Igreja é desaprovado nos Céus. Por isso, é razoável afirmar que cada papa, a despeito de seus pecados pessoais, foi ou é um representante legítimo de Cristo.

Os protestantes, porém, interpretam essa passagem do Evangelho de Mateus de modo diferente e afirmam que, ao dizer “sobre esta pedra”, Jesus se referia a si mesmo, e não a Pedro. Gente, não apela! **Será que Jesus mudou o nome de Simão para “Pedra”<sup>[2]</sup> à toa?**

Cristo é a pedra angular da Igreja (Mt 21, 42), aquela que, na construção, garante o padrão de alinhamento das outras pedras. Pedro, por sua vez, recebeu a missão de ser a pedra-base da Igreja, o fundamento. A própria Escritura distingue o fundamento da Igreja de sua pedra angular, explicando: “Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular” (Ef 2, 19-20).



A nenhum outro Jesus pediu que cuidasse das suas ovelhas. Cristo consagrou Pedro como o pastor máximo, aquele que continuaria a conduzir o rebanho pelo caminho certo. Agora pensem: faria sentido que, depois da morte de Pedro, não houvesse ninguém para dar continuidade a essa missão? Teria lógica que essa liderança, que Cristo concentrou em um só homem, fosse partilhada igualmente por vários bispos?

Ora, o mais coerente seria que outro cristão — um único homem, e não vários — assumisse o lugar de Pedro após a sua morte e que isso acontecesse sucessivamente. **Pedro era o bispo de Roma**, ali foi sua última cátedra (e não em Antioquia), ali ele pregou e foi ali que sofreu seu martírio. Portanto, era natural que o pastor soberano da Igreja continuasse a ser o bispo de Roma, a quem hoje chamamos de papa. E assim aconteceu. Por isso, os demais patriarcas sempre tiveram grande autoridade, mas a última palavra cabia ao bispo de Roma.

Em uma de suas cartas, **São Pedro diz que a Igreja de Roma,**

que ele chama de Igreja da Babilônia, **era a “igreja escolhida”** (1 Pd 5, 13) para confirmar e fortalecer a fé das demais igrejas. De fato, Jesus já havia predito que Pedro fortaleceria a fé dos demais irmãos (Lc 22, 31-32).

Querem mais? Aí vai:

- em todas as oito passagens em que são citados os doze apóstolos, **o nome de Pedro vem à frente**. Por exemplo: “Estes são os nomes dos doze apóstolos: primeiro, Simão, também chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago filho de Zebedeu, e João, seu irmão [...]” (Mt 10, 2);
- **após a Ressurreição, o primeiro apóstolo a quem Cristo apareceu foi Pedro**, conforme a narração de São Lucas (Lc 24, 33-34) e de São Paulo, que disse: “[...] apareceu a Cefas, e depois aos Doze” (I Cor 15, 5);
- após a Virgem Maria e os apóstolos receberem o Espírito Santo em Pentecostes, foi Pedro quem ficou à frente do grupo na missão de anunciar a Boa-Nova (At 2, 14);
- foi Pedro quem presidiu o primeiro concílio da cristandade. Após os debates do Concílio de Jerusalém, Pedro foi o primeiro a levantar a voz para expor seu parecer e deixou claro que era o escolhido de Deus, entre os demais apóstolos, para pregar a Boa-Nova: “Reuniram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para examinarem o problema. Tornando-se acesa a discussão, levantou-se Pedro e disse: ‘Irmãos, vós sabeis que, desde os primeiros dias, aprouve a Deus, entre vós, que por

minha boca ouvissem os gentios a palavra da Boa-Nova e abraçassem a fé''' (At 15, 6-7).

### **Dicionário de catoliquês: Concílio**

Concílios são reuniões das principais autoridades católicas — em especial, os bispos — para discutir e tomar decisões sobre a doutrina e a ação pastoral da Igreja.

## **Moisés, uma figura da autoridade de Pedro**

Ao longo da história da salvação, vemos que Deus sempre elegeu um único homem, pecador e mortal, para ser o pastor supremo de suas ovelhas na Terra. Assim foi com Moisés, na Antiga Aliança, cuja autoridade prefigurou a autoridade de São Pedro na Nova Aliança.

É interessante notar que Moisés cometeu alguns deslizes passíveis de crítica e que alguns incautos quiseram se aproveitar dos seus limites humanos para contestar sua autoridade espiritual diante do povo. O primeiro desses incautos foi Maria, sua própria irmã, que não admitia estar abaixo de Moisés na liderança diante do povo, afinal, em vez de dar o exemplo e cumprir plenamente as leis do povo israelita, Moisés havia casado com uma mulher não hebreia, o que era proibido. Certamente, a conduta de Moisés era questionável, mas sua liderança à frente do povo não deveria ser atacada. Resultado: Deus puniu Maria com a lepra (Num 12, 9-10).

Isso não lembra a você certo monge alemão? Aquele mesmo que no século XVI usou os pecados do papa e da cúria como justificativa para se rebelar contra a sua autoridade, proclamou que os cristãos podiam se relacionar com Deus diretamente (sacerdotes pra quê?) e deu o pontapé inicial para que o demônio dividisse a cristandade em milhares de seitas...

Voltando ao Antigo Testamento, houve um segundo ataque à autoridade de Moisés, dessa vez por parte de um grupo de rebelados hebreus incitados por um homem chamado Coré. Ele reuniu mais de duzentos hebreus ilustres (membros do conselho e sacerdotes, entre outros) para peitar Moisés e Aarão. Eis o argumento da cambada: “Todos nós é ungido, tá ligado, mano? Todos nós tem Deus no coração, e Moisés não é mais santo do que ninguém pra se achar o mandachuva da rapaziada!” Acho que já ouvi esse papo... Deixa eu me lembrar... Era mais ou menos assim: “Obedecer à Igreja? Eu não obedeco a homens! A Igreja somos nós! Todos recebemos o Espírito Santo!”.

Voltando ao bando de Coré, Deus simplesmente abriu o chão sob eles, e grande parte dos revoltosos morreu engolido pela terra. Outros, que sobraram, foram torrados por um fogo que veio do céu (Nm 16).

Um só Deus nos Céus, um só pastor e representante na Terra: se antes a unidade do povo israelita era garantida por meio de Moisés, hoje Cristo mantém Sua Igreja una por meio do papa.

**POR QUE CHAMAMOS O LÍDER DA IGREJA DE “PAPA”?**



Por que os católicos chamam o sucessor de Pedro de “papa” (papai)? Bem, centenas de anos antes de Cristo, os israelitas já se referiam aos seus grandes líderes espirituais — Abraão, Isaac e Jacó — como pais. Da mesma forma, nos primeiros séculos do cristianismo, o povo adotou o costume de **chamar os bispos carinhosamente de papa**. A partir do século VI, o termo passou a ser usado somente para o bispo de Roma, e assim o chamamos até hoje.

Sobre esse costume, alguns alegam que se opõe a um ensinamento da Bíblia: “A ninguém na Terra chameis ‘pai’, pois só tendes o Pai Celeste” (Mt 23, 9). Porém, em primeiro lugar, precisamos estar atentos às normas básicas de interpretação textual. Para compreender uma frase, é indispensável **analisar o seu contexto**. Observem que **Jesus estava censurando a vaidade dos fariseus**, que queriam ser reconhecidos como autoridades religiosas, mas não passavam de “guias cegos”:

Jesus então dirigiu-se às multidões e aos seus discípulos: “Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. [...] Praticam todas as suas ações com o fim de serem vistos pelos homens [...] Gostam do lugar de honra nos banquetes, dos primeiros assentos nas sinagogas, de receber as saudações nas praças públicas e de que os homens lhes chamem ‘Rabi’. Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos. A ninguém na terra chameis ‘pai’, pois só tendes o Pai Celeste. (Mt 23, 1-9)

Os fariseus distorciam a Lei de Deus com seus legalismos e a

sua hipocrisia. Porém, note que, nesse mesmo capítulo, o Senhor chama de “profetas”, “sábios” e “doutores” os homens que Ele enviará para pregar o Evangelho: “Por isso vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis, a outros açoitareis em vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade” (Mt 23, 34).

Ué... Não podemos chamar os pregadores de “pai” nem de “mestre”, mas podemos chamá-los de “sábio”, “profeta” e “doutor”? Aqui fica evidente que **Jesus não se opunha a chamarmos os verdadeiros evangelizadores de “pai”** ou de outros nomes honrosos, mas que queria denunciar, isso sim, os impostores que, sem possuir uma verdadeira paternidade (aquela que vem do Alto), queriam ser reconhecidos como mestres.

Para esclarecer de vez este assunto, basta notar que, em ao menos cinco passagens do Novo Testamento, **Abraão é chamado de “pai”**, inclusive por Cristo:

- “Zacarias, seu pai, repleto do Espírito Santo [...] do juramento que fez ao nosso pai Abraão” (Lc 1, 67; 73);
- Jesus se refere a uma mulher como “filha de Abraão” (Lc 13, 16);
- na parábola “O homem rico e o pobre Lázaro”, Jesus cita o “pai Abraão” (Lc 16, 24);
- o primeiro mártir da Igreja, Santo Estêvão, chamou Abraão de “pai” (At 7, 2);
- São Paulo se refere a Abraão como “pai de todos nós”

(Rom 4, 16).

Então, não adianta ficar preso à letra: é preciso apreender o *sentido* do que Jesus disse. Ele chamou Abraão de “pai” mesmo tendo dito que não se deve chamar assim ninguém sobre a Terra? Será que Jesus se contradisse? Óbvio que não!

Abraão não é o único a ser chamado de “pai” na Bíblia. O profeta Eliseu, vendo Elias partir, gritou: “Meu pai! Meu pai! Carro e cavalaria de Israel!” (II Rs 2, 11-12). E São Paulo, além de chamar Abraão de “pai”, ainda afirmou ser pai da comunidade de cristãos: “Não escrevo tais coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar como a filhos bem-amados. Com efeito, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, pois fui eu quem pelo Evangelho vos gerou em Cristo Jesus” (I Cor 4, 14-15).

Sendo assim, além de verdadeiro pai da comunidade dos cristãos católicos, **o papa também é nosso pastor** e continua a realizar a tarefa confiada a Pedro: “Jesus lhe disse: ‘Apascenta minhas ovelhas’” (Jo 21, 17).

## **POR QUE OS CATÓLICOS SE AJOELHAM DIANTE DO PAPA?**

Há muitas formas respeitosas de saudar o papa, e uma delas é ajoelhar-se diante dele. Porém, alguns dizem que essa atitude é idólatra. Mas ajoelhar-se diante de alguém é a mesma coisa que lhe prestar adoração?

“Quando Pedro estava para entrar, Cornélio saiu-lhe ao

encontro e prostrou-se a seus pés, adorando-o. Mas Pedro reergueu-o, dizendo: ‘Levanta-te, pois eu também sou apenas homem’” (At 10, 25-26). Essa passagem prova que não podemos nos ajoelhar diante do papa? Não! Havia um motivo especial para essa atitude de Pedro: Cornélio era um pagão recém-convertido, chefe militar romano, e podemos facilmente imaginar que vivera longos anos na idolatria, o que provavelmente incluía a adoração ao imperador. Então, era importante deixar claro para Cornélio que não há adoração a pessoas no cristianismo.

A tendência dos pagãos a divinizar pessoas foi apontada na Bíblia: ao verem Paulo fazer um paralítico andar, os pagãos se empolgaram e pensaram que ele era a encarnação do deus Mercúrio e que Barnabé era Júpiter (imagine que cena hilária!). Com muito custo, os dois impediram que a galera lhes oferecesse um boi em sacrifício. Dessa forma, conhecendo os fatores culturais da época, percebemos que o zelo de Pedro em relação ao pagão Cornélio era justificado.

Vamos analisar outra passagem: “Caí então a seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: ‘Não! Não o faças! Sou servo como tu e como teus irmãos que têm o testemunho de Jesus. É a Deus que deves adorar!’” (Ap 19, 10). Repare que João diz que se ajoelhou para **adorar** o anjo, o que obviamente não é admitido. Então, o problema não é ajoelhar-se diante de uma pessoa, mas adorá-la. Acaso quando um filho se ajoelha diante de seu pai ou de sua mãe ele os está adorando como deuses? E quando um homem se ajoelha diante de sua noiva para pedi-la em casamento está pecando por idolatria?

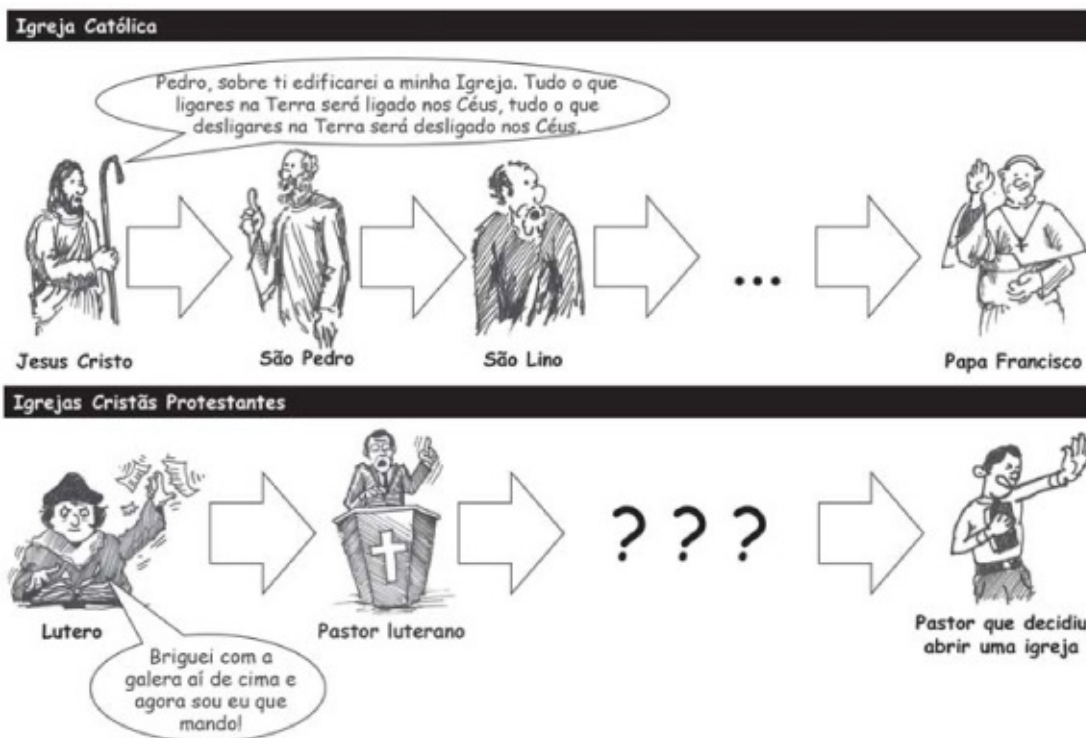
**É óbvio que nem todo ajoelhar-se é sinal de adoração, assim como nem todo soco é sinal de agressão (no caso de um treino de boxe) e nem todo beijo é sinal de afeto (no caso da traição de Judas).**

Podemos citar **numerosas passagens da Bíblia** em que pessoas justas — profetas e santos homens e mulheres — ajoelharam-se diante de outras, e em nenhuma dessas passagens há a menor menção de censura:

- Gn 33, 1-3: Jacó se prostrou sete vezes seguidas diante de seu irmão Esaú;
- Rt 2, 10: Rute prostrou-se diante de Booz, o dono do campo onde colhia espigas;
- I Sm 24, 9: Davi prostrou-se diante de Saul;
- I Rs 1, 23: o profeta Natã prostrou-se com o rosto por terra diante do rei Davi;
- II Rs 4, 37: agradecida por ter ressuscitado seu filho, a mulher se prostrou aos pés de Eliseu;
- II Rs 2, 14-15: os cinquenta profetas se prostram diante do profeta Eliseu.

Portanto, quem quiser pode se ajoelhar, sim, diante do papa, mas ninguém é obrigado. O papa sabe que recebe essa reverência por aquilo que representa — a doce presença de Cristo na Terra —, e não pela sua própria pessoa. Trata-se de um **ato de veneração, e não de adoração**.

# QUAL É O FUNDAMENTO DA AUTORIDADE DOS BISPOS CATÓLICOS?



## Os protestantes estão separados da Igreja

Alguns cristãos, sobretudo os protestantes, acreditam que todas as comunidades cristãs fazem parte de uma só Igreja. O pensamento deles se resume a:

- todos os cristãos, seja qual for a denominação que frequentem, formam uma só Igreja;
- nenhuma igreja pode afirmar que tem a chave da salvação, pois só Jesus salva;
- as diferenças doutrinárias entre as várias denominações

cristãos não são relevantes.

À primeira vista, esse pensamento parece belo e tem uma raiz nobre: o desejo de unidade. Entretanto, ele não corresponde à realidade. É impossível que todos os cristãos formem uma só Igreja, dadas as grandes divergências doutrinárias entre as diversas comunidades. Cada denominação evangélica prega um “Jesus” diferente!

É correto dizer que só em Jesus encontramos salvação, pois não há outro nome no qual os homens possam obter redenção. Ao mesmo tempo, é fundamental lembrar que Ele nos deu essa salvação por meio da Sua Igreja. Afinal, como saberíamos quem é Jesus e o que ensinou se não fosse por meio da Igreja por Ele fundada?

Foi o próprio Cristo que deu a seus apóstolos a autoridade do ensinamento: “Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou” (Lc 10, 16). Em outras palavras: **tudo o que os apóstolos ensinavam era a própria palavra de Cristo, e não pode haver falhas na palavra de Cristo.** Foi o Espírito Santo quem garantiu que aqueles homens falíveis transmitissem o conteúdo da fé de modo infalível.

Se não fosse assim, os protestantes não deveriam nem mesmo confiar nas palavras do Novo Testamento, que foi organizado por bispos católicos.<sup>[3]</sup> E se eles, por equívoco, inseriram no Cânon textos não inspirados? E se alteraram maliciosamente as palavras dos Evangelhos? O que garantiria que essas coisas não ocorressem se a Igreja Católica não fosse

guiada pelo Espírito Santo?

Alguém que não crê na sucessão apostólica — que legitima a autoridade dos bispos católicos — e na infalibilidade do papa, deve confessar que sua Bíblia é apenas pó. **Uma Bíblia organizada por bispos não inspirados pelo Espírito Santo não teria a menor credibilidade**, pois certamente estaria cheia de erros. E, sem uma Bíblia confiável, como as comunidades evangélicas podem ficar de pé?

**Quem são os apóstolos atuais? Quem é Pedro?**

A sentença “Quem vos ouve a mim ouve” não foi dirigida a todos os discípulos, mas somente ao grupo seletivo dos apóstolos. Havia uma hierarquia bem clara. Do contrário, qualquer cristão, tipo eu, poderia falar e ensinar com a autoridade do próprio Cristo. Não rola, né...

**Jesus fundou uma Igreja organizada e hierárquica**, estabelecendo Pedro como autoridade máxima (a Pedra) e os demais apóstolos como colunas. Então, para o cristão atual, uma pergunta importante é: quem são os apóstolos hoje? Serão os pastores de todas as igrejas protestantes? Serão os pastores de apenas algumas igrejas ditas evangélicas? Será o Benedito? E Pedro... Quem ocupa hoje o lugar de Pedro? Precisamos chegar a uma conclusão sobre isso, pois seguindo os sucessores dos apóstolos estaremos seguramente seguindo a vontade do próprio Cristo.

A chave da questão é que obviamente **ninguém pode se**



**apresentar como pastor, bispo ou apóstolo se não tiver recebido essa consagração de um legítimo sucessor dos apóstolos. E qual líder de uma igreja protestante pode se garantir nesse sentido? Nenhum!**

Também podemos perguntar de onde o Papa Francisco tirou seu título de “pastor” e “sucessor de Pedro” e de onde os bispos católicos tiraram seus títulos de “sucessores dos apóstolos”. Lendo os Atos dos Apóstolos (1, 21-26), vemos que a sucessão apostólica teve início com Matias, que foi colocado no lugar de Judas Iscariotes. Assim, sempre que morria um apóstolo, outro o sucedia. A missão recebida foi passada de apóstolo para apóstolo, como herança, desde a Igreja primitiva até hoje. É interessante notar que, assim como um apóstolo sucedia a outro, recebendo a unção pela imposição de mãos (como aconteceu na eleição de Matias), Josué sucedeu a Moisés.

“Que Iahweh, Deus dos espíritos que animam toda carne, estabeleça sobre esta comunidade um homem que saia e entre à frente dela e que a faça sair e entrar, para que a comunidade de Iahweh não seja como um rebanho sem pastor.” Iahweh respondeu a Moisés: “Toma a Josué, filho de Nun, homem em quem está o espírito. Tu lhe imporás a mão. Depois traze-o para diante de Eleazar, o sacerdote, e de toda a comunidade, e dá-lhe, diante deles, as tuas ordens e comunica-lhe uma parte da tua autoridade, a fim de que toda a comunidade dos israelitas lhe obedeça”. (Nm 27, 16-20)

Essa passagem do Antigo Testamento é uma figura da

sucessão apostólica que seria estabelecida no Novo Testamento. Essa herança pertence somente à Igreja Católica **Apostólica** Romana e às igrejas ortodoxas (apesar de serem cismáticas e estarem apenas parcialmente unidas a Roma). Só nessas igrejas há verdadeiros bispos e legítimos sucessores dos apóstolos.

## **POR QUE OS CATÓLICOS OBEDECEM AO CLERO?**



“Eu sou Flamengo”, “Eu sou Vitória”, “Eu sou Corinthians”, “Eu sou Grêmio”, “Eu sou Vasco”, “Eu sou Cruzeiro”... Assim falam os torcedores dos diversos times. É correto dizer isso? São os torcedores que motivam a existência do clube, sim, mas um torcedor pode falar em nome do clube? Tipo: “Olha, eu sou

Atlético Mineiro e declaro que o nosso time só vai contratar jogadores nascido em Minas”. Não, claro que não! Cada torcedor é parte do clube, sim, mas não pode falar em nome dele, a não ser que integre a diretoria.

Da mesma forma, cada cristão pode dizer “Eu sou Igreja”, mas essa identidade é condicionada à sua comunhão com a hierarquia dessa Igreja. Um sujeito não pode dizer “Eu sou Igreja” e, em seguida, defender a prática de sexo fora do casamento. Ele não tem qualquer autoridade para falar em nome da Igreja e, a partir do momento que se rebela contra a hierarquia, assume o risco de ser excomungado. Assim ensinou Jesus:

Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão. Se não te ouvir, porém, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão seja decidida pela palavra de duas ou três testemunhas. Caso não lhes der ouvido, dizei-o à Igreja. Se nem mesmo à Igreja der ouvido, trata-o como o gentio ou o publicano. (Mt 18, 15-17)

Nesse trecho do Evangelho, duas coisas ficam evidentes:

- ao dizer “Igreja”, Jesus se refere de modo muito específico aos **chefes** da Igreja;
- Jesus deixa claro que quem não obedece à Igreja — ou seja, aos chefes da Igreja — está sujeito a ser banido da comunidade de fé.

**O que é a Igreja? Essencialmente, é a comunhão sobrenatural daqueles que creem em Cristo.** Cada fiel, pecador ou santo, é membro do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Cristo é a cabeça desse corpo. Então, cada cristão pode dizer “A Igreja somos nós”. O problema é que tem muita gente viajando na maionese e pervertendo essa máxima para negar a existência de uma Igreja hierárquica.

**O Evangelho se refere à Igreja de duas formas, estabelecendo dois significados diferentes e complementares:**

- Igreja como “Povo de Deus”, e aqui nós podemos dizer “A Igreja somos nós”;
- Igreja como instituição hierárquica, e aqui já não vale mais dizer “A Igreja somos nós”, pois se trata somente do magistério exercido pelos chefes da Igreja, em especial Pedro e seus sucessores, além dos demais bispos.

Portanto, os meios da salvação passam necessariamente pela Igreja visível, solidamente fundada em uma hierarquia. **Dessa maneira, é muita arrogância um cristão dizer “Eu sou Igreja” como tentativa de negar a necessidade de seguir a Igreja institucional.** Esse cristão é do mesmo tipo que costuma dizer que só a Bíblia basta para a salvação.

Ora, o próprio Cristo fundou a Sua Igreja sobre Pedro e confiou a esse servo mortal e pecador as chaves do Céu! Com essas chaves, Pedro — e, depois, seus sucessores — pôde julgar e declarar, de modo infalível, o que é conforme a vontade de Deus e o que afronta a vontade de Deus.

## O exemplo de São Paulo

No Novo Testamento, há muitas evidências de que a Igreja é uma instituição visível, hierárquica, e não somente uma comunhão invisível do “povo de Deus”. Reconhecendo essa hierarquia, São Paulo fez uma longa viagem até Jerusalém para reunir-se com São Pedro, São Tiago e os demais anciãos e defender a extinção da circuncisão obrigatória (At 15).

São Paulo poderia ter evitado esse trabalho e dito: “Hierarquia é o escambau! A Igreja somos nós! Se achamos que a circuncisão foi abolida pela Nova Aliança, vamos fazer conforme cremos e pronto! Vamos mandar Pedro e os demais apóstolos se catarem!” Mas, muito pelo contrário, ele humildemente apresentou sua causa aos chefes da Igreja.

Portanto, fica claro que Jesus instituiu uma Igreja hierárquica, em que os membros, para serem realmente cristãos, estão obrigados a escutar e a obedecer aos ensinamentos das autoridades estabelecidas por Ele. O conteúdo desses ensinamentos se chama **Sagrado Magistério**.

## O exemplo do eunuco etíope

Nos Atos dos Apóstolos (At 8), está explícita a doutrina do Sagrado Magistério, mostrando que a Bíblia não é suficiente por si mesma e se esclarece somente por meio do magistério vivo dos apóstolos. Nesse capítulo, vemos que Filipe, o Evangelista,

aproxima-se do eunuco etíope, um alto funcionário bastante instruído, e percebe que ele está lendo o livro do profeta Isaías. Então, Filipe pergunta:

— **Entendes o que lês?**

Humilde, o eunuco responde:

— **Como o poderia sem ninguém me explicar?**

Então, rogou a Filipe que subisse na carruagem em que se encontrava e que se sentasse junto a ele. A muitos cristãos, falta a sabedoria desse eunuco etíope. Acham-se plenamente capazes de interpretar a Bíblia sozinhos, pois julgam ter recebido o dom do Espírito Santo para isso. “A Igreja somos nós”, repetem. Qual seria a resposta desses cristãos a Filipe? Imagino que seria algo assim: “Não precisa, irmão. A Bíblia é suficiente por si mesma. Todo crente recebe o Espírito Santo para interpretar as Escrituras sozinho...”

Interpretar livremente a Bíblia? Eu? Prefiro imitar o eunuco etíope e implorar que os chefes da Igreja, exercendo o Sagrado Magistério, expliquem aquilo que eu, por meus próprios esforços, não posso entender. Os bispos, em comunhão com o papa, são servos e guardiões da Sagrada Tradição, a palavra viva que foi comunicada pela boca dos apóstolos.

## **O QUE É DOGMA?**

Está na hora de desmistificar um dos assuntos preferidos dos não católicos... **Dogmas!** Todo mundo atira pedras nos católicos, evocando os tais dogmas, sem ter a menor ideia do que

significam. Em geral, fazem crer que são grandes imposições misteriosas da todo-poderosa Igreja Católica. E o pior é que muitos de nós, católicos, engolimos mais essas besteiras e ficamos quietos. Então, vamos lá... Hoje você vai entender o que é dogma e, da próxima vez que lhe encherem a paciência, já poderá meter o pé na porta.

Pra começar, a palavra “dogma” vem do grego e significa **“opinião, princípio, o que se acredita ser verdade”**, ou seja, são princípios básicos que, no nosso contexto, significam os **pontos de partida da nossa fé**.

Agora que você já conhece o significado da palavra, vamos contextualizá-la melhor: **os dogmas são verdades de fé baseadas em fatos narrados na Bíblia ou em consequências claras desses fatos**. Para que o povo católico não se perca em divagações malucas, **a Igreja Católica registrou e confirmou o significado desses fatos**. Esse é um dos ingredientes “mágicos” da invejada unidade do nosso povo, que se mantém há dois mil anos!

Outras religiões e designações cristãs que se gabam de não terem dogmas acabam virando um “bundalelê” em que qualquer um pega a Bíblia, entende o que quer e sai fundando uma Igreja para cada versículo que interpreta... Seria mais prático consultar uma cartomante.

Enfim... voltemos a nós. A Igreja Católica elucidou muitas verdades de fé durante esses dois mil anos. Só pra exemplificar, veja **alguns dos dogmas mais importantes**:

- a existência de Deus;

- a Santíssima Trindade;
- Jesus Cristo como verdadeiro Deus e filho de Deus por essência;
- resgate e reconciliação dos homens com Deus por meio do sacrifício da morte de Cristo na cruz;
- a ressurreição gloriosa de Cristo dentre os mortos no terceiro dia de sua morte;
- a Imaculada Conceição de Maria;
- a Assunção de Maria;
- a virgindade perpétua de Maria;
- a Igreja fundada pelo Deus e Homem Jesus Cristo;
- São Pedro como primeiro entre os apóstolos e como cabeça visível de toda a Igreja, conferindo-lhe imediata e pessoalmente o primado de jurisdição;
- a infalibilidade do papa sempre que se pronuncia *ex cathedra*;
- a infalibilidade da Igreja nas definições em matéria de fé e costumes;
- o fim do mundo e a segunda vinda de Cristo.

Ufa... e isso é só uma pequena parte dos nossos dogmas! Agora, descendo um pouco do pedestal teórico, vamos botar a mão na massa e **analisar um exemplo**? Que tal a famosa **infalibilidade papal**? Os não católicos enchem a nossa paciência dizendo que isso é uma invenção da Igreja Católica para dar mais



poderes ao papa, mas, na verdade, **é apenas uma constatação diante do que o próprio Cristo disse!!!**

Como vimos antes, ele disse: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16, 18). Essa passagem não deixa dúvidas de que **Cristo quis se fazer presente para sempre através da sua Igreja**, que naquele momento surgia apenas com os apóstolos, e que **escolheu Pedro como o seu grande guardião**. Cristo também deixou claro que a **Igreja nunca se corromperia** porque “as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela”.

Bom, se as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela e quem guia a Igreja é **Pedro e seus sucessores**, podemos dizer claramente que, **em assuntos de fé e moral, eles jamais poderiam errar**. Afinal, para que Cristo teria o trabalho de fundar uma Igreja se depois a deixaria à mercê dos limites humanos, do pecado que fere, eventualmente, até os mais santos? Percebam que o dogma é resultado de um raciocínio claro e direto, a partir de fatos, e que não é uma imposição teológica arbitrária como a mentalidade comum acredita.

E repare que estamos sendo conservadores! Estamos admitindo que todos os católicos podem errar em questões de fé e moral, menos aquele que recebeu a função de nortear os caminhos deste povo. E também estamos restringindo a infalibilidade papal a questões que efetivamente têm a ver com os rumos da Igreja! Ou seja, se estiver dirigindo um carro, o papa pode errar o caminho à vontade... Isso não tem nada a ver com fé nem com moral.

Como um **homem normal pode ser infalível** em qualquer coisa? Vamos voltar às palavras de Cristo: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse” (Jo 14, 26). É o Espírito Santo que garante a retidão da Igreja. Logo, em assuntos de fé e moral, da condução do povo católico, o **papa é guiado pelo Espírito Santo**. Por isso ele não erra. Não é um mérito dele, mas do próprio Deus, que conduz seu povo por meio de Pedro e de seus sucessores.

Então, aí está, de forma simples e objetiva, a prova de que a infalibilidade papal é uma afirmação evidente, baseada nos fatos narrados na Bíblia. **Isso é um dogma. Não tem nada a ver com autoritarismos, mas com coerência.** Pronto... caiu o mito. E você quase acreditando que eram mesmo verdades indiscutíveis inventadas por homens maus, em capuzes pretos, para dominar o mundo...

Agora que você já entendeu o raciocínio por trás dos dogmas, não abaixe mais a cabeça quando lhe disserem que a Igreja Católica força a barra. O seu povo tem dois mil anos, e o próprio Espírito Santo trabalha para que você receba o mesmo conteúdo de fé que os apóstolos receberam de Cristo.

# Sobre Maria



## O QUE É IMACULADA CONCEIÇÃO E ASSUNÇÃO?

São Joaquim e Sant'Anna eram marido e mulher. De sua união nasceu aquela que viria a ser a mãe do Salvador, mas, mesmo concebida no ventre de Sant'Anna, ela não herdou de seus pais a mancha do pecado original. Esse é o **dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria**.

Muita gente confunde a Imaculada Conceição com a concepção virginal de Maria, o fato de que ela deu à luz o Salvador por obra do Espírito Santo, mas essa é outra história... Outra confusão que o povo faz é achar que o termo “imaculada” se refere à ausência de sexo na concepção. Nada a ver! Maria foi concebida como qualquer outro bebê, por meio da união física de

um casal, mas sua alma foi preservada por Deus da mácula do pecado original. Por isso, ela não sofria com essa nossa “tendência ao erro”. Podia pecar se quisesse? Claro que podia! Mas, se tivesse pecado (e não pecou), teria feito isso com plena consciência e pleno consentimento de sua vontade, assim como Eva fez.

Em 1854, o papa Pio IX definiu essa crença como dogma. Então quer dizer que os católicos só começaram a crer na Imaculada Conceição a partir dessa data? Não, de modo algum! Essa foi uma crença amplamente aceita desde as comunidades cristãs primitivas. Porém, durante o papado de Pio IX, a Igreja entendeu que esse fato deveria, necessariamente, integrar o conteúdo de fé essencial de todos os católicos.

A proclamação desse dogma foi motivada especialmente pelos eventos relacionados à Medalha Milagrosa, após a Virgem revelar a Santa Catarina Labouré, em 1830, como gostaria de ser invocada: “Ó, Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós”. E, como todo dogma, este também possui fundamentos na Tradição e na Bíblia, ainda que implícitos. Podemos vê-los nas ocasiões em que:

- **Deus derrotou o demônio por meio da descendência de Maria:** “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3, 15);
- o anjo Gabriel chamou a Virgem de “**cheia de graça**” (Lc 1, 28);

- Santa Isabel disse que ela era **bendita entre as mulheres** (Lc 1, 42).

O dogma da Imaculada Conceição é um desdobramento natural de outro dogma: **Jesus Cristo é Deus**. Sendo Deus, como poderia habitar o ventre de uma mulher pecadora? Afinal, por mais santa que seja, qualquer pessoa peca com frequência: “Pois o justo cai sete vezes, e se levanta” (Pr 24, 16).

Agora, **vamos imaginar a gestação de Jesus segundo a versão protestante**. A jovem Maria de Nazaré, mulher marcada pelo pecado original, carrega ninguém menos do que **Deus** na barriga. E, sendo muito boazinha, ela comete apenas um pecado venial por dia, às vezes dois. Em um dia, fala mal de alguém; no outro, perde a paciência com a vizinha; em outro ainda, sente preguiça e é desleixada com seus afazeres... E assim avança a gestação do Salvador, dia após dia, com a jovem carregando o Menino Deus dentro de si e pecando, pecando, pecando... Que tal, minha gente?

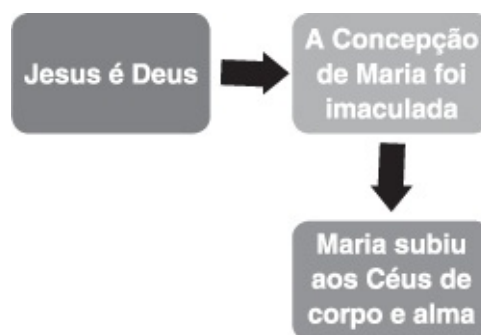
É perfeitamente lógico o ensinamento de que o Pai preparou uma habitação digna para o Seu Filho. Ele só poderia habitar um lugar perfeitamente santo. Sua Carne só poderia ser tecida no ventre de uma mulher sem pecado. Isso era o mais digno e conveniente.

Muitos ficarão surpresos ao saber que **até mesmo Martinho Lutero afirmava sua crença na Imaculada Conceição de Maria**. Ele achava, é bem verdade, que essa crença não deveria ser obrigatória, já que não aparece de modo explícito na Bíblia (coitado, sempre apegado à ideia herética e antibíblica da Sola

Scriptura). Confira esse trecho de um de seus sermões, proferido cinco anos após a sua excomunhão da Igreja Católica:

É uma crença doce e piedosa que a infusão da alma de Maria ocorreu sem o pecado original; de modo que, a sua alma, ao ser infusa, era livre do pecado original e foi adornada com dons de Deus, recebendo uma alma pura, infusa por Deus; assim, desde o primeiro momento em que começou a viver ela esteve livre de todo o pecado. (Martinho Lutero, “No dia da Conceição da Mãe de Deus”, 1527)<sup>[1]</sup>

Repare na lógica e na harmonia desse fluxo de pensamento: se Jesus é Deus, certamente foi gestado num ventre imaculado; se tal mulher era imaculada, logo ela foi concebida sem a mancha do pecado original; por consequência, sua carne jamais poderia ser consumida pela terra. Sendo assim, ela entrou de corpo e alma dos Céus. Por isso, o dogma da Imaculada Conceição está profundamente ligado ao dogma da Assunção de Maria aos Céus.



**O dogma da Assunção de Maria** foi estabelecido em 1950 pelo

Papa Pio XII. Algumas pessoas, influenciadas pelos protestantes, pensam que a Igreja exagera no seu culto à Virgem, mas, na verdade, **os dogmas marianos não visam a exaltar Nossa Senhora, mas sim, e sobretudo, o Seu Divino Filho.** Vamos pensar um pouquinho. Quem **não** crê na Assunção deve necessariamente crer que...

- ... Maria carregava a mancha do pecado original;
- ... Jesus foi gerado no ventre de uma pecadora (afinal, mesmo os mais santos pecam);
- ... ao fim de sua vida, Nossa Senhora teve seu corpo consumido pela terra;
- ... o ventre que gestou o Filho de Deus (e Deus Ele mesmo) foi devorado pelos vermes.

Sou só eu que estou achando tudo isso muito estranho e incoerente? Como vemos, os dogmas são fundamentais para colocar os pingos nos is. Eles definem as questões centrais da fé católica e nos ajudam a enxergar o rosto de Cristo com maior clareza, evitando interpretações meramente pessoais da Bíblia.

## **MARIA ERA PURA MESMO?**

A doutrina da Igreja ensina que Maria Santíssima era livre de todo pecado. Entretanto, em Lucas (2, 22-24), vemos o episódio da purificação de Maria. Por que alguém perfeitamente puro precisaria passar por um rito de purificação?

Em primeiro lugar, precisamos ter em mente que Nossa Senhora cumpria fielmente todas as prescrições de sua religião, e a Lei de Moisés dizia que toda mulher que tivesse parido deveria ir ao templo para se purificar. Não porque havia cometido um pecado, mas somente **porque havia dado à luz e derramado sangue**.

Repare a seguir, no texto da lei, como está claro que a mulher será purificada “do seu fluxo de sangue”:

Se uma mulher conceber e der à luz um menino, ficará impura durante sete dias, como por ocasião da impureza das suas regras. No oitavo dia, circuncidar-se-á o prepúcio do menino e, durante trinta e três dias, ela ficará ainda purificando-se do seu sangue. Não tocará coisa alguma consagrada e não irá ao santuário até que se cumpra o tempo da sua purificação. [...] Quando tiver cumprido o período da sua purificação, quer seja por um menino, quer seja por uma menina, levará ao sacerdote, à entrada da Tenda da Reunião, um cordeiro de um ano para holocausto e um pombinho ou uma rola em sacrifício pelo pecado. O sacerdote os oferecerá diante de Iahweh, realizará por ela o rito de expiação, e ela **ficará purificada do seu fluxo de sangue**. (Lv 12, 2-7)

Quando a mulher judia derramava sangue, devido ao parto ou à menstruação, ela ficava em um estado de **impureza ritual**. Esse tipo de impureza também ocorria quando um homem tocava em um cadáver (é óbvio que não há pecado aí, afinal é preciso dar digna sepultura aos mortos) ou quando se comia sem lavar as



mãos. Então, nesses casos, diz-se “pecado” no sentido de impureza ritual, e não de ofensa a Deus.

Na verdade, Maria nem derramou sangue em seu parto, que foi miraculoso, assim como a sua gravidez, mas, ainda que Nossa Senhora fosse totalmente pura e não necessitasse de qualquer purificação ritual, **ela deu o exemplo**, sendo humilde e cumprindo a lei como qualquer mulher do povo de Israel. A Virgem Maria e São José não levaram ao templo um cordeiro, mas um par de pombos, o que indica claramente que eram pessoas pobres.

Na vida de Jesus, vemos um episódio comparável à purificação de Sua Mãe, quando Ele **pede ao Seu primo para ser batizado...** Absurdo! O batismo de João requeria o arrependimento dos pecados, implicando o nascimento para uma nova vida em Deus. Ora, e acaso Jesus tinha pecado? Acaso Ele não é mesmo Deus e não está em plena comunhão com o Pai? Batizá-lo parecia mesmo algo descabido... João Batista ficou perplexo e não queria batizá-lo de jeito nenhum! Entretanto, o bom Mestre desejava submeter-se ao batismo, mesmo que não precisasse, para ensinar-nos um dos primeiros passos da Salvação. Ele estava dando o exemplo.

E pensar que tem muita gente por aí que se acha tão boa, mas tão boa, que não precisa de religião... Legal! Enquanto isso, a Santa Virgem e o próprio Deus feito Homem cumpriram humildemente os ritos, ainda que não houvesse necessidade.

## **JESUS TINHA IRMÃOS?**

Apontando as passagens dos Evangelhos que citam os “irmãos” de Jesus, os protestantes são praticamente unânimes em afirmar que Nossa Senhora teve outros filhos depois de Jesus Cristo. Grande engano!

Para entender melhor a questão dos “irmãos” de Jesus, precisamos prestar atenção no contexto social e familiar da época. Hoje em dia, quando pensamos em família, consideramos pai, mãe e filhos (família nuclear). No máximo, incluimos os avós. Porém, naquele tempo, a família “mais chegada” era bem mais ampla, incluindo tios e primos. Como não havia benefícios sociais, as pessoas dependiam muito de seus parentes, até para a proteção contra ameaças de roubo, de violência e de disputas. Os parentes também se socorriam em casos de necessidade material e se uniam para plantar e colher em conjunto, caso possuísem terras cultivadas. Então, era comum que alguém chamasse um primo ou tio de “irmão”.

Os chamados “irmãos” de Jesus (citados em Mc 3, 31; Jo 2, 12; At 1, 14; I Cor 9, 5 e Gl 1, 19) eram, na verdade, seus primos ou parentes próximos, pois as Escrituras não somente designam como irmãos aqueles que são filhos do mesmo pai ou da mesma mãe, mas também parentes próximos como tios e primos. No Antigo Testamento, por exemplo, Abraão chama Ló de “irmão” (Gn 11, 27 e Gn 13, 8), mesmo que fosse seu sobrinho (Gn 12, 4-5), e Labão também chama seu sobrinho Jacó de “irmão” (Gn 29, 15).

É muito curioso saber que Martinho Lutero concordava com a doutrina da virgindade perpétua de Maria (mesmo depois de passados mais de vinte anos da Reforma Protestante).

Agora, a questão sobre a qual que temos que nos debruçar é sobre como Cristo poderia ter irmãos, se Ele era o filho único da Virgem Maria, e a Virgem não teve outros filhos além dele. Alguns dizem que José foi casado antes de seu casamento com Maria... Mas eu estou inclinado a concordar que “irmãos” realmente significa “primos” aqui, pois a Sagrada Escritura e os judeus sempre chamam os irmãos de primos.

Algumas evidências levam, pela lógica, à conclusão de que o dogma da virgindade perpétua de Nossa Senhora faz todo o sentido. Vejamos as evidências:

**Evidência 1:** após a morte de Seu Filho na cruz, Nossa Senhora poderia se tornar uma viúva desamparada, sem apoio social e sem sustento. Era preciso que um parente generoso a acolhesse em seu lar, e isso, naturalmente, caberia a um de seus outros filhos, se ela os tivesse.

Assim, se Maria teve mesmo outros filhos, os moleques eram todos desnaturados! Em vez de apoiarem a mãe, os manos de Jesus deixaram que um homem que nem era da família, o apóstolo João, a assumisse como mãe e a levasse consigo para casa (Jo 19, 26-27). Será?

Se liga! O fato de a Mãe de Jesus ter sido acolhida por um homem que não era de sua família indica que ela não tinha outra opção de proteção masculina, ou seja, não tinha marido, filhos ou genros com quem pudesse contar.

**Evidência 2:** a Arca da Aliança era tão sagrada que somente os homens da tribo de Levi (a tribo sacerdotal) podiam tocá-la. Um

hebreu, certa vez, na maior boa intenção, segurou a Arca pra impedir que ela caísse no chão, mas, como não era levita, morreu na hora (sintam o drama!). Se o Senhor tinha tamanho zelo pela Arca que continha as tábuas da Lei, não teria zelo infinitamente maior pela mulher que carregou Seu Filho dentro de si?

Se a Arca da Aliança era sagrada, quanto mais sagrado não era o ventre onde o corpo do rei dos reis tomou forma? Faria mesmo sentido que essa Arca da Nova Aliança, esse espaço sacratíssimo onde Deus habitou fosse depois penetrado por seres humanos manchados pelo pecado original?

**Evidência 3:** como sabemos, a fé da Igreja se baseia na Bíblia e na Tradição. Pois bem, dois historiadores da Igreja Antiga, Rufino (em *Comentário ao credo dos apóstolos*, 37) e Eusébio de Cesareia (em *História eclesiástica*, II, 23) registraram a Tradição Apostólica que identifica Tiago, autor da Epístola de Tiago, como irmão do Senhor. E está claro que este Tiago é filho de Alfeu, irmão de Judas Tadeu (Jd 1, 1), o autor da Epístola de São Judas.

Dessa forma, as citações bíblicas aos “irmãos” de Jesus, longe de representarem uma contrariedade à doutrina da Igreja, são mais **um forte indício de que a Bíblia NÃO foi adulterada pelos padres antigos**, como muitos dizem por aí.<sup>[2]</sup> Afinal, se assim fosse, os copistas teriam substituído “irmãos” por “primos”, eliminando a necessidade de explicar essa aparente objeção ao dogma da virgindade perpétua de Nossa Senhora.

## OS CATÓLICOS ADORAM MARIA?

E se um protestante estivesse presente no momento da visitação?



Imagine a reação de um protestante se a Virgem Maria batesse à sua porta hoje. Ele reagiria como Santa Isabel (Lc 1, 43)? Ou, por medo de cometer o terrível pecado da “mariolatria”, a trataria como uma mulher comum?

Pecadores ou justos, os católicos cumprem a profecia bíblica do Evangelho de Lucas (1, 48): “Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada”. Por essa e outras devoções marianas, os católicos são acusados de adorar Maria, colocando-a no patamar de Cristo ou mesmo acima dele, mas essa é uma acusação preconceituosa, superficial e profundamente equivocada.

Quem tiver o mínimo de boa vontade — e mente aberta — para estudar a doutrina católica acerca do papel de Maria no plano da salvação perceberá sua total fidelidade ao Evangelho.

## **A grandeza de Maria é muito inferior à de Deus**

Em uma obra formalmente aprovada por vários papas, São Luís Maria Grignion de Montfort, um dos mais importantes teólogos católicos que escreveram acerca da devoção mariana, diz:

Com toda a Igreja confesso que Maria, não sendo mais que uma simples criatura saída das mãos do Altíssimo, é menor que um átomo, ou antes, não é nada em comparação com a sua majestade infinita, visto que só Deus é “Aquele que é”.<sup>[3]</sup>

Com essa afirmação, São Luís Maria afasta qualquer intenção de propor aos cristãos uma devoção indevida e idolátrica à Mãe do Senhor.

## **Deus não precisava de Maria, mas quis precisar**

Em sua obra, São Luís Maria continua:

Por conseguinte, este grande Senhor, sempre independente e bastando-se a si mesmo, não teve nem tem absoluta necessidade da Santíssima Virgem para o cumprimento dos Seus desígnios e para a manifestação da sua glória. Basta-lhe querer para tudo fazer.

No entanto, supostas as coisas como são, tendo Deus querido começar e acabar as suas maiores obras pela Virgem Santíssima depois de a formar, digo que é de crer que não mudará de procedimento em todos os séculos (Rm 11, 29). Ele

é Deus e não muda nem nos Seus sentimentos nem na sua conduta.<sup>[4]</sup>

O maior acontecimento na história da humanidade foi a Encarnação, Deus que se fez Homem. Certamente, Deus não precisaria de ninguém para realizar essa maravilha, mas Ele *quis* precisar de Maria para, **por meio dela**, doar a sua maior graça ao mundo: o Seu próprio Filho, que é Deus com Ele.

O mundo recebeu Jesus *em Maria* e *por Maria*. O choro é livre!

Mas não é só isso... Examinando as Escrituras, constatamos que Jesus quis iniciar seus milagres por meio de Sua Mãe. Notamos essas ações quando, ainda no ventre de Maria, Jesus fez com que Isabel ficasse cheia do Espírito Santo depois que Maria saudou sua prima (Lc 1, 41) e na ocasião do primeiro milagre público de Cristo, que se deu pela intercessão de Maria (Jo 2, 3-5), quando, nas bodas de Caná, Jesus transformou água em vinho a pedido dela.

Com base nessas duas evidências bíblicas, São Luís Maria concluiu que Jesus “começou e continuou os Seus milagres por Maria” e “por Ela os continuará até o fim dos séculos”. Faz sentido, não faz?

Portanto, não é à toa, nem por idolatria, que os católicos creem que Maria é a principal e mais poderosa intercessora (não salvadora, mas intercessora) dos homens junto a Nosso Deus, Jesus Cristo. Por isso, ela é venerada acima de todos os santos.

**O louvor a Maria diminui o louvor a Cristo?**

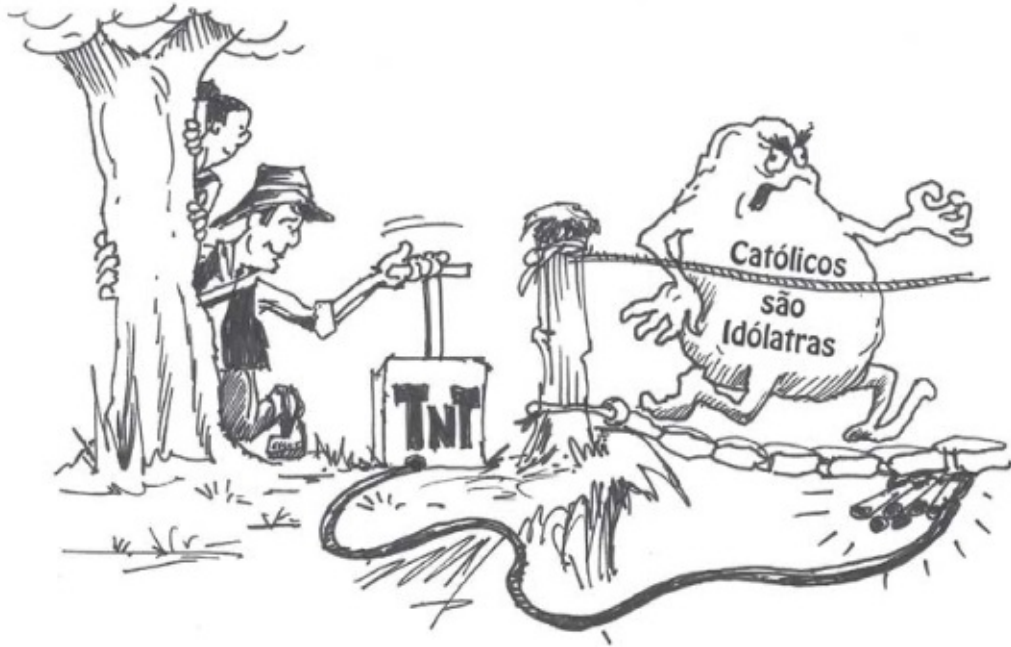
Vendo os católicos rezarem o Rosário (que possui mais Ave-Marias do que Pais-Nossos), carregarem medalhas da Virgem e se dedicarem a tantas outras devoções marianas, é comum que muitos levantem a acusação de que o culto a Maria obscurece a centralidade de Cristo. Besteira! A própria Bíblia mostra que o louvor a Maria não contraria nem diminui a adoração a Cristo: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre!” (Lc 1, 42), disse Isabel, cheia do Espírito Santo — atenção: **cheia do Espírito Santo** —, louvando primeiro a Maria. Ouço um coro aflito, com sons de choro e ranger de dentes...

Sobre esse assunto, São Luís Maria disse:

Não é que Maria seja mais que Jesus, ou igual a Ele: dizê-lo seria uma heresia intolerável. Mas, para mais perfeitamente bendizer Jesus Cristo, é preciso louvar antes a Virgem Maria. Digamos, pois, com todos os verdadeiros devotos da Santíssima Virgem, e contra esses falsos devotos escrupulosos: Ó Maria, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus!<sup>[5]</sup>



# Sobre a devoção aos santos



## O QUE SÃO OS SANTOS?

**Você já esfregou o pé de um santo e pediu um milagre? Já arrancou o Menino do Santo Antônio e o escondeu até casar? Já o colocou de cabeça pra baixo em um copo d'água? Já pediu pra São Longuinho achar suas coisas? Caso tenha respondido sim para qualquer uma destas perguntas, está na hora de rever seus conceitos!**

**O problema não é pedir, afinal, os santos intercedem mesmo por nós, mas, infelizmente, muitos católicos tratam os santos**

como a lâmpada mágica de Aladim: esfregar, fazer um pedido e esperar a mágica acontecer. **Não foi pra isso** que a Igreja investigou a fundo tantas vidas heroicas e colocou-as diante de você. Foi pra coisa muito melhor: **dar o exemplo!**

**Mas o que é ser santo?** É viver a vida **em comunhão com os ensinamentos de Deus**, colocando-O no centro de todas as coisas do cotidiano. Pode parecer pouco, mas não é... Não estamos acostumados, por exemplo, a viver Deus no ambiente de trabalho, no colégio, na faculdade, no futebol com os amigos ou tomando uma cerveja no *happy hour* de sexta-feira. Nesses momentos, gostamos de esquecer que Ele existe e só nos lembramos novamente quando vamos rezar ou pedir alguma coisa. Pois ser santo é **tentar** não se esquecer de Cristo em momento algum, vivendo de acordo com a consciência da Sua presença. **Tentar?** É... Quem mais tenta, mais consegue. Ninguém é perfeito, nem os santos!

#### **Dicionário de catoliquês: Virtude heroica**

“Virtude heroica não quer dizer que o santo seja uma espécie de ‘atleta’ da santidade, que consegue fazer coisas que pessoas normais não conseguiriam fazer. Quer dizer, em vez disso, que na vida de um homem se révéla a presença de Deus, e se torna mais patente tudo aquilo que o homem não é capaz de fazer por si mesmo [...]. Virtude heroica não significa propriamente que alguém faz coisas grandes por suas forças pessoais, mas que na sua vida aparecem realidades que não foi ele quem fez, porque ele só esteve disponível para deixar que Deus atuasse.”

Você deve estar pensando: “Mas o que você disse?! Herege! Os santos são perfeitos!” Antes de acender a tocha, fique sabendo que eles não são, não... **Os santos são exemplos de pessoas que buscaram a perfeição** e se aproximaram muito dela por praticarem as virtudes de forma constante, de forma até heroica! Mas **são humanos como eu e você**. Cometeram erros, mas nunca se acomodaram no estado de pecado. Sobretudo, foram fiéis ao chamado de Cristo e buscaram a perfeição **em todos os aspectos da vida**.

Santo mesmo é Deus. O santo é aquele que é como Deus, ou seja, que em sua vida terrena cumpriu de forma louvável o seguinte mandamento: “Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48). O santo é o verdadeiro homem, inteiro, mais feliz que os outros.

Opa!!! Talvez você esteja se perguntando: “**Então eu posso ser santo?**” Claro que pode! E não precisa (aliás, não deve) esperar morrer pra ser santo. **Quem é santo, é santo em vida!** Depois de morto já era... Não dá mais tempo. A Igreja só **reconhece** a santidade por meio dos feitos em vida e através de dois sinais pedidos a Deus, para que Ele garanta que a pessoa é digna de ser indicada como **exemplo para todo o povo católico**.

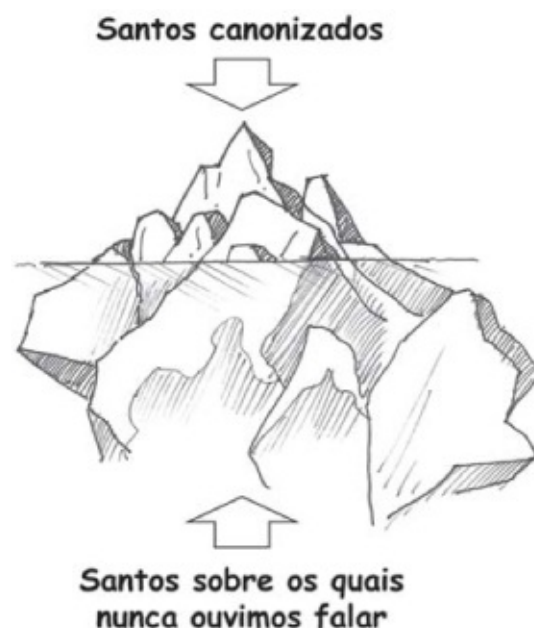
Para fechar, você já deve ter percebido qual é a **função principal dos santos**. A Igreja reconhece vidas santas para que elas nos **inspirem a buscar a perfeição**. São grandes exemplos a serem seguidos! Não são amuletos pra esfregar. Suas imagens

são como fotos de pessoas queridas e estão ali para lembrar-lhe do povo ao qual você pertence e da grandeza do seu destino! Não é pra você afogar em um copo d'água...

Da próxima vez que vir a imagem de um santo, olhe para ela e diga a si mesmo: **“Este homem ou mulher era pecador como eu, limitado como eu, um humano como eu. Se ele conseguiu ser digno dos céus... eu também posso! E devo começar esta jornada AGORA!”**

Então, o que você ainda está fazendo parado aí? Estude a vida dos santos, conheça os exemplos que eles dão e **mãos à obra**, porque a fé sem obras é morta!

## COMO É O PROCESSO DE RECONHECIMENTO DOS SANTOS?



Está escrito, no livro do Apocalipse, que uma multidão

incontável de almas será redimida no Juízo Final (Ap 7, 2). **Todas as pessoas que estão no Céu são santas e, assim, há muitos santos anônimos.** Porém, entre os que alcançaram a glória, há aqueles que **praticaram as virtudes cristãs de forma heroica**, e, por isso, são aclamados como santos pelo povo. Esses são fortes candidatos a serem canonizados pela Igreja, ou seja, inscritos no Cânon.

**A canonização é o reconhecimento oficial da Igreja de que determinado cristão está na glória dos Céus.** Assim, é elevado à honra dos altares e pode servir de exemplo para todos os fiéis. A vida de um santo não é isenta de pecados (vide as falhas de Moisés, de São Pedro, de São Tomé etc.), porém, sua amizade com Deus é tão profunda que se torna evidente para muitos.

Quando uma pessoa falece com fama de santidade entre uma quantidade considerável de fiéis, pode-se solicitar que a Igreja canonize o falecido. Na Igreja primitiva, bastava que o povo católico aclamasse uma pessoa como santa, contando com o apoio do bispo, para que ela fosse reconhecida. E, pela tradição oral, a crença na santidade daquela pessoa ia passando de geração em geração.

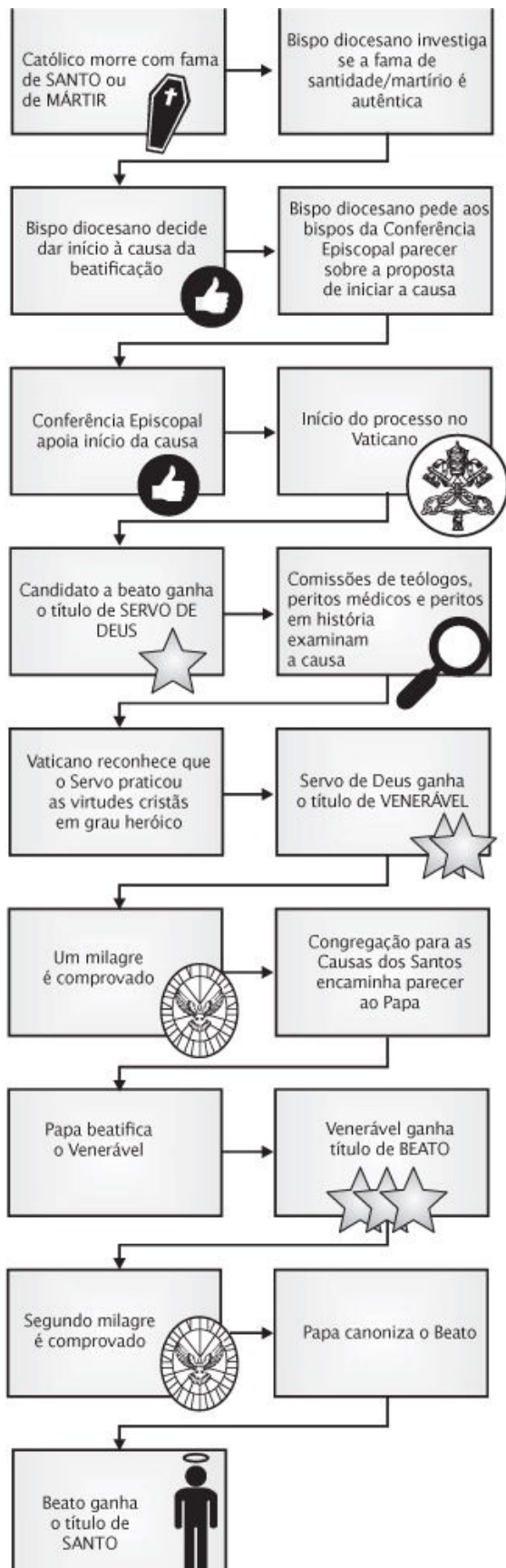
Com o imenso aumento do número de fiéis, a Igreja viu a necessidade de estabelecer um processo formal antes de permitir que uma pessoa seja cultuada como santa em todo o mundo. Durante esse atual processo de canonização, a vida do candidato a santo é cuidadosamente investigada. De forma, muita resumida, esse é o processo (conforme a instrução *Sanctorum Mater*):

**Beato é aquele que é bem-aventurado**, ou seja, que alcançou

uma boa ventura ou, em outras palavras, se deu bem! Para a beatificação, que não possui caráter de infalibilidade, a Igreja exige a comprovação de uma cura milagrosa por intercessão do Venerável. Tal cura deve necessariamente ser analisada por médicos e cientistas (inclusive ateus e membros de outras crenças), sendo considerada inexplicável à luz da ciência. Os fiéis da igreja local poderão, a partir de então, prestar homenagens públicas (culto) ao beato.

Já para a canonização, que é infalível e definitiva, é preciso que um segundo milagre seja comprovado. Após essa etapa, os católicos de todo o mundo são autorizados a prestar homenagens públicas (culto) ao santo.

Em alguns casos raros, o papa pode dispensar a comprovação de milagres para a beatificação e a canonização de uma pessoa. Esse foi o caso de São José de Anchieta, canonizado com base na sua fama de santidade e nos relatos históricos de suas virtudes e dos milagres realizados em vida.



*Informações retiradas da revista Pergunte e responderemos, 051 – 1962.*

## **SE JESUS É O ÚNICO MEDIADOR, POR QUE SE REZA AOS SANTOS?**

A Bíblia diz que Jesus Cristo é o único mediador entre o homem e Deus (I Tm 2, 5-6), então por que os católicos rezam para os santos, pedindo sua intercessão?

Isso é feito porque os santos podem interceder por nós junto a Deus, já que estão em comunhão com Cristo. Note que a Bíblia diz que Jesus é o único mediador e também que Deus realiza milagres por meio de seus santos: “Entretanto, pelas mãos de Paulo, Deus operava milagres não comuns” (At 19, 11).

Em sua Carta a Timóteo, São Paulo fala de “mediador” no sentido de “salvador”. De fato, somente Jesus nos reconcilia com o Pai, pois Ele morreu na cruz para nos salvar. Os santos, por sua vez, não podem salvar ninguém, e mesmo a Virgem Maria necessita da salvação de Cristo. Os santos podem, porém, ser mediadores das graças divinas, pois são membros do Corpo de Cristo. E se Cristo tem um Corpo, do qual Ele é a cabeça, como nos explicou São Paulo (I Cor 12), então **os membros desse Corpo participam também de Sua ação mediadora**. Na Bíblia, encontramos quatro fatores que provam isso:

- os cristãos rezam (intercedem) uns pelos outros;
- os santos (vivos ou mortos) realizam milagres, tal como



Cristo;

- todo batizado exerce um “sacerdócio real” (I Pd 2, 9);
- Jesus vincula o perdão dos pecados à mediação dos seus apóstolos.



Esses quatro pontos constituem ações de... mediação! E isso faz muito sentido: segundo São Pedro, **os cristãos são “participantes da natureza divina”** (II Pd 1, 4). E São Paulo disse: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20). Seguindo a lógica, **se Cristo vive na pessoa, Ele realiza Suas maravilhas por meio dela**. Por meio = mediação! Por isso, Jesus disse: “Não está escrito em vossa Lei: *Eu disse: Sois deuses?* Se ela chama deuses aqueles aos quais a palavra de Deus foi dirigida” (Jo 10, 34-35).

Nos Atos, está dito que os apóstolos impuseram as mãos

sobre as pessoas e que elas receberam o Espírito Santo. Se a intercessão dos santos não fosse uma realidade, isso seria totalmente ilógico e aquelas pessoas poderiam receber o Espírito Santo diretamente de Deus, sem a mediação dos apóstolos, num tipo de... autounção! Que furada...

Portanto, alguém que diz que os membros do Corpo de Cristo não participam da Sua mediação está contradizendo a Bíblia. Porém, a Palavra de Deus é perfeita e nela não há confusão. Pra ficar bem claro, vamos destrinchar, no próximo tópico, os quatro fatores de mediação encontrados na Bíblia, fazendo um breve estudo bíblico.

Antes disso, devemos entender que **quanto mais perfeita é a comunhão de um membro com o Corpo de Cristo, mais perfeita é também a sua capacidade de intercessão**. Por isso, o povo católico pede a intercessão, em especial, daqueles cristãos cuja santidade é notável. Afinal, São Tiago ensinou que “a oração fervorosa do justo tem grande poder” (Tg 5, 16).

Pensando bem, até mesmo os protestantes não diferem muito de nós quando pedem bênçãos e orações aos seus pastores ou irmãos de fé. Ora, por que não oram e pedem bênçãos diretamente a Jesus, já que entendem que Ele é, estritamente sozinho, o único mediador? Hein?

## **SANTOS FALECIDOS PODEM INTERCEDER?**



As Escrituras não deixam margem para dúvidas: os cristãos, vivos ou falecidos, participam da natureza divina como membros do Corpo de Cristo, e isso permite que eles intercedam uns pelos outros junto ao Pai. Estudaremos mais detidamente os quatro fatores bíblicos que fundamentam essa crença.

### Os cristãos rezam uns pelos outros

No Antigo Testamento, a intercessão dos santos é explícita. Por exemplo, foi pela oração de Moisés que a mulher de Aarão livrou-se da lepra (Nm 12, 11-15), foi pelo clamor de Elias que o filho da viúva de Sarepta ressuscitou (I Rs 17, 19-24) e foi pela intercessão de Jó que o Senhor perdoou Elifaz e seus companheiros (Jó 42, 8).

Ora, não poderia a mulher de Aarão ter orado diretamente a Deus? Sim, poderia, mas seu marido pediu a intercessão de Moisés. E não poderia a viúva ter pedido pela vida do filho diretamente a Deus? Sim, mas entregou sua angústia ao profeta Elias. Quanto a Elifaz, teve de pedir a intercessão de Jó, do

contrário Deus não o atenderia. Você não acha isso certo? Então sinta e chora!

Agora, vamos ao Novo Testamento. **São Paulo e São Tiago recomendam vivamente que intercedamos uns pelos outros junto a Deus:**

Recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças, por todos os homens. (I Tm 2, 1)

Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé; e se tiver cometido pecados, estes lhe serão perdoados. Confessai, pois, uns aos outros, vossos pecados e orai uns pelos outros, para que sejais curados. A oração fervorosa do justo tem grande poder. (Tg 5, 14-16)

Está claro que os cristãos intercedem uns pelos outros. E mais: **essa intercessão não cessa após a morte.** No livro do Apocalipse, está dito que os santos mártires clamam a Deus para que o sangue que eles derramaram seja vingado (Ap 6, 9-10). São João Evangelista também viu a alma daqueles que foram purificados pelo Sangue de Cristo e que estão diante do trono de Deus, servindo-O dia e noite (Ap 7, 15).

Ou seja, os santos falecidos não estão verdadeiramente mortos, mas sim alertas e conscientes, pois vivem diante de Deus e servem a Ele. Afinal, o Senhor “não é Deus dos mortos,

mas sim de vivos” (Mt 22, 32).

Eis outra evidência bíblica: **Macabeus descreve sua visão de Jeremias, já falecido, orando e intercedendo pelo povo judeu** (II Mc 15, 12-14). Esse único trecho das Escrituras basta pra mandar para o espaço a tese protestante de que os santos falecidos não intercedem por nós.<sup>[2]</sup>

### **Os santos realizam milagres**

Nos Evangelhos e nos Atos, vemos que os apóstolos expulsam demônios e realizam curas usando o nome de Jesus. E, mesmo depois de mortos, os santos ainda realizam milagres. Um morto ressuscitou após seu corpo tocar nos ossos do falecido profeta Eliseu, por exemplo (II Rs 13, 20-21). João também nos lembra do poder dos santos, dizendo: “Em verdade, em verdade, vos digo: quem crê em mim fará as obras que faço e fará até maiores do que elas, porque vou para o Pai” (Jo 14, 12).

É escandaloso que pobres homens, cuja carne a terra comerá, realizem milagres iguais aos de Jesus... ou ainda maiores! Acaso esses homens podem algo por si mesmos? É evidente que não, todo o poder é de Cristo! Os santos são somente mediadores, ou seja, Deus realiza **por meio** deles.

### **Todo cristão exerce um “sacerdócio real”**

O sacerdócio comum dos fiéis batizados — que é diferente do sacerdócio ministerial, exercido pelos padres e bispos — está

atestado no primeiro livro de Pedro. A “raça eleita” exerce um “sacerdócio real” (1 Pd 2, 9), diz o apóstolo.

Sim, sabemos que o único Sacerdote é Jesus Cristo, pois só Ele ofereceu o sacrifício perfeito e definitivo pelos pecados dos homens, mas, se todo o povo de Deus é povo sacerdotal, então todos são parte de um mesmo sacerdócio, o sacerdócio de Cristo.

### **A confissão dos pecados**

Antes de subir aos Céus, **Jesus vinculou o perdão dos pecados à mediação dos seus discípulos** (Jo 20, 22-23). Só teriam os pecados perdoados aqueles a quem eles perdoassem; do contrário, nada feito! O sacramento da confissão, obviamente, não acabou com a morte desses primeiros ungidos, tendo continuidade por meio de seus sucessores, os sacerdotes da Santa Igreja Católica.

São Tiago reafirma essa ordem quando diz “Confessai, pois, uns aos outros, vossos pecados” (Tg 5, 16). Durma com essa você que diz que o único mediador é Jesus, sozinho, isolado dos membros do Seu Corpo! Temos de confessar nossas culpas a pecadores como nós e não basta confessá-los diretamente a Deus. Precisamos de mediadores humanos, participantes da missão Daquele que é o único mediador: Jesus Cristo!

### **COMO OS SANTOS OUVEM NOSSAS ORAÇÕES?**

Em tempos de crise financeira, aumenta, e muito, o trabalho

celestial de Santa Edwiges, a padroeira dos lascados... ops... dos endividados! Não é difícil imaginar a santa recebendo orações de várias cidades do país neste exato momento. Mas como uma simples serva de Deus, que não é onisciente, pode escutar todas essas súplicas?

Os santos no Céu podem ouvir nossas súplicas porque Deus permite. Deus basta a Si mesmo e não precisa de nenhuma criatura para nada, mas **ele quer precisar**. Assim, é bastante razoável que os membros do Corpo de Cristo participem de Seus divinos dons, especialmente aqueles membros que alcançaram elevado grau de santidade e por isso estão mais perfeitamente unidos a Deus.

**Só Deus é onisciente.** Portanto, os santos falecidos não possuem o conhecimento pleno sobre todas as coisas do Universo nem ouvem tudo o que as pessoas pensam ou falam, mas, conforme a vontade e os planos de Deus, é dada aos santos a permissão de ouvir o clamor dos fiéis que invocam seus nomes, seja elevado com a voz ou com o simples pensamento.

Pense na nossa cabeça: ela se comunica com todos os membros do nosso corpo; do contrário, não poderia comandá-los. Igualmente faz Cristo, a cabeça da Igreja, capaz de comunicar-se com todos os membros de Seu Corpo Místico — os batizados — e em especial com os santos.

Assim, os santos não tomam conhecimento de nossas súplicas por capacidade própria, mas por meio da onisciência e onipresença de Jesus Cristo, ao qual estão ligados. Vejamos o que Santo Agostinho escreveu sobre esse assunto:

Convenhamos que os mortos ignoram o que acontece na Terra, pelo menos no momento em que ocorrem. [...] Certamente, não ficam sabendo de tudo, mas apenas aquilo que lhe for autorizado saber e que têm necessidade de saber. [...] As almas dos mortos também podem conhecer alguns acontecimentos aqui da Terra por revelação do Espírito Santo, acontecimentos estes cujo conhecimento seja necessário. E isto não se restringe somente a fatos passados ou presentes, mas também futuros. É assim que os homens — não todos, mas apenas os profetas — conheceram durante sua vida mortal, não todas as coisas, mas apenas aquelas que a Providência Divina julgava bom lhes revelar.<sup>[3]</sup>

## PARA QUE SERVEM AS RELÍQUIAS DOS SANTOS?



Relíquias podem ser restos mortais, objetos pessoais ou objetos tocados pelos santos. Na Bíblia, há uma passagem central para fundamentar a devoção dos católicos às relíquias de santos:



“Entretanto, pelas mãos de Paulo, Deus operava milagres não comuns. Bastava, por exemplo, que sobre os enfermos se aplicassem lenços e aventais que houvessem tocado seu corpo: afastavam-se deles as doenças, e os espíritos maus saíam” (At 19, 11-12).

No **Antigo Testamento**, outros dois relatos mostram a ação de Deus por meio das relíquias de seus servos: o profeta Eliseu dividindo o rio em duas partes com uma batida do manto do falecido profeta Elias na água (II Rs 2, 13-14) e um homem que ressuscitou quando seu corpo tocou nos ossos de Eliseu (II Rs 13, 20-21).

No século IV, o grande São Jerônimo também defendeu ardentemente o culto às sagradas relíquias dos mártires contra os ataques do herege Vigilância, mas certamente há católicos que não compreendem bem o papel dos santos e agem de forma desvirtuada em relação às relíquias. O problema não é o ato de venerar relíquias, mas sim uma catequese deficiente.

**As relíquias causam grande impacto em nós, pois nos aproximam de realidades antes conhecidas somente por meio de relatos escritos e orais.** Elas não são essenciais para a nossa salvação, mas favorecem a fé como testemunhas silenciosas e incisivas da vida de pessoas que amaram profundamente a Cristo.

## **OS CATÓLICOS ADORAM IMAGENS?**

Nem cheirar pó, nem matar, nem traficar, nem roubar doce de

criancinha: o pecado que mais atíça a sanha dos nossos irmãos evangélicos é a **idolatria**. A estratégia dos acusadores dos católicos é a tijolada: **pegam uma passagem da Bíblia, tiram-na do seu contexto e lançam-na na nossa cabeça, sem dó**. Neste caso, o tijolo, isto é, o texto que usam como arma para atacar a nossa fé, é: “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima nos Céus, ou embaixo na Terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás” (Ex 20, 3-5).

De fato, prestar culto a imagens de santos, como os católicos fazem, seria um pecado gravíssimo... **na época do Antigo Testamento**. Naquele momento, essa proibição era absolutamente necessária, mas **ganhou um novo sentido quando a Antiga Aliança deu lugar à Nova Aliança**.

Antes de enviar os Dez Mandamentos, Deus ordenou que Moisés fabricasse uma serpente de bronze, que funcionaria como antídoto para picadas de cobra. Deus poderia simplesmente ter curado as pessoas sem a mediação de nenhum objeto, mas escolheu doar a Sua graça por meio de uma imagem de culto. Então, as imagens religiosas, em si, não podem ser uma coisa ruim!

Deus jamais se contradiz. Se Ele mandou fazer e depois proibiu, é evidente que as imagens, em dado momento específico da história, não eterno, tornaram-se fontes de idolatria, o que levou à necessidade de seu banimento.



Uma correta interpretação do texto bíblico não deixará dúvidas de que a fabricação de imagens de culto foi circunstancial, e não definitiva. É preciso, portanto, entender o **sentido** profundo e eterno dos mandamentos, e não ficar burramente presos à letra, pois, como disse São Paulo, a letra mata, mas o Espírito vivifica (II Cor 3, 6).

### O contexto da Antiga Aliança

O povo que vivenciou o Êxodo era, em grande parte, idólatra. A crença no Deus de Abraão, Isaac e Jacó não os imunizou da influência religiosa dos demais povos. Assim, o culto aos ídolos — primeiramente ao bezerro de ouro e depois aos baais — era uma fonte de frequentes aborrecimentos e decepções para o Senhor.

Por isso, havia um grande risco de os hebreus perceberem o

Deus da Aliança como mais um deus, o que estava “em alta” no momento, e não como o *Deus* Único e Verdadeiro. **Iahweh precisava deixar claro que havia um abismo entre os ídolos e Ele**, que Ele não era produto da mente humana, tampouco a Sua doutrina. Ele é o Deus que se revelou, Ele é Aquele que É (Ex 3, 14). Os ídolos, por sua vez, eram patéticos e impotentes objetos de madeira, metal ou pedra, que representavam esquemas religiosos e doutrinas criadas pela imaginação humana.

Deus tentou, mas estava difícil. O povo não se mancava e até começou a idolatrar a serpente de bronze que, a mando de Deus, Moisés havia fabricado. Diante de tamanha esculhambação, o Senhor ordenou que ela fosse destruída (II Rs 18, 4). Era preciso tomar uma **medida educativa radical** e proibir que o povo fizesse qualquer imagem de Deus, para deixar claro que Ele não era mais um deus inventado, moldado por mãos humanas.

### **O Deus invisível mostrou Sua face**

Além de a cultura hebraica da época favorecer a relação idolátrica com imagens, havia outra realidade: **ninguém conhecia o rosto de Deus** e nenhuma imagem poderia expressar o que Ele era: “Uma vez que nenhuma forma vistes no dia em que Iahweh vos falou no Horeb, no meio do fogo, não vos pervertais, fazendo para vós uma imagem esculpida em forma de ídolo” (Dt 4, 15-16).

Tudo isso mudou quando Jesus nasceu e **Deus finalmente nos mostrou a Sua face!** Todo o poder, o amor, a beleza, a

misericórdia e a força de Deus cabiam agora no corpo de um menino. Os olhos dos homens finalmente puderam contemplar a **figura** do Criador: “Quem me vê vê aquele que me enviou” (Jo 12, 45).

Talvez o nariz ou os olhos fossem parecidos com os de Sua Mãe. Talvez. Mas o certo é que os traços do rosto de Jesus jamais seriam esquecidos ou ignorados pelos cristãos da comunidade primitiva. As provas estão nas **paredes das catacumbas** para quem quiser e puder ver: pinturas de santos, de Maria e de outros personagens bíblicos.

Assim, desde os primeiros séculos, entendeu-se que os ícones que representam o Senhor, Maria e os santos exprimem de forma legítima a fé e a esperança do nosso povo. Por isso, o mandamento que condena a idolatria não se aplica às imagens católicas, já que estas nos remetem à glória do próprio Cristo. Os ícones católicos testemunham sobre a vida de **personagens reais e históricos** (e não seres imaginários, como os falsos deuses) que se dedicaram ao Senhor.

### **Ver a essência do mandamento, e não a letra**

A Antiga Aliança nunca foi revogada, pois Cristo veio para dar-lhe pleno cumprimento, mas só podemos compreendê-la corretamente à luz do Novo Testamento, pois é imperfeita e provisória: “Agora, porém, Cristo possui um ministério superior. Pois ele é o mediador da aliança bem melhor, cuja constituição se baseia em melhores promessas. De fato, se a primeira aliança

fora sem defeito, não se trataria de substituí-la pela segunda” (Hb 8, 6-7).

Jesus veio cumprir plenamente a lei, mostrando a todos a sua **essência**. Vamos tomar como exemplo o mandamento “**Não adulterarás**”.

Nos tempos do Antigo Testamento, todos concordavam que a poligamia e o divórcio não feriam esse mandamento, mas Jesus explicou que essas coisas foram toleradas por Deus por razões circunstanciais e que não correspondiam ao Seu plano original para o matrimônio. Jesus disse que Deus fez homem e mulher para ficarem juntos até a morte, o que causou espanto entre seus discípulos. E disse mais: se um homem alimenta maus pensamentos por uma mulher, ele já está pecando por adultério.

**Note que o mandamento continuou o mesmo, mas houve uma revolução na sua interpretação.** E assim ocorreu com os demais mandamentos, que, sob a luz de Cristo, foram despidos de seus elementos periféricos e circunstanciais para reluzirem com o brilho da verdade eterna e imutável. Dentro da mesma lógica, **o primeiro mandamento** — “Não terás outros deuses diante de mim” — **também foi polido por Cristo**, restando, a partir de então, somente a sua substância essencial: “‘Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?’ Ele respondeu: ‘*Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento*’” (Mt 22, 36-38).

Ué... O Mestre não falou nada sobre o culto a imagens. Que estranho, não é mesmo? Vejamos a mesma passagem narrada por Marcos:

Um dos escribas que ouvira a discussão, reconhecendo que respondera muito bem, perguntou-lhe: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” Jesus respondeu: “O primeiro é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força”. (Mc 12, 28-30)

**Assim, está claro que Jesus NÃO considera que a condenação do culto a imagens é um ponto integrante do Primeiro Mandamento!** Eis a verdade: essa grande obsessão dos protestantes — o culto a imagens — nunca foi objeto das pregações de Jesus.

A partir de Cristo, podemos entender que o primeiro mandamento essencialmente diz que devemos **adorar somente ao Deus de Israel**, o único Deus vivo e verdadeiro, **e ponto**. A orientação do Êxodo sobre a proibição a prestar culto a imagens era apenas um anexo, que teve um valor inestimável em dado momento, mas que mais tarde foi superada, tanto que Jesus nem sequer a menciona. **É preciso saber diferenciar o que é essencial e eterno na lei de Deus e o que é circunstancial e relativo a cada cultura e tempo.** Essa dica vale ouro!

Para os hebreus, o culto a imagens era um pecado de idolatria tão grave quanto aparar as laterais da barba e cortar o cabelo em formato redondo (Lv 19, 27). Naturalmente, com o tempo, o contexto mudou, e a proibição sobre a barba e o cabelo perdeu o sentido. O mesmo ocorreu com o culto a imagens!

**A idolatria continuou sendo condenada no Novo Testamento,**

**e os cristãos ainda são proibidos de prestar culto a imagens de falsos deuses**, mas é muita má vontade não fazer o mínimo esforço para entender que o carinho que os católicos têm pelas imagens de Jesus e de seus santos não é idolatria. Uma imagem de Jesus não é a imagem de um ídolo, pois Ele é o verdadeiro Deus. Uma imagem de um santo não é a imagem de um ídolo, pois os santos são testemunhas de Deus, e não deuses, e por isso não são adorados pelos católicos.

Na impossibilidade de beijar alguém que amamos, beijamos sua foto. Na impossibilidade de nos colocar aos pés de Jesus, nós nos colocamos aos pés de uma imagem Dele. E fazemos orações, sim, mas não direcionadas à matéria da imagem — a madeira, o gesso —, porque não somos imbecis. Nossas preces são direcionadas àqueles que a imagem representa.

Os católicos não são idólatras, assim como não eram idólatras os cristãos primitivos que produziram numerosas imagens de santos nas paredes das catacumbas. Cremos que Jesus é o Único Salvador. Somos membros pecadores da Igreja que compilou a Bíblia, da única Igreja fundada por Jesus Cristo, da única Igreja que até hoje, e até o fim dos tempos, fundamenta-se sobre Pedro e guarda a herança dos apóstolos.

## **ORAR AOS SANTOS É O MESMO QUE INVOCAR ESPÍRITOS?**

Na cabecinha de alguns irmãos evangélicos, a devoção aos santos pelos católicos equivale à evocação dos mortos feita pelos



espíritas. *Oh, boy...*

Pelo visto, vamos precisar explicar a diferença entre tomada e focinho de porco, ou melhor, entre consulta aos mortos e pedido de intercessão aos santos... Basta um pouco de honestidade intelectual e raciocínio para entender que os **católicos não evocam os santos falecidos para receber mensagens, conselhos ou previsões**, o que seria praticar necromancia.<sup>[4]</sup> Os católicos invocam os santos, vivos ou falecidos, para pedir sua **intercessão**.

Cristãos que pedem a intercessão dos santos são como os doentes descritos nos Atos dos Apóstolos, que tinham a esperança de alcançar a cura ao serem “tocados” pela sombra de São Pedro, ou seja, que buscavam uma graça mediada pelo santo. E, como a Bíblia revela que os santos permanecem ativos e conscientes mesmo depois de mortos — algo que a Sagrada Tradição confirma —, faz todo o sentido crermos que continuam a ser nossos intercessores nos Céus.

# Sobre o Céu, o Inferno e o Purgatório



## SÓ OS CATÓLICOS VÃO PARA O CÉU?

**“[...] não é possível encontrar Jesus fora da Igreja. O grande Paulo VI dizia: é uma dicotomia absurda querer viver com Jesus sem a Igreja, seguir Jesus fora da Igreja, amar Jesus sem a Igreja”, disse o Papa Francisco em sua homilia de 23 de abril de 2013. Na continuação, o papa deixou bem claro que estava falando da Igreja “hierárquica e católica”. Bem, se não é possível**

encontrar Jesus fora da Igreja Católica, não é possível salvar-se fora dela. Afinal, ninguém chega ao Pai senão por meio Dele.

Certo... E como ficam os protestantes, pois existem muitos que dão testemunhos belos e sinceros de fé, e as pessoas de outras religiões, que nunca tiveram a oportunidade de receber uma boa catequese?

Em primeiro lugar, é preciso que tenhamos clareza sobre uma coisa: Deus não é um legislador frio e inflexível. Ele sabe que **há pessoas que não têm culpa de não crerem em Seu Filho e na Sua Igreja** ou que ao menos têm sua culpabilidade atenuada. E isso pode ocorrer por diversas razões: porque ainda não ouviram as palavras do Evangelho, porque tiveram uma experiência negativa com católicos, porque receberam uma catequese ruim e formaram uma má impressão ou porque estão submetidos a fortes condicionamentos culturais.

A Igreja até tem um nome, “**ignorância invencível**”, para essas condições extremamente desfavoráveis ao conhecimento e ao acolhimento da verdadeira fé. É como se um forte bloqueio impedisse a pessoa de dizer sim a Cristo e à Sua Igreja. Por isso, Deus não culpa aqueles que ignoram a verdadeira religião quando sua ignorância é invencível.

Então, sobre a salvação dos não católicos, duas coisas devem ficar claras:

1. **não há salvação fora da Igreja. Isso é um dogma**, ou seja, uma verdade de fé que deve ser aceita por todos os católicos;

2. aqueles que, sem culpa, desconhecem Cristo e a Sua Igreja, mas buscam sinceramente a Deus e tentam cumprir a Sua vontade não estão fora da Igreja. Eles **fazem parte da alma da Igreja** e, assim, podem conseguir a salvação.

### **Como serão julgados os não católicos?**

São Paulo, em uma de suas cartas, diz que uma noção básica sobre o que é bom e o que é mau está inscrita nos corações das pessoas, inclusive daquelas que jamais ouviram falar sobre Jesus. Isso se chama **lei natural**.

Quando então os gentios, não tendo lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei, eles, não tendo lei, para si mesmos são Lei; eles mostram a obra da lei gravada em seus corações, dando disto testemunho sua consciência e seus pensamentos que alternadamente se acusam ou defendem... (Rm 2, 14-15)

Diante de Deus, então, os não católicos serão julgados conforme a sua fidelidade àquilo que aprenderam que é certo ou errado. Certamente, seus conhecimentos sobre o bem e o mal são muito limitados, pois não puderam conhecer a plenitude da verdade na Igreja Católica, e Deus levará essa desvantagem em conta.

É justo que os menos favorecidos sejam menos cobrados. Afinal, **Deus julga não somente as ações, mas as intenções e as**

**condições que cada um tem para compreender se o que faz é bom ou mau.** Na parábola do mau administrador, Cristo diz:

Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor, mas não se preparou e não agiu conforme sua vontade, será açoitado muitas vezes. Todavia, aquele que não a conheceu e tiver feito coisas dignas de chicotadas, será açoitado poucas vezes. Àquele a quem muito se deu, muito será pedido, e a quem muito se houver confiado, mais será reclamado. (Lc 12, 47-48)

Isso quer dizer que **os católicos serão julgados com muito mais rigor do que aqueles que ignoram a palavra de Deus** ou aqueles que a conhecem de modo parcial. Afinal, tiveram a oportunidade de receber muito mais amor, muito mais graças, muito mais consolações e muito mais sabedoria do que os demais.

### **Os ateus podem se salvar?**

A mensagem de Cristo sobre a salvação dos povos é translúcida: **quem não crer, será condenado.** Essa condenação certamente não atingirá as pessoas em estado de ignorância invencível, conforme já explicamos. No Evangelho de Marcos, vemos a mensagem de Cristo com clareza: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado, será salvo; o que não crer será condenado” (Mc 16, 15-

16).

A essa verdade deve-se somar outra: **todos são chamados a fazer o bem**. Todos têm esse ímpeto, sejam católicos, seguidores de outras religiões ou ateus. E esse desejo do bem pode ser um excelente fator de encontro e de entendimento entre católicos e não católicos. “Se nós, cada um de nós, fizer o bem aos outros, pouco a pouco, lentamente, realizamos aquela cultura do encontro: aquela cultura de que tanto precisamos. Encontrar-se fazendo o bem”, explicou o Papa Francisco na homilia de 22 de maio de 2013.

O papa também lembrou que Jesus morreu na cruz para que todos fossem redimidos com o Seu sangue, o que não quer dizer que todos aceitem essa redenção. Muitos a rejeitam e condenam a si mesmos. Uma pessoa que, até o seu último suspiro, endurece o coração e impede sua inteligência de reconhecer e aceitar a redenção divina não pode ser salva. Deus oferece a Salvação a todos, mas não obriga ninguém a aceitá-la.

Essa rejeição obstinada da misericórdia divina é chamada de **“blasfêmia contra o Espírito Santo”** (Mt 12, 31), **o único pecado para o qual não há perdão:**

A misericórdia de Deus não tem limites, mas quem se recusa deliberadamente a acolher a misericórdia de Deus pelo arrependimento rejeita o perdão de seus pecados e a salvação oferecida pelo Espírito Santo. Semelhante endurecimento pode levar à impenitência final e à perdição eterna.<sup>[1]</sup>

Como nos ensinou o Papa Francisco na citada homilia,

precisamos deixar que Jesus amplie os nossos horizontes e aprender a ver o bem que está no coração de não católicos. Assim, pode crescer o afeto e o diálogo entre nós. O desejo de bem, de amor, de verdade e de justiça que pulsa em cada coração humano, inclusive no coração dos ateus, só se realiza plenamente na amizade com o Senhor. Sem a graça de Deus, até praticamos boas ações, mas continuamos mergulhados em confusão e em erros. Repare: quantas vezes metemos os pés pelas mãos e magoamos até quem mais amamos?

Por causa da ferida do pecado original, muitas vezes não somos capazes de fazer o bem que desejamos. Como confessou São Paulo, “o querer o bem está ao meu alcance, não porém o praticá-lo. Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero” (Rm 7, 18-19). Só Jesus liberta-nos dessa condição, enchendo o nosso coração com um amor e uma esperança antes inimagináveis.

## **POR QUE A IGREJA NÃO CRÊ EM REENCARNAÇÃO?**

**As pessoas sofrem porque merecem?**

“Eu devo ter atirado pedra na cruz!” Diante das numerosas mazelas, dos entraves e urucubacas, talvez você já tenha pronunciado essa frase. Realmente, a ideia de que o **sofrimento é um castigo** por algo que fizemos é partilhada por muitos. E, quando se tem a impressão de que a desgraça é bem maior do que o peso das próprias culpas, alguns se sentem tentados a

pensar que Deus não é justo, enquanto outros imaginam que somente pecados cometidos em outra vida poderiam justificar tal desproporção.

Allan Kardec foi um dos principais divulgadores da ideia de que todas as pessoas carregam um **carma**, uma espécie de lei de causa e efeito, uma dívida gerada por atos realizados nesta vida e em vidas anteriores. Também os hinduístas, budistas e esotéricos professam essa crença. Há alguns trechos de *O Evangelho segundo o Espiritismo* que resumem bem este conceito:

Por que uns sofrem mais do que outros? Por que uns nascem na miséria e outros na riqueza, sem nada terem feito para justificar essa posição?

As contrariedades da vida são de duas espécies [...]: umas têm sua causa na vida presente, outras, não nesta vida. [...] Tal é, por exemplo, a perda de seres queridos [...], as calamidades naturais e as enfermidades de nascença [...], as deformidades [...] etc. Aqueles que nascem nessas condições seguramente não fizeram nada nesta vida para merecer uma sorte tão triste.

É certo que Deus não pune o bem que se faz nem o mal que não se faz; se somos punidos, é porque fizemos o mal; se não o fizemos nesta vida, seguramente o fizemos em outra.<sup>[2]</sup>

Parece lógico, não? Porém, essa visão é parcial e equivocada. Os sofrimentos desta vida podem, sim, ser consequências de um



pecado cometido, mas nem sempre são. **Aceitar a doutrina do carma é crer que todas as pessoas estupradas, assassinadas, humilhadas ou exploradas estão recebendo o que merecem.** E, pior, é acreditar que Deus invariavelmente deseja que elas sofram. Insano!

### **O sofrimento pode ter diversas causas**

A questão do sofrimento é muito complexa. Por causa das nossas limitações físicas e morais decorrentes do pecado original, todos nós sofremos. Na Bíblia, vemos que o sofrimento pode ter diversas causas e que ser o castigo por um mal é apenas uma entre tantas possibilidades. **Uma pessoa pode sofrer porque...**

**... está vivendo as consequências ou o castigo por suas más ações e escolhas nesta vida** (que é a única que ela tem, além da vida eterna!). Nesse sentido, um exemplo bastante conhecido é o do rei Davi, que dormiu com a mulher de um de seus soldados e depois provocou a morte do homem traído. Ele obteve o perdão do Senhor, pois se arrependeu sinceramente, mas ainda assim teve de pagar pelos seus erros: “Assim diz Iahweh: Na tua própria casa farei surgir a desgraça contra ti. [...] Por sua parte, Iahweh perdoa a tua falta: não morrerás. Mas, por teres ultrajado Iahweh com o teu procedimento, o filho que tivestes morrerá” (II Sm 12, 11-14).

**... está sendo vítima inocente** do pecado de outros homens ou das debilidades físicas que, mais cedo ou mais tarde, afetam qualquer ser humano, como doenças, velhice e morte, seja ele inocente ou pecador.

**... sua fé e sua perseverança estão sendo provadas.** É o caso de Jó, que “não cometeu pecado” (Jó 1, 22) e, ainda assim, perdeu todos os filhos, os bens e a saúde. Equivocados, seus amigos achavam que isso só podia ser fruto dos seus pecados e dos pecados de seus filhos. Jó reafirmava a sua inocência e perguntava a Deus a razão do seu infortúnio: “Direi a Deus: Não me condenes, explica-me o que tens contra mim” (Jó 10, 2). A resposta à pergunta de Jó está nas cartas de São Paulo: “Nós nos glorificamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança” (Rm 5, 3-4).

**... sofre perseguições por causa do Evangelho.** Afinal, o mundo persegue aqueles que são de Cristo: “Lembraí-vos da palavra que vos disse: o servo não é maior que seu senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão” (Jo 15, 20).

**... Deus a convida a se sacrificar pelo bem do próximo.** O sofrimento suportado com paciência e ofertado com amor produz uma espécie de tesouro espiritual que gera frutos de esperança e alegria para a Igreja e para todas as pessoas. Este é o exemplo de Jesus e de seus santos: “Agora regozijo-me nos meus sofrimentos por vós, e completo o que falta às

tribulações de Cristo, em minha carne pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Cl 1, 24).

**... o Senhor deseja revelar a Sua glória ao mundo por meio da sua tribulação.** É o caso do cego de nascença, curado por Jesus: ao passar, ele viu um homem, cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?” Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus” (Jo 9, 1-3).

Deus criou os homens para a felicidade, mas o pecado original, que nossa geração não cometeu, mas herdou, abriu as portas para o mal e para o sofrimento. Porém, **a causa de um sofrimento específico é sempre um mistério.** Assim, é anticristão afirmar que todo o sofrimento de uma pessoa é invariavelmente a purgação de algum mal feito por ela, pois só Deus o sabe.

### **Almas não são recicláveis!**

Lembra que aquela sua tia esotérica garantiu que você foi um poderoso rei em outra encarnação? Pois é... Não fique triste, mas é caô. A doutrina da Igreja sempre deixou bem claro que reencarnação não existe.

Alguns espíritas buscam legitimar a doutrina da reencarnação dizendo que um dia, nos primórdios, já foi defendida pela Igreja

Católica. Amigos, por favor, não apelem! O mínimo de conhecimento teológico e histórico já faz essa historinha cair por terra...

A doutrina da Igreja se baseia na Tradição e na Bíblia. A Tradição que herdamos dos apóstolos está registrada, em parte, nos escritos dos padres dos primeiros séculos. Agora, vejamos o que dizem a Bíblia e os primeiros padres:

Na Carta aos Hebreus (9, 27), está dito: **“E como é fato que os homens devem morrer uma só vez, depois do que vem um julgamento”**. Tal ensinamento é confirmado na parábola “O homem rico e o pobre Lázaro”: após a morte, o rico egoísta vai direto para os tormentos do Inferno enquanto o bom Lázaro é acolhido imediatamente por Abraão em um bom lugar (Lc 16, 22). Em nenhum momento, Jesus diz que o rico reencarnaria pra ter uma nova chance.

Jesus também prometeu a Dimas, o bom ladrão, que chegaria ao Paraíso no mesmo dia de sua morte. Ou seja, nada de reencarnar pra purgar o mal que fez! Em outra passagem, Jesus ensina que “quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3, 3). Nicodemos, então, pergunta se se trata de algo como entrar no ventre da mãe e renascer, e a isso Jesus responde: “Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”. Ou seja, **não tinha nada a ver com um renascimento biológico, carnal**, pois “o que nasceu da carne é carne”, **mas sim com um renascimento espiritual**, marcado pelo batismo, que é feito com... água!

Repare que Jesus diz precisamente a Nicodemos o que é preciso para esse renascimento: a fé. “Quem nele crê não é

julgado; quem não crê já está julgado, porque não creu no Nome do Filho único de Deus.” Logo depois da conversa com Nicodemos, Jesus foi à Judeia para batizar as pessoas, isto é, para fazê-las renascer pela água e pelo Espírito.

Bem, você já viu que a Bíblia não dá margem a qualquer crença na reencarnação. E os primeiros padres da Igreja, aqueles que foram os primeiros a receber e guardar os ensinamentos dos apóstolos? Pois a doutrina da reencarnação também foi tida como herética por **Clemente de Alexandria** (†215), por **Santo Irineu** (†202) e por **Eneias de Gaza** (†518). Além deles, podemos citar **Orígenes de Alexandria** (†254), que considerava a doutrina da reencarnação uma **fábula**. “Ué? Mas não foi justamente Orígenes que propôs essa doutrina como verdadeira?” Não, não mesmo!

Na verdade, Orígenes propôs uma tese esquisita sobre a preexistência das almas, mas que não tinha nada a ver com reencarnação. Ele jamais foi herege; era um teólogo brilhante e sempre foi fiel ao magistério da Igreja. Para Bento XVI, Orígenes foi “o autor mais fecundo dos primeiros três séculos cristãos”.<sup>[3]</sup>

A equivocada tese de Orígenes sobre a preexistência das almas, infelizmente, foi tomada como artigo de fé por um grupo de fãs mocorongos, os origenistas. No século III, esses discípulos fanáticos resolveram tomar como dogma aquilo que seu mestre havia proposto como mera hipótese e ainda perverteram suas ideias, passando a professar a crença na reencarnação.

O origenismo ganhou força e espalhou-se pela Palestina. Então, em 539, o Patriarca de Jerusalém mandou um S.O.S. pro imperador Justiniano, que publicou um duro pronunciamento

contra os origenistas. O Papa Virgílio e os demais patriarcas também aprovaram o pronunciamento e repercutiram os artigos condenatórios de Justiniano, conforme explica dom Estêvão Bettencourt: “Como se vê, tal condenação foi promulgada por um sínodo local de Constantinopla reunido em 543, e não pelo Concílio ecumênico de Constantinopla II, o qual só se realizou em 553”.<sup>[4]</sup>

Como você viu, a Bíblia, a Patrística, os documentos papais e os demais registros históricos comprovam que **a Igreja Católica jamais aceitou a tese da reencarnação**, que foi abraçada nos séculos III e IV por um grupo restrito de monges, mas condenada e combatida pelos bispos e papas.

## **O INFERNO REALMENTE EXISTE?**

Algumas pessoas se confortam cultivando a crença de que o Inferno não existe, e, se existir, está vazio. Para elas, todos se salvarão, mesmo aqueles que não se arrependeram antes da morte, apenas passando pelo Purgatório.



Porém, nem as Escrituras nem a palavra dos santos nem a Tradição dá qualquer suporte a essa historinha de Inferno vazio. Aliás, muito pelo contrário. O Abismo tem muitos habitantes, a começar por Lúcifer e pelos anjos decaídos, conforme é revelado no livro de Daniel. Como nós, os anjos rebelados eram criaturas amadas de Deus, mas a sua perversão lançou-os nas trevas para todo o sempre.

Mas, antes de falar da Bíblia e da Tradição, vamos refletir sobre as coisas à nossa volta. Pense, por exemplo, em criminosos abomináveis: na boa, você apostaria na salvação de Hitler, Lênin ou Stálin? E daqueles que abusam de crianças? Já os imaginou tocando harpa, com asinhas nas costas, pulando de nuvem em nuvem?

É claro que só a Deus cabe o julgamento, mas não parece bom negócio arriscar uns trocadinhos nessa aposta! **Deus é infinitamente misericordioso e justo.** O médico veio para os doentes, mas se os doentes rejeitam o tratamento, como poderão

ser curados e livrados da morte?

Assim, basta observar a realidade do mundo e a podridão dos corações para chegarmos à conclusão de que o Inferno tá mil vezes mais cheio do que um show gratuito da Beyoncé.

### Muitos são chamados, poucos são escolhidos

Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele! (Mt 7, 13-14). No Novo Testamento, há muitas passagens que indicam o grande número de homens — grande mesmo! — que caem na desgraça eterna. Em uma dessas passagens, um homem perguntou a Jesus (Lc 13, 23-28):

— Senhor, é pequeno o número dos que se salvam?

O Mestre respondeu:

— Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não conseguirão. Uma vez que o dono da casa houver se levantado e tiver fechado a porta, ficareis fora.

Refleta bem: o Senhor afirmou categoricamente que **muitos, mesmo entre os cristãos** (“Nós comíamos e bebíamos em tua presença, e tu ensinaste em nossas praças!”), **não conseguirão entrar na Casa do Pai** e serão enviados para um lugar onde “haverá choro e ranger de dentes”.

É muito difícil ler isso sem concluir que muitas pessoas acabarão na dana-ção eterna, e o pior é que essa passagem sobre a “porta estreita” não está isolada e outros trechos do Novo



Testamento indicam que o Inferno es tá muito bem povoado:

- Jesus diz que “muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 22, 14);
- há pessoas que, por mais que ouçam a Palavra de Deus, não se abrem para compreendê-la e acolhê-la. Jesus diz que não pode curar (ou seja, salvar) gente assim: “Porque o coração deste povo se tornou insensível. E eles ouviram de má vontade, e fecharam os olhos, para não acontecer que vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam com o coração, e se convertam, e assim eu os cure” (Mt 13, 15);
- Jesus acusou os doutores da Lei e os fariseus hipócritas de fecharem o Reino dos Céus com suas falsas doutrinas (Mt 23, 13) e questionou: “Como haveis de escapar ao julgamento da geena?” (Mt 23, 33);
- **“Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a Terra?”** (Lc 18, 8). Com que tristeza o Senhor deve ter dito isso! Quem se recusar a abraçar a fé, como poderá receber a salvação? É bom lembrar o que Ele disse: “O que não crer será condenado” (Mc 16, 16).

Para não nos alongarmos muito, nem vamos citar as numerosas passagens do Apocalipse que preveem a condenação de um grande número de pessoas. Diante disso, alguém que insistir em crer que o Inferno não existe ou está vazio terá, necessariamente, de afirmar que Jesus era chegado num blefe e

ficava contando lendas assustadoras sobre mundos imaginários só pra botar terror e manter a gente no cabresto.

Apesar de tantas evidências que desqualificam a teoria do Inferno vazio, esse discurso convence a muitos. É previsível: **a grande maioria das pessoas prefere dar ouvidos a mentiras reconfortantes do que a verdades inconvenientes.**

# Sobre a Inquisição



## A INQUISIÇÃO MATOU MILHARES DE PESSOAS?

Você é daqueles que acham que a Igreja matou milhões de pessoas na fogueira durante a Idade Média? Então fique sabendo que não foi bem assim! Foram as autoridades seculares (não religiosas) que determinaram que heresias deviam ser punidas com morte, não a Igreja. E, na verdade, o Tribunal da Inquisição foi montado para... salvar os hereges da morte certa!

*Whaaaaaat?! Sim, é isso mesmo que você leu! A Inquisição poupou muitas vidas, pois colocou freio nos linchamentos públicos.*

Eu sei, eu sei, deve ter muita gente aí levantando as sobrancelhas... Isso acontece porque não vivemos na Idade Média e, por isso, não imaginamos corretamente o contexto. Naquela época, não havia Estado como conhecemos hoje, e as pessoas faziam justiça da maneira que lhes desse na telha, como acusar pessoas de um crime, prender e linchar sem julgamento, por exemplo.

A primeira coisa a fazer é entender que os territórios eram divididos em feudos. Não tinha essa de um governo central mandar no país todo, mas essa descentralização do poder deixava o caminho livre para que senhores feudais impusessem e interpretassem a lei e o direito a seu modo.

A outra coisa a entender é que foi a Igreja quem reuniu os cacos que restaram da Europa após a queda do Império Romano. Assim, um ataque contra ela era visto pela população como um ataque contra a própria sociedade, contra a sua estrutura e os seus valores. Por isso, uma heresia era um crime terrível, um crime de lesa-majestade divina!, que ameaçava a ordem nos reinos. E foi o direito romano do Código de Justiniano que tornou a heresia uma ofensa capital, e não a Igreja.

### **Dicionário de catoliquês: Heresia**

Negação formal e reiterada de uma ou mais verdades da fé.

Ok, agora que você já entendeu essas coisas, vamos aos fatos... Os nobres que mandavam nos feudos puniam por crime de heresia quem lhes desse na telha, promovendo linchamentos públicos. Também eram condenados por heresia inimigos das autoridades civis, caluniados por motivos políticos. O bicho pegava porque cada um tinha o seu conceito de heresia.

Esses desmandos de senhores feudais “justiceiros” só tiveram fim quando a Igreja reclamou para si o direito exclusivo de julgar supostos hereges, já que os padres eram os únicos que possuíam a formação teológica necessária para fazer a devida avaliação, descartando falsas acusações. Então, **surgiram os tribunais da Inquisição, justamente para pôr freio à barbárie, oferecendo um julgamento justo aos acusados de heresia.** O historiador americano Thomas F. Madden explica que “a Inquisição não nasceu da vontade de esmagar a diversidade ou oprimir o povo, era mais uma tentativa de acabar com as execuções injustas”.<sup>[1]</sup>

Como nenhum empreendimento humano é perfeito, certamente houve maus inquisidores, que praticaram abusos e injustiças. Porém, as evidências históricas testemunham a favor da Inquisição, apresentando-a como uma instituição que salvou a vida de milhares de inocentes que teriam morrido pelo julgamento de tribunais seculares, em geral bem menos indulgentes.

Em relação à Inquisição espanhola, até mesmo seus cárceres eram mais bem organizados e ofereciam condições mais humanitárias do que as prisões civis espanholas, tanto que muitas vezes réus presos por crimes comuns faziam declarações

heréticas na tentativa de serem transferidos para uma prisão da Inquisição.<sup>[2]</sup>

## A IGREJA PROMOVEU UMA CAÇA ÀS BRUXAS?



A Igreja Católica caçou e fez torresmo de milhares de mulheres acusadas de bruxaria, certo? Errado! É muito difícil desmentir uma lorota repetida milhões de vezes nas escolas e na televisão, a ponto de estar profundamente arraigada na mentalidade das massas. Porém, quem tem acesso a informações expostas por historiadores sérios acaba por concluir que **a caça às bruxas foi um fenômeno protestante**, em nada relacionado com o Tribunal da Inquisição.

A Inquisição, pelo contrário, salvou muitas pessoas da morte pelas mãos de senhores feudais, que faziam “justiça” por conta própria. A Igreja Católica, ao contrário de determinadas seitas protestantes, nunca foi afeita a espalhar entre o povo uma obsessão pelo capeta; pelo contrário, sempre combateu as

superstições e a histeria.<sup>[3]</sup>

Em algumas partes da Europa, os protestantes, por sua vez, mataram em cinquenta anos mais do que os católicos em quinhentos anos.<sup>[4]</sup> Isso sem contar a caça às bruxas promovida pelos puritanos ingleses que emigraram mais tarde, na Idade Moderna, para a América do Norte. O episódio mais conhecido de toda essa desgraça é o julgamento das bruxas de Salém, quando cerca de trinta pessoas — sendo a maioria mulheres — foram mortas em um ano após acusações de bruxaria.

A Igreja Católica considerava que quase todas essas acusações de bruxaria eram invencionices. No século XI, o Papa São Gregório VII deu um puxão de orelhas no rei da Dinamarca, Haakon, por ter mandado queimar mulheres acusadas de bruxaria. Tal postura pode ser resumida em um ensinamento bem-humorado de João de Salisbury, bispo de Chartres (século XII): “A única maneira de combater as bruxas é não falar sobre elas”.<sup>[5]</sup>

### *Malleus maleficarum* condenado pela Igreja

Outra calúnia muito comum relacionada à caça às bruxas diz que o Tribunal do Santo Ofício teria utilizado o bizarro livro *Malleus maleficarum* (em tradução livre, “Martelo das bruxas”) para orientar a ação de seus inquisidores. Na verdade, essa obra foi condenada pela Igreja desde a sua publicação, e quem mais fez uso dela como manual para identificar, julgar e punir supostas “bruxas” foram os puritanos protestantes e os tribunais

seculares.

O livro foi publicado em 1484 por dois frades dominicanos alemães, Heinrich Kramer e James Sprenger. Em seguida, os autores submeteram seu conteúdo à análise do clero da Universidade de Colônia, que reprovou a ridícula obra. Em 1490, a Igreja Católica incluiu o livro no índice de livros proibidos.

Os autores ignoraram a ordem da Igreja e continuaram a publicar seu livro. Eles eram tão picaretas que inseriram uma falsa nota de aprovação eclesiástica no início do livro, que, somada a ilustrações safadinhas (pois o livro era cheio de imagens de bruxas peladas), ajudou a obra a alcançar grande popularidade, espalhando superstição e histeria por uma boa parte da Europa. Depois de tanto aprontar, Kramer, um dos autores do livro, foi excomungado. A obra jamais foi utilizada pelos tribunais da Inquisição.<sup>[6]</sup>

## **A IGREJA É CULPADA PELA MORTE DE JOANA D'ARC?**

É verdade que a Igreja queimou Joana d'Arc na fogueira da Inquisição? Muitos católicos têm esta dúvida. A resposta é **não**. **Foi um bispo francês, de fato, quem liderou o julgamento que culminou na execução de Joana**, porém ele agiu de forma isolada e canonicamente inválida.

Os culpados pela morte de Santa Joana d'Arc são, portanto, os invasores ingleses e o bispo Pierre Cauchon com seus colegas da Universidade de Paris. Eles diziam interrogá-la por crimes de heresia, mas suas motivações eram puramente ligadas a



maquinações políticas associadas à ideologia da dupla monarquia, que manteria as coroas da França e da Inglaterra sobre uma mesma cabeça: a do rei da Inglaterra. O processo inquisitorial de Joana d’Arc não respeitou as leis da Igreja e, por isso, foi uma completa farsa.<sup>[7]</sup>

### A donzela e suas visões

Joana d’Arc nasceu em 1412 em uma família de pobres camponeses franceses. Aos treze anos, começou a ouvir vozes divinas. Obedecendo a essas vozes, chegou, aos dezessete anos, à corte do delfim Carlos VII, herdeiro do trono da França, **dizendo ter sido enviada por Deus para ajudá-lo a libertar o país dos invasores ingleses**. Naquela época, boa parte dos territórios franceses estava ocupada pelos ingleses e por seus aliados franceses da Borgonha, os borguinhões. Por sua vez, os franceses resistiam e tentavam recuperar os territórios tomados. Era a **Guerra dos Cem Anos**, que espalhava devastação e morte.

Carlos aceitou receber Joana, mas colocou outro nobre sentado em seu trono e misturou-se aos demais membros da corte. Seu truque não impediu que a jovem santa o reconhecesse imediatamente. Assim que entrou na sala, dirigiu-se ao delfim, curvou-se e disse: “Senhor, vim conduzir os seus exércitos à vitória”.

Em Poitiers, outra cidade francesa, bispos e teólogos interrogaram Joana acerca de suas intenções e das vozes que ouvia. Após um cuidadoso exame, declararam que **não haviam**

**encontrado nenhuma heresia nela.** Depois disso, religiosas averiguaram e atestaram a sua virgindade.

### **As batalhas vitoriosas**

Carlos VII finalmente convenceu-se a entregar a uma adolescente analfabeta o comando de um pequeno exército de quatro mil homens, dando a ela a tarefa de libertar a cidade de Orléans. Em maio de 1429, Joana expulsou os ingleses e seus aliados de Orléans, conforme prometera. Avançou, então, para Jargeau, onde venceu mais uma batalha. Marchou com seus homens para Meung-sur-Loire e lá passou o rodo nos ingleses mais uma vez. Em junho, foi a vez de libertar Beaugency, novamente com sucesso. Os soldados ingleses, antes acostumados à vitória, começaram a temer que ela fosse mesmo uma enviada de Deus e já não combatiam com a mesma energia.

A santa fazia com que seus comandados se confessassem e fossem à missa antes de cada batalha. Cerca de um mês após ter iniciado a sua bem-sucedida campanha militar, Joana d’Arc tornou possível a coroação do rei Carlos VII na cidade de Reims.

### **A primeira derrota, a prisão e o julgamento**

O alvo seguinte da santa guerreira era Paris, que ainda estava tomada pelas tropas inglesas. A cidade era fundamental para garantir o controle efetivo do reino, mas o rei era covarde. Quando Joana foi ferida por uma flecha durante uma tentativa de

entrar na cidade, ele amarelou e estabeleceu uma trégua.

No ano seguinte, 1430, Joana retomou a campanha militar sem a autorização do rei, buscando libertar a cidade de Compiègne, mas foi capturada pelos borguinhões. O duque de Luxemburgo a vendeu por um alto valor aos ingleses, que a transferiram para Rouen.

Bem, os ingleses não queriam simplesmente matá-la. **Era preciso desmoralizá-la** e, assim, atingir também a autoridade do rei Carlos. Eles queriam mostrar ao povo que ela não passava de uma bruxa. O bispo de Beauvais, Pierre Cauchon, topou colaborar com essa farsa, chefiando o julgamento da santa após se vender aos ingleses por uma bela grana.<sup>[8]</sup> O tribunal foi composto por cerca de sessenta docentes da Universidade de Paris, que agiram como marionete dos ingleses, pois quase todos recebiam pagamentos do governo britânico ou esperavam ser nomeados para algum cargo.

Após cinco longos meses de muito sofrimento na prisão, exposta a inúmeras humilhações e a interrogatórios, Joana d'Arc foi condenada por heresia. Contrariando as leis da Igreja, o processo incluiu incontáveis irregularidades, entre as quais podemos citar o fato de que Joana “jamais teve um advogado, o que contrariava absolutamente os processos da Inquisição”. A santa ainda pediu para apelar ao papa, mas não obteve autorização, apesar de ser um direito, conforme as normas da Igreja então vigentes.

Em 30 de maio de 1431, aos dezenove anos, a santa guerreira confessou-se e recebeu os sacramentos pela última vez. Em seguida, foi queimada viva diante do povo em uma praça em

Rouen. Suas cinzas foram jogadas no rio Sena.

Cerca de 25 anos depois, em 1456, **a sua condenação foi revista e o Papa Calisto III a declarou inocente.** Todo o processo anterior foi considerado inválido. Em 1920, o papa Bento XV elevou Joana d'Arc aos altares, e ela foi eleita a padroeira da França.

# Sobre a ciência



## A FÉ É INIMIGA DA RAZÃO?

**Muitos católicos ainda estão longe de entender a relação vital entre fé e razão.** Acaso, ao chegar à porta de uma igreja, você já viu uma plaquinha pedindo “Deixe seu cérebro aqui fora”? Não? Nunca viu? Nem eu. Mas tem gente que age como se essa plaquinha estivesse lá.

Muitos nutrem uma estranha convicção de que Jesus fica ofendidíssimo se uma pessoa se põe a questionar determinados elementos da religião e se obrigam a crer sem pestanejar em qualquer ritual, narrativa ou objeto envolto em uma aura, ainda que duvidosa, de religiosidade ou sobrenaturalidade.

Um questionamento que nasce de uma busca sincera pela verdade é positivo e é bem diferente da dúvida irracional, orgulhosa e empedernida. Querem ver um exemplo na Bíblia? No primeiro capítulo do Evangelho de João, Filipe garante a Natanael que encontrou o Messias e que seu nome é Jesus de Nazaré. Natanael torce o nariz e dá uma zoadada:

— De Nazaré pode sair algo de bom?

Filipe então convida o amigo a ver com seus próprios olhos. Bem, Natanael topa. Quando Jesus o viu, disse:

— Eis verdadeiramente um israelita em quem não há fraude.

Em vez de sentir-se lisonjeado, Natanael manda na lata: “Tu me conhece de onde, rapá?” Nesse momento, um raio cruzou o céu e partiu o insolente ao meio? Que nada... Jesus responde com doçura e naturalidade:

— Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas sob a figueira.

Para Natanael, tudo então fica claro: o Nazareno não era o ThunderCat, mas tinha “visão além do alcance” e, pra completar, ainda podia ler a mente das pessoas. E é então que ele professa a sua fé.

Viram? Jesus não se aborreceu com aquele homem por sua descrença inicial, mas condenava a falta de fé daqueles que, já tendo recebido mil sinais e razões para crer, ainda titubeavam ou duvidavam. Por isso, muitas vezes repreendeu seus próprios apóstolos (Tomé não foi o único a levar um puxão de orelha) e ainda mais os fariseus e incrédulos de mente tapada e coração endurecido.

A fé sólida nasce do discernimento e da reflexão sobre o

sentido das coisas. É uma decisão lúcida, e não um passo cego. Sim, **a aventura de crer, assim como os esportes radicais, envolve assumir riscos**, mas são riscos calculados, e não saltos no escuro. Se saltamos no abismo, não é porque somos loucos imaginando que vamos flutuar, mas sim porque checamos mil vezes o nosso equipamento e certificamo-nos do histórico e da confiabilidade dos nossos treinadores. Além disso, fomos antes animados pelo testemunho de muita gente que saltou e se deu bem. Se somos católicos e cremos no que cremos, é porque temos boas razões para isso!

**Quando falamos de razão, falamos da abertura da mente para o real, levando em conta todos os seus fatores.** Não estamos falando, de modo nenhum, em acreditar somente no que é cientificamente comprovado (isso também é ser mentalmente estreito), mas em estar atento a toda a riqueza de sinais e evidências que a realidade oferece.

Devemos lembrar que **crença religiosa despida de razão não é fé, é credulidade.** O crédulo, no fundo, tem receio de que aquilo em que ele crê não seja verdade, e assim reprime seus questionamentos e toma uma postura hostil em relação à reflexão, por medo de que seu mundinho desmorone. Mas quem joga tudo de si no relacionamento com Jesus nada teme. A fé e a razão nos conduzem à verdade, à certeza de que Ele é, de que Ele vive, de que Ele é tudo em todas as coisas. Isso é liberdade!

## **A IGREJA É INIMIGA DA CIÊNCIA?**



Não tem nada mais batido do que ficar espalhando por aí que a Igreja é inimiga da ciência. A verdade é que a Igreja Católica é uma das grandes responsáveis pela ciência moderna e por muitos avanços científicos do nosso tempo, mas não adianta falar porque essa galera não acredita...

Stanley Jaki, beneditino e cientista do século XX, disse que a ciência moderna nasceu do cristianismo, porque o cristianismo afirma que o mundo é racional, fundado na razão divina. Em outras culturas (Índia, China, Egito, por exemplo), o avanço da ciência foi abortado, pois não se acreditava na racionalidade da realidade.<sup>[1]</sup>

A tia Teteca, que deu aula pra esse povo na escolinha,



certamente não falou que a **Igreja Católica patrocina experimentos científicos desde a Idade Média!** Aliás, o método científico aplicado até hoje teve como precursor Roger Bacon, um frade franciscano que lecionava em Oxford no século XIII;<sup>[2]</sup> além disso, os estudos desse religioso no campo da óptica possibilitaram a invenção dos óculos, do telescópio e do microscópio.

Assim, desafiamos qualquer um a apresentar outra instituição que tenha esses feitos no currículo. Isso deveria bastar pra convencer o povo, mas, como a gente sabe que as pessoas são difíceis, vamos dar mais alguns (alguns!) fatos:

- a Igreja Católica inventou o sistema universitário. Já reparou que os professores titulares são catedráticos e têm suas cátedras? Pois é... Qualquer semelhança com a cátedra dos bispos e com as catedrais não é mera coincidência;
- o pai da genética é Gregor Mendel, um monge agostiniano;
- o pai da Teoria do Big Bang é o padre Lemaître;
- o uso de antisséptico básico e de anestésicos em cirurgias foi introduzido por Teodorico de Borgognoni, um frade dominicano e um dos cirurgiões mais importantes do período medieval;
- o pai da teoria atômica moderna é um sacerdote jesuíta chamado Ruggiero Giuseppe Boscovich;

- o pai da citologia é o padre Jean-Baptiste Carnoy;
- o entendimento inicial da Lua se deu graças aos estudos de Albert Curtz, um sacerdote jesuíta (aliás, 35 crateras lunares levam o nome de astrônomos jesuítas);
- o pai da geologia é o beato Nicolau Steno;
- o primeiro motor elétrico foi construído pelo monge beneditino Andrew Gordon;
- o pai da egiptologia é o Padre Athanasius Kircher. Ele também é inventor da lanterna mágica, dispositivo criado para projetar imagens por meio de um sistema de lentes e de luz, considerado a invenção que inspirou o cinema e a animação;
- o Padre Roberto Landell é o pioneiro do rádio no Brasil, tendo inventado também o telefone sem fio e o telégrafo sem fio;
- o pai da contabilidade moderna é o monge franciscano Luca Bartolomeo de Pacioli.

Há muitos outros religiosos católicos que podem ser citados, mas acho que já deu uma boa ideia... Não vamos dar informações demais para os detratores da Igreja não surtarem! É muita novidade para um dia só! Mesmo assim, como esse povo nunca se dá por vencido, virá com aquela história de que a Igreja torrou cientistas na fogueira e blá-blá-blá... Tudo balela!

Sabe quantos cientistas foram condenados à morte por causa de suas teorias? **Zero!** É isso mesmo: **nenhum!** Enquanto isso, a

tão festejada Revolução Francesa matou dezenas de cientistas e ninguém fala nada (entre as cabeças que rolaram está a de Antoine Lavoisier, considerado o pai da química moderna).

Mais adiante, detonaremos as famosas tretas de Giordano Bruno e de Galileu, mas, por enquanto, só por diversão, como quem não quer nada... só mais esta informaçõzinha pro povo que não acredita na Igreja: os membros da Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano receberam nada menos que setenta prêmios Nobel! #ProntoFalei

## **A IGREJA MEDIEVAL ESCONDIA O CONHECIMENTO?**

Quem estudar um pouquinho sobre a Idade Média inevitavelmente sofrerá uma angustiante sensação de pane mental. Quando você sai da Matrix, a quantidade de informações que contradizem o senso comum é tamanha que o cérebro quase funde.

“Então, a Igreja nunca pregou que a Terra é plana??!!”  
“Então, foram os monges que preservaram os textos gregos??!!”  
“Véi, como é que aqueles medievais bitolados puderam criar o sistema universitário??!!” Esse é justamente o centro da questão: **uma Igreja repressora e inimiga do pensamento poderia ter criado uma instituição voltada para o cultivo sistemático do saber em diversas áreas do conhecimento?**

**A contribuição dos monges para a educação dos leigos**

Quando se fala em **vida monástica**, o que lhe vem à mente? Homens passeando despreocupados por jardins, rezando, entoando cânticos gregorianos, bebendo vinho... e só. Ê, vidão! O que quase ninguém diz é que **os monges católicos estão entre os grandes construtores da civilização ocidental**, inclusive de suas bases intelectuais.

O mundo deve aos monges copistas, por exemplo, a **preservação dos textos produzidos na Grécia Antiga**. Sem eles, os professores antecatólicos que tanto vilipendiam a Igreja não teriam sentido, nem de longe, o cheiro dos textos de Platão, Aristóteles, Pitágoras e outros grandes pensadores gregos. Durante os primeiros séculos da Idade Média, **tribos bárbaras**, ainda não cristianizadas, invadiram cidades e, muitas vezes, destruíram tudo o que viram pela frente, inclusive bibliotecas. Com o seu zeloso trabalho de cópia manual e preservação dos escritos, os monges deixaram como legado não só os clássicos antigos, mas **também a Bíblia**.

A educação para crianças de todas as classes sociais, oferecida pelos mosteiros, também impulsionou a ascensão social dos mais pobres. Não, não é verdade que só os filhos dos nobres estudavam. A tia Teteca também mentiu para você nesse ponto... O professor medievalista Ricardo da Costa explica que “os monges criaram verdadeiros ‘jardins de infância’ nos mosteiros, recebendo indistintamente todas as crianças entregues, vestindo-as, alimentando-as e educando-as, num sistema integral de formação educacional”.<sup>[3]</sup>

## Os papas criaram, financiaram e garantiram a autonomia das universidades

As escolas mantidas nas catedrais da Igreja Católica foram a semente para a criação das universidades, o que aconteceu por volta de 1150. Grande parte das universidades medievais ainda existe na Europa e muitas continuam entre as mais famosas do mundo inteiro, como **Oxford, Cambridge, Paris, Bolonha, Coimbra...**

Os papas foram os grandes incentivadores, financiadores e protetores das universidades. Foram eles — pasmem! — que **garantiram a sua autonomia** em relação à influência de governantes seculares e de bispos, possibilitando que fixassem livremente suas próprias regras, cursos e estudos.<sup>[4]</sup> Tem muita gente que diz: “Ah, mas as universidades medievais eram dominadas pelo clero, e os estudiosos não tinham autonomia intelectual em relação à teologia”. Porém, a verdade é que **as pesquisas relacionadas aos fenômenos da natureza ficavam à margem da teologia**. Segundo o historiador **Edward Grant**, “exigia-se dos filósofos naturais das faculdades de artes que se abstivessem de introduzir teologia e temas de fé na filosofia natural”.<sup>[5]</sup> O historiador da ciência **David Lindberg** concorda com essa tese: “[...] dentro desse sistema de educação medieval havia uma grande quantidade de liberdade. [...] Havia limitações teológicas, é claro, mas dentro desses limites os mestres medievais tinham uma notável liberdade de pensamento e expressão”.<sup>[6]</sup>

## O uso da lógica caracterizava o método escolástico

Nas universidades medievais, a forma tida como mais eficiente para chegar à verdade era a **discussão exaustiva** de uma questão **após considerar os argumentos contrários** e a opinião dos grandes autores (autoridade). A rotina acadêmica era animada por **debates fervorosos** entre os graduandos, bem como pelo enfrentamento de mestres com pontos de vista opostos. O fundador da Universidade de Sorbonne, Robert de Sorbon, dizia que o amor ao debate, o apreço pelo **espírito crítico** e a dúvida metódica que caracterizam a cultura ocidental se devem justamente à sofisticação intelectual das universidades medievais.

O que possibilitou que a civilização ocidental desenvolvesse a ciência e os estudos humanos de uma forma que nenhuma outra civilização tinha feito? A resposta está em um penetrante e profundo espírito de questionamento, que foi consequência natural na ênfase dada à razão na Idade Média. Com exceção das verdades reveladas, a razão foi entronizada como o último árbitro para a maioria das discussões e controvérsias.

## Universitários sob proteção especial da Igreja

Você ainda precisa de mais evidências de que o sistema universitário nasceu no seio da Igreja Católica? Então, vamos a mais uma: mesmo que pouca gente se dê conta, a **beca** usada pelos universitários ocidentais nas cerimônias de formatura é **muito similar aos trajes do clero católico**. Nunca notou?

Não, isso não é mera coincidência. Como gozavam de benefícios exclusivos do clero, os estudantes universitários usavam o traje característico dos eclesiásticos em algumas ocasiões solenes, como a cerimônia de colação de grau. Mas o que motivou a concessão desse privilégio?

A maior parte dos estudantes universitários medievais tinha entre catorze e vinte anos e sacomé... O gosto pelas festas e pela zoação não se diferenciava muito do que vemos entre os jovens de hoje. As festas, não raro, ficavam barulhentas demais e a alegria exacerbada descambava pra baderna. Por isso, o povo das cidades estava longe de morrer de amores pelos estudantes.

O problema é que esse atrito muitas vezes levava a revides desmedidos, violências e injustiças contra os estudantes, grande parte deles oriunda de famílias com poucas posses. Foi aí que os papas intervieram, como pais zelosos, para proteger a integridade de seus filhos.<sup>[7]</sup>

## **A IGREJA ATRASOU O AVANÇO DA MEDICINA?**

Não basta inventar que milhões de “bruxas” foram queimadas na Inquisição e não é suficiente dizer que os medievais acreditavam que a Terra era plana: os sabichões também gostam de espalhar por aí que a Igreja atrasou em séculos o desenvolvimento da medicina, proibindo a dissecação de cadáveres durante a Idade Média.

Em primeiro lugar, **a restrição à dissecação de cadáveres humanos nasceu entre os pagãos**, não entre os cristãos. O maior

difusor dessa restrição foi o romano **Galeno**, o mais célebre médico da Antiguidade, ao lado de Hipócrates. Ele viveu no século II e produziu mais de duzentas obras dedicadas à medicina.

Galeno era um grande cientista e fez importantes descobertas, mas cometeu alguns erros teóricos justamente porque não fazia autópsias em corpos humanos, mas somente em animais (em especial, em macacos e porcos). Esse comportamento era motivado por sua crença religiosa pagã. Mesmo assim, Galeno influenciou fortemente as práticas médicas dos séculos seguintes e seus conceitos foram bastante absorvidos pela civilização cristã. Por isso, de fato, as autópsias em cadáveres humanos foram deixadas de lado por muito tempo. Entretanto, com o passar dos anos, os médicos passaram a questionar essa restrição, e assim a prática da dissecação de corpos humanos retornou progressivamente.

Nos artigos e livros que citam o tema do desenvolvimento da medicina, o professor **Mondino de Liuzzi**, da Universidade de Bolonha (uma instituição católica), quase sempre é citado como aquele que reiniciou as dissecações em cadáveres humanos após séculos de proibições. Isso teria ocorrido em **1315**. Entretanto, essa informação contraria as descobertas históricas e arqueológicas mais recentes.

Em 2013, em um relatório da escritora Stephanie Pappas, publicado na revista *Scientific American*, foi revelada a descoberta arqueológica do **mais antigo corpo humano dissecado, que data de 1200**, ou seja, mais de cem anos antes dos estudos de Mondino.<sup>[8]</sup> Segundo Philippe Charlier, médico e cientista



forense do Hospital Universitário de R. Poincaré, na França, quem dissecou o cadáver era muito experiente, o que revela indícios de um projeto de educação médica contínua, e não de um fato pontual.

O historiador James Hannam diz que a Igreja medieval não só não proibia autópsias como até mesmo as ordenava. Isso ocorria eventualmente, com a finalidade de procurar sinais de santidade no corpo de uma pessoa. Em **1308**, por exemplo, foi dissecado o corpo da abadessa **Clara de Montefalco**, que seria canonizada em 1881.

Segundo Philippe Charlier, um médico italiano realizou autópsias, em 1286, a fim de identificar a origem de uma epidemia. Assim, é provável que Mondino tenha feito a primeira dissecação pública de um cadáver humano em 1315, porém dissecações sistemáticas para fins educacionais já aconteciam em Bolonha muito antes.

Ok... E qual é a origem, então, desse papo de que a Igreja vetava as autópsias? Segundo Hannam, isso é fruto da propaganda anticatólica iluminista, e depois virou modinha dizer que tudo de bom — ciência, artes, medicina — floresceu somente após o fim da “tenebrosa” Idade Média, dominada pela Igreja opressora. Como não poderia deixar de ser, **o dedo podre dos iluministas está nessa parada!** Na décima sexta edição da *Histoire littéraire de la France*, eles declararam que a Igreja retardou por séculos o avanço da medicina por meio da publicação da bula *De sepulturis*, do Papa Bonifácio VIII. Lorota!

A *Histoire littéraire de la France* era produzida e publicada pelos monges beneditinos. Porém, após a Revolução Francesa, coube

ao Institut de France dar continuidade à publicação. Aí, entrou na história o Pinóquio, digo, o historiador Pierre Claude François Daunou, que inseriu o trecho que deturpou completamente o sentido da bula papal.

Mas o que motivou essa tal bula? Bem, nessa época, os cruzados morriam aos montes nos campos de batalha, longe de sua pátria. Seus parentes, naturalmente, desejavam que os corpos fossem devolvidos. Como a distância era grande, e seria terrível trazer o corpo em decomposição, o pessoal teve a ideia de cortar os corpos em pedaços e fervê-los. Assim, toda a carne se soltava e ficava só o esqueleto, que era enviado ao país de origem do defunto. A Igreja considerou essa prática bárbara e desrespeitosa, então condenou-a severamente por meio da bula *De sepulturis*. **A restrição não era a autópsias!**<sup>[9]</sup>

Alguns historiadores sugeriram que, ainda que a bula não condenasse autópsias, as autoridades eclesiásticas a interpretaram dessa forma. Bem, a gente sabe que burro é um bicho que marca presença em todas as épocas e lugares, mas os dados históricos evidenciam que interpretações “jumentosas” da bula foram raras, se é que existiram. Afinal, embalsamar os corpos dos papas e autoridades civis era uma prática comum (e, para embalsamar, era necessário abrir o corpo e retirar diversos órgãos).

Por fim, damos a palavra a Katharine Park, PhD em História da Ciência em Harvard: “Cada vez que eu leio algo no *New York Times* sobre como Leonardo da Vinci teve de esconder o fato de que estava fazendo dissecação, e cada vez que eu escuto um guia turístico na Itália contar essas histórias, isso me mata. Eu não

sei mais o que fazer para eliminar esse mito”.<sup>[10]</sup>

## A IGREJA NEGAVA QUE A TERRA É ESFÉRICA?

Estamos no século XIX. Alguns iluministas vadios estão reunidos em uma taberna, bebendo e falando asneiras. Entre uma piada infame e outra, de repente, um gaiato solta essa: “Aí, quer saber? Os padres são tão estúpidos que pregavam que a Terra é plana!” Uma explosão de risos... Pronto! Nasceu aí uma das mais famosas calúnias anticatólicas.

A cena descrita aqui fica por conta da nossa imaginação, mas não deve ter sido muito diferente. O fato é que **a historinha vil sobre a negação da esfericidade da Terra foi inventada por intelectuais iluministas**, que estavam sempre prontos a ridicularizar a Igreja. O boato da crença católica na Terra plana foi tão bem espalhado que, com o tempo, tornou-se “verdade”, ganhando informalmente as ruas, virando conto e peça de teatro... E a corja viu que o embuste fez tanto sucesso que valia muito a pena divulgá-lo por meios mais “sérios”, como livros, jornais e universidades, mas acho que nem eles imaginavam o quanto o mito duraria e o tamanho do **estrago** que faria no corpo da Igreja.

Passaram-se três séculos desde a criação do mito e a tia Teteca ainda está ensinando para as criancinhas que a Igreja sempre foi inimiga da ciência e que fazia carvão de quem dissesse que a Terra era esférica. Moral da história: “Só pessoas burras, ingênuas ou fanáticas podem levar a sério o que a Igreja

Católica diz”. Aí dá pra entender as centenas de jovens saindo das catequeses, ano após ano, com um certificado de “crismado” debaixo do sovaco, mas com o coração e a mente fechados para Cristo.

Esse nhe-nhe-nhem de Terra plana já deu! Em seu livro *Inventando a Terra plana*, Jeffrey Burton Russel resgata a verdadeira história por trás dessa questão. Outros historiadores renomados, como Edward Grant, David Lindberg, Daniel Woodward e Robert S. Westman, também têm trabalhado para derrubar o caô de que os medievais acreditavam que a Terra era plana.<sup>[11]</sup>

## O caô

Com algumas variações, a cantilena dos nossos detratores é esta: “Na Idade Média, a Igreja ensinava que a Terra era um disco plano (ou pior, que era quadrada!), baseando-se na sua **interpretação da Bíblia**. Os cientistas que ousavam dizer que ela era esférica eram tostados na fogueira. Por isso, os navegadores europeus acreditavam que, se chegassem até a linha do horizonte, seus navios cairiam em um grande abismo. A **viagem de Colombo**, em 1492, finalmente destruiu essa crendice.

Aff...

## A verdade

Em 1473, quase vinte anos antes da citada viagem de Colombo,

foi publicado o *Tractatus de Sphaera Mundi*, o manual de astronomia e geografia com o maior número de edições até hoje. Esse texto era muito utilizado pelos portugueses durante a era das grandes navegações. Repararam bem no nome da obra, né? *Sphaera* quer dizer “esfera”, então o nome já diz tudo sobre o que os navegadores medievais pensavam sobre o formato da Terra.

O tratado é, portanto, uma fortíssima evidência de que a esfericidade do globo terrestre era bastante conhecida na época. Detalhe: o autor foi John of Holywood (João de Sacrobosco), um **monge inglês** — sim, um monge! — e professor de Astronomia na **Universidade de Paris**. Aliás, os escolásticos (professores universitários medievais, em grande parte sacerdotes) eram grandes conhecedores das obras de **Aristóteles** e o tinham como uma de suas principais referências. E adivinhem que formato esse célebre grego achava que a Terra tinha? Esférico!

Claro que sempre há um ou outro falando besteira... Existiram, sim, alguns poucos autores medievais que afirmaram que a Terra era chata, porém eles foram exceções geralmente desconsideradas pelos pensadores influentes da época. Por outro lado, os intelectuais católicos de maior relevância afirmavam a esfericidade da Terra. A seguir, dois grandes exemplos.

- **São Tomás de Aquino**, o maior filósofo da Idade Média, afirma a esfericidade da Terra na sua *Suma Teológica*. Ele diz: “Tanto o astrônomo quanto o físico demonstram que a Terra é redonda; mas o astrônomo o deduz a partir de algo abstrato, a matemática, e o físico o faz por algo

concreto, a matéria”.[12]

- **Dante Alighieri**, talvez o maior poeta da Idade Média, usa o termo “globo” para se referir à Terra na *Divina Comédia*.  
[13]

E, para quem acha que uma imagem vale mais do que mil palavras, vale dar uma olhadinha na escultura **Carlos Magno** que integra o acervo do Museu do Louvre. A peça foi feita por volta do ano 900, ou seja, mais de quinhentos anos antes da tal viagem de Colombo. É... E ele está segurando um globo. Não, não devia estar indo jogar boliche nem tomando água de coco: aquilo é mesmo a esfera da Terra, representando o seu grande poder imperial. E é bom ressaltar que o homem é uma das personalidades católicas mais importantes de todos os tempos!

Porém, a prova mais emblemática de que fomos desavergonhadamente caluniados ao longo desses séculos é dada por uma criança: pela Europa inteira, há numerosas esculturas medievais que mostram o **Menino Jesus, sentado no colo de Sua Mãe, segurando uma esfera**. Vai dizer que é uma bolinha que Papai Noel deu pra Ele?

## **A IGREJA NEGA A TEORIA DO BIG BANG?**

Em outubro de 2014, a mídia anunciou como uma coisa revolucionária e muito inusitada o Papa Francisco ter dito que a Teoria do Big Bang (que explica a origem do Universo) e a Teoria da Evolução (que explica a origem das espécies) não se opõem à doutrina da Igreja.

O tom de “Oh, que coisa incrível!” somado à falta de conhecimento das massas sobre a Igreja gerou um sentimento generalizado de surpresa, mas gente... **em 1951, há mais de sessenta anos (!!!), o Papa Pio XII já havia acolhido com extrema simpatia a Teoria do Big Bang**, afirmando que era perfeitamente compatível com os ensinamentos da Igreja sobre a criação do mundo pelas mãos de Deus. Maravilhado com a então chamada Hipótese do Átomo Primordial, ele disse:

Realmente parece que a ciência moderna, olhando para milhões de séculos atrás, conseguiu se tornar testemunha daquele primordial *Fiat lux*, pelo qual do nada irrompe, com a matéria, um mar de luz e radiação, enquanto as partículas químicas dos elementos se separam e se reúnem em milhões de galáxias. [...] com a concretude própria das provas físicas, a contingência do universo e a fundamentada dedução sobre a época em que o cosmo saiu das mãos do Criador. A criação no tempo, então; e, portanto, um Criador: Deus! É essa a voz, ainda que não explícita nem completa, que Nós pedíamos à ciência, e que a atual geração humana espera dela.<sup>[14]</sup>

Como você vê, Pio XII não só aprovou a Teoria do Big Bang como se empolgou com ela. Ele chega até mesmo a dizer que a teoria é praticamente uma prova científica da existência de Deus. Ao ouvir isso, o pai da teoria, o padre — é isso mesmo, **padre** — Georges Lemaître fez chegar aos ouvidos do papa um apelo que dizia algo do tipo: “Menos, Santidade... Meeeeeenos!”

Quanto à teoria da evolução das espécies, o mesmo Pio XII,

em 1950, já havia dito, na encíclica *Humani generis*, que, desde que mantida a devida prudência, “o magistério da Igreja não proíbe que nas investigações e disputas entre homens doutos de ambos os campos se trate da doutrina do evolucionismo”.<sup>[15]</sup> E nunca é demais lembrar que a base genética da Teoria da Evolução é baseada na obra de **Gregor Mendel**, um monge católico!

Voltando às declarações do Papa Francisco sobre a Teoria da Evolução e a Teoria do Big Bang, ele afirmou:

Quando lemos no Gênesis a narração da Criação, corremos o risco de imaginar que Deus foi um mago, com uma varinha mágica capaz de fazer tudo. Mas não é assim! Ele criou os seres e deixou que se desenvolvessem segundo as leis internas que Ele mesmo inscreveu em cada um, para que progredissem e chegassem à própria plenitude. E deu a autonomia aos seres do universo, assegurando ao mesmo tempo a sua presença contínua, dando o ser a todas as realidades. E assim a criação foi em frente por séculos e milênios, até se tornar aquela que hoje conhecemos, precisamente porque Deus não é um demiurgo nem um mago, mas o Criador que dá a existência a todos os seres. O início do mundo não é obra do caos, que deve a sua origem a outrem, mas deriva diretamente de um Princípio supremo que cria por amor. O Big Bang, que hoje se põe na origem do mundo, não contradiz a intervenção criadora divina, mas exige-a. A evolução na natureza não se opõe à noção de Criação, porque a evolução pressupõe a criação dos seres que



evoluem.<sup>[16]</sup>

**O Gênesis não deve ser lido como um relato literal da criação.** Ele é um livro de verdades teológicas. Assim, quando diz que Deus esculpiu o homem a partir do barro, isso é uma verdade teológica, e não científica. Ou seja, Deus pensou o homem em cada detalhe e o criou, mas o seu corpo pode ter se formado por meio de um processo gradual, pautado nas leis que Ele mesmo estabeleceu para reger a natureza.

**Quer dizer que o Papa Francisco acredita que a espécie humana veio do macaco? Não!** A Teoria da Evolução não diz que o homem veio do macaco; na verdade, ela diz que homem e macaco teriam surgido a partir de um ancestral comum. E isso não abala em nada a revelação bíblica de que o homem foi feito “à imagem e semelhança de Deus”. Afinal, essa verdade não reside nos atributos físicos humanos, mas sim no espírito, na liberdade e no intelecto.

O interessante é que, nessa declaração, o Papa Francisco rejeitou a ideologia evolucionista pregada pelos ateístas, que usam as teorias de Darwin para defender que tudo surgiu do acaso. Como bem disse Bento XVI, “não somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é fruto do pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário”.<sup>[17]</sup>

**DARWIN PROVOU QUE DEUS NÃO EXISTE?**

E, falando em evolucionismo, você certamente já ouviu a lenga-lenga de que Darwin provou que não existe Deus e que **a Bíblia estava errada sobre Adão e Eva** ou ainda de que o darwinismo exclui Deus da Criação, além de outras besteiras menos cotadas. O fato é que Darwin imaginou um esquema muito legal, mas não disse como funciona sua base.

Em primeiro lugar, **quem quer sair por aí arrotando ciência tem de estudar**. E muito poucos se deram ao trabalho de ler *A origem das espécies* para saber qual é, afinal, a abrangência do trabalho desse cientista. É muito mais fácil sair por aí repetindo o que se diz na televisão, mas, enfim, a ideia aqui não é avacalhar Darwin, que foi um incrível cientista e fez, de fato, um trabalho revolucionário que contribuiu inestimavelmente para a ciência. O objetivo é explicar por que **o darwinismo NÃO se contrapõe à Bíblia**.

Em seu livro, Darwin basicamente explica a mecânica pela qual as espécies são selecionadas na natureza, sua famosa seleção natural. E isso parece estar bem correto... ou, pelo menos, faz sentido. Ele também explicou que os seres acabam se diferenciando devido a mutações, que irão permanecer ou não, dependendo do seu sucesso adaptativo. O que ele não explicou foi **como as mutações conseguem ser tão inteligentes!**

Imagine-se há 3,5 bilhões de anos... Se você fosse muito evoluído, seria um coloide, que era tipo tatatatatatataravó da água-viva. Em algum momento, os coloides “decidiram” que era melhor se juntar, formar organismos maiores e... se especializar em funções!!! Afinal, talvez esse fosse o melhor caminho para a sobrevivência. **Será que eles tiveram esse raciocínio?**

Bem, à medida que os coloides foram se juntando e se especializando, mais foram surgindo os diversos organismos. Não há a menor dúvida de que a seleção natural ajudou a separar o joio do trigo. Mas a grande pergunta é: **quem teve essas brilhantes ideias adaptativas?** Quem inventou o cérebro? Quem inventou de separar sistema circulatório (para distribuição de nutrientes), sistema digestório (para processar o abastecimento de alimento e gerar os nutrientes) e sistema nervoso (para controlar tudo)? Quem inventou a anatomia que permitiu o surgimento de todo um sistema integrado, mecânico e elétrico, tão complexo que nem a nossa tecnologia mais avançada consegue compreendê-lo?

Um ateu de pensamento obtuso disfarçado de “verdade científica” diria: **“Foi o acaso que criou isso tudo”**. Eu faria mais uma pergunta: “Quem criou um esquema tão inteligente quanto a seleção natural? Não foi Darwin, não é? Ele apenas o descreveu...” O nosso amigo ateu teria de responder novamente: “O acaso”.

Com um acaso tão competente e criativo, acho que só nos resta olhar para as evidências e dizer: **“Glória ao Acaso nas alturas!”** Afinal, esse tal acaso conseguiu construir maravilhas. Quem tem olhos, veja...

## **A IGREJA É CONTRA A PESQUISA COM CÉLULAS-TRONCO?**

Em 2012, os ganhadores do Prêmio Nobel de Medicina foram os

cientistas que descobriram que células-tronco adultas podem ser reprogramadas para se tornarem capazes de formar qualquer tecido do corpo. Maravilha! Agora, as células-tronco podem ser cultivadas em grande quantidade em laboratórios. Assim, **não é mais necessário utilizar embriões humanos**, que precisam ser destruídos para a remoção dessas células.

É um golaço da medicina, um gol que a gente precisa comemorar mais do que vitória da Seleção Brasileira em cima da Argentina! **As lideranças católicas sempre insistiram para que os pesquisadores se concentrassem nas células-tronco adultas**, que não envolvem nenhum problema ético. O reconhecimento da importância do trabalho desses cientistas (um japonês e um britânico) é uma relevante confirmação de que a posição da Igreja contra a destruição de embriões humanos para fins de pesquisa não é nenhum absurdo obscurantista.

Sempre ouvimos que a posição da Igreja Católica em relação às células-tronco embrionárias é um atraso para a ciência e que a nossa fé é um obstáculo para a cura de muitas doenças, mas os centros de pesquisa que ainda insistem em financiar pesquisas com células-tronco embrionárias nunca obtiveram qualquer sucesso, conforme apontou o presidente emérito da Academia Pontifícia para a Vida, cardeal Elio Sgreccia. Além de promoverem a destruição de seres humanos em estágio embrionário, essas instituições estão jogando dinheiro fora! Essa grana deveria ser empregada em pesquisas que pudessem realmente dar frutos.

Bem, o fato é que, com ou sem o apoio da opinião pública, a Igreja Católica jamais abrirá mão de defender a vida humana,

dom de Deus precioso e sagrado, em todas as suas fases de desenvolvimento. Guiada pela sabedoria que vem do Alto, ela sempre enxerga muito mais do que os homens, condicionados pelos interesses financeiros e ideológicos de cada época.

## **O QUE ACONTECEU COM GALILEU GALILEI?**

Galileu Galilei é um nome que sai automaticamente da boca de todos aqueles que desejam apresentar a Igreja Católica como inimiga do progresso científico. Infelizmente, poucas são as pessoas que se dedicam a estudar os fatos, pois a maioria se conforma em crer piamente naquilo que ouviu dizer na escolinha ou na televisão. Pior ainda são os sabichões que querem se exhibir com base em “conhecimentos” adquiridos em sites furrecas. São essas pessoas que nutrem um grande preconceito contra a Igreja e perpetuam as mentiras sobre o caso de Galileu.

Entretanto, os fatos registrados em documentos mostram que Galileu teve seus dias de glória em Roma. Esse católico devoto, que morreu em paz em sua casa, fiel à Igreja, foi inicialmente aclamado pelo clero por suas descobertas. O que mudou para que a relação entre ele e o clero azedasse? É o que veremos agora...

### ***Galileu pop-star***

Galileu defendia que a Terra girava em torno do próprio eixo e em volta do Sol, assim como os demais planetas do Sistema Solar. Ele não foi o primeiro a propor essa teoria, mas sim o

diácono — sim, membro do clero — Nicolau Copérnico. Ah, a pesquisa de Galileu não tinha nada a ver com provar que a Terra é redonda! Como já explicamos neste capítulo, todos estavam carecas de saber disso...

Em 1533, a teoria de Copérnico foi apresentada ao Papa Clemente VII e a alguns cardeais, que gostaram muito daquilo que ouviram. Copérnico, então, foi incentivado por membros do alto clero a divulgar seus estudos. Em 1536, o cardeal Nicholas Schönberg lhe escreveu uma carta com um pedido: “Com a mais extrema sinceridade eu suplico, caro homem sábio, que comunique sua descoberta a mais estudiosos”.[18]

Copérnico publicou, então, em 1543, o célebre *De revolutionibus*, e o dedicou ao Papa Paulo III. **Por mais de sessenta anos após a publicação — repare nisso —, a teoria heliocêntrica de Copérnico circulou livremente por toda a Europa.** Então, em 1610, Galileu entra em cena. Seu grande mérito foi, com seu telescópio, ter feito observações importantíssimas que pareciam confirmar as afirmações de Copérnico sobre o movimento da Terra. Suas descobertas no campo astronômico foram mais do que reconhecidas pela Igreja: em 1611, **Galileu foi recebido com uma festa no colégio romano dos padres jesuítas.** Foi uma homenagem pública, entusiasmada e sincera; se não o fosse, teriam colocado veneno na bebida do astrônomo ou feito um bailão ao som de sofrência, porque aí era morte por indigestão na certa!

Pelas ruas de Roma, Galileu era só sucesso. Apesar das suas muitas rugas, por onde ele passava as marias-luneta (versão mais sofisticada das marias-chuteira) gritavam: “Lindo, tesão,

bonito e gostoso!” Mas o grande homem não estava satisfeito. Galileu estava determinado a fazer com que suas conclusões fossem aceitas como verdades científicas, e não como meras hipóteses astronômicas.

### Qual foi a treta?

Galileu tentou provar sua tese sobre o movimento da Terra com base nas marés, mas mandou muito mal nisso quando superestimou a sua “prova”, e, obviamente, foi ridicularizado. O fato é que **ele não tinha elementos irrefutáveis para comprovar sua tese** e, por ansiedade ou arrogância, tomou as objeções como ofensas pessoais e imprudentemente **disse que a interpretação que os teólogos faziam da Bíblia estava errada**. Aí começou a treta...

Talvez Galileu estivesse muito seguro de si na sua condição de afilhado do papa e amigo de membros do alto clero, pois começou uma campanha de cobrança de uma interpretação não literal do trecho da Bíblia que parece sugerir que é o Sol que gira em torno da Terra: “O sol se levanta, o sol se deita, apressando-se a voltar ao seu lugar e é lá que ele se levanta” (Ecl 1, 5).

**Galileu acertou ao dizer que as Escrituras não são nem pretendem ser um tratado de ciências naturais, porém errou ao armar o maior barraco sem ter provas científicas em que se sustentar** (e ele sabia que não tinha). O astrônomo já era um homem velho e tinha pressa, por isso talvez não suportasse a ideia de que não viveria para ver sua tese ser comprovada. De

fato, o movimento de translação da Terra só seria fisicamente provado no século XVIII, por meio dos estudos de James Bradley sobre a “aberração da luz”. A prova definitiva da rotação da Terra só viria no século XIX, com o pêndulo de Foucault.

Se tivesse sido feita alguns séculos antes, é bastante possível que a sugestão de interpretação não literal do citado trecho de Eclesiastes fosse mais bem aceita pelo clero. Afinal, **a mente dos teólogos medievais era muito mais aberta do que a dos teólogos do século XVII**. Quem afirma isso é Annibale Fantoli, doutor em Matemática e Física e mestre em Filosofia e Teologia, reconhecido como um dos maiores especialistas do mundo no caso de Galileu.<sup>[19]</sup>

Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, os pensadores mais respeitados da Idade Média, diziam que se evidências irrefutáveis viessem a contrariar a interpretação das Escrituras, essas evidências deveriam ser acatadas, admitindo-se uma nova interpretação das palavras sagradas. O problema é que Galileu quis cantar de galo sem ter crista e resolveu dançar rumba em um campo minado. Naquela época, o protestantismo espalhava pelo mundo os seus erros, defendendo que qualquer leigo podia interpretar a Bíblia sem se submeter à autoridade da Igreja. Sabendo disso, podemos entender o zelo da Igreja diante de um leigo que queria impor a sua interpretação da Bíblia sem ao menos ter evidências irrefutáveis.





A justa preocupação em combater a livre interpretação das Escrituras e o excessivo apego ao “argumento de autoridade” levaram o Santo Ofício a condenar Galileu, erro admitido por São João Paulo II em 1992. É importante notar que a condenação de Galileu não compromete o dogma da infalibilidade papal, afinal não foi um ato de magistério infalível nem definitivo. A condenação foi por uma tese de ordem científica relacionada à interpretação das Escrituras.

E que fique claro: **Galileu não foi torturado nem morto pela Inquisição.** Ele foi condenado à prisão domiciliar e passou seus últimos dias em sua luxuosa residência, onde continuou a trabalhar e até publicou um livro. Também era livre para sair para trabalhar, se quisesse.

Há centenas de exemplos historicamente documentados de que a Igreja Católica, desde a Idade Média, promove e incentiva intensamente o avanço científico e o conhecimento em geral. Contra isso, só há um — **um** — exemplo negativo, que é o caso de Galileu. Porém, é como se a realidade tivesse sido invertida. Ao erro da condenação se somaram séculos de calúnias, estupidez e ódio anticatólico. E o mito se perpetua. Eis a

penitência que todo o povo católico terá de pagar, talvez até o fim dos tempos, por essa falta cometida há séculos por nossos irmãos de fé.

## **O QUE ACONTECEU COM GIORDANO BRUNO?**

“Matar um herege é introduzir na Terra um crime inextinguível”, disse São João Crisóstomo no século IV. E São Bernardo, ao saber que alguns hereges da cidade de Colônia haviam sido queimados na fogueira, exclamou: “A fé é uma obra de persuasão, não se impõe!” Ele também sabiamente afirmou que era absurdo criar “falsos mártires” daquela maneira.<sup>[20]</sup> Essas palavras são proféticas no que diz respeito a Giordano Bruno.

Depois de Galileu Galilei, Giordano Bruno é o personagem mais icônico do mito de que a Igreja era avessa ao avanço científico. Bruno, afinal, foi condenado pelo Tribunal da Inquisição como herege, entregue ao poder civil e queimado na fogueira. Há três furos nesse mito:

- além desses dois nomes — Galilei e Bruno —, os antecatólicos não são capazes de citar o nome de qualquer outro cientista condenado pela Inquisição;
- Galileu Galilei não morreu na fogueira, mas sim no conforto de seu palácio, com quase oitenta anos;
- **Giordano Bruno não era cientista e tampouco foi condenado em razão de qualquer tese científica.**

Bruno nunca fez verdadeira ciência nem chegava a ser um protocientista. Muitas biografias o apresentam como matemático, o que é ridículo se notarmos que, em seus estudos, ele jamais foi além de conceitos esotéricos ligados à “geometria sagrada”. Pior: **o grande “legado” que artigos furrecas de história creditam a Bruno é uma teoria que nem mesmo é dele,** a ideia de que existe um número incontável de outros mundos habitados, proposta pelo padre Nicolau de Cusa nada menos do que 109 anos antes do nascimento de Giordano Bruno!<sup>[21]</sup>

Alguns autores — depois de tomar muito chá de cogumelo — creditaram a Bruno a tese de que a Terra não é o centro do universo e de que as esferas celestes não estão imóveis, mas sim em constante movimento. Mentira! Toma aí mais uma dose de Nicolau de Cusa na veia: “A forma da Terra é nobre e esférica, e o seu movimento é circular, embora não seja perfeito”. Aliás, décadas antes de Nicolau de Cusa, a hipótese de que a Terra girava já havia sido analisada pelo estudioso medieval Nicholas Oresme, bispo de Lisieux. E a Igreja jamais o censurou por isso.

Agora, vejamos o que aconteceu ao padre Nicolau de Cusa dez anos após a publicação de seu livro *De docta ignorantia*. Para variar, a Igreja *marvada* entrou em ação e Cusa foi eleito cardeal. Sim, tornou-se um membro da mais alta corte eclesiástica. Ué...

Giordano Bruno não morreu por causa de querelas científicas. Ele morreu, isso sim, porque foi um mala sem alça e sem rodinhas. Um mega mala, de tamanho *ultra blaster super*. Ninguém deveria ser condenado à morte por isso, é verdade. A punição, apesar de estar conforme o direito e a mentalidade da época, foi demasiadamente cruel e possibilitou que a vida de

alguém que nada produziu fosse transformada em uma lenda heroica.

Pense num cara que, após armar confusão entre os católicos, buscou refúgio em Genebra e, estando lá, conseguiu ser excomungado pelos calvinistas. Depois, tendo arrumado guarida na Inglaterra, arrumou barraco em Oxford e foi rejeitado pelos estudiosos do lugar, partindo então para Helmstadt, na Alemanha, onde torrou a paciência dos luteranos até ser excomungado. Sim, acreditem: Bruno conseguiu essa proeza!

Por fim, o “herói” foi preso pela Inquisição em Veneza, condenado e morto em fevereiro de 1600. **O Tribunal da Inquisição acusou Bruno de:**

- sustentar opiniões contrárias à Santa Sé e realizar discursos de oposição a ela e a seus ministros;
- sustentar opiniões erradas sobre a Santíssima Trindade, a divindade de Cristo e a Encarnação;
- sustentar opiniões erradas sobre Cristo;
- sustentar opiniões erradas sobre a transubstanciação e a Santa Missa;
- afirmar a existência de uma pluralidade de mundos e suas eternidades;
- acreditar em metempsicose (possibilidade de a alma humana, ao reencarnar, migrar para animais, plantas ou minerais);
- praticar magia e adivinhação;

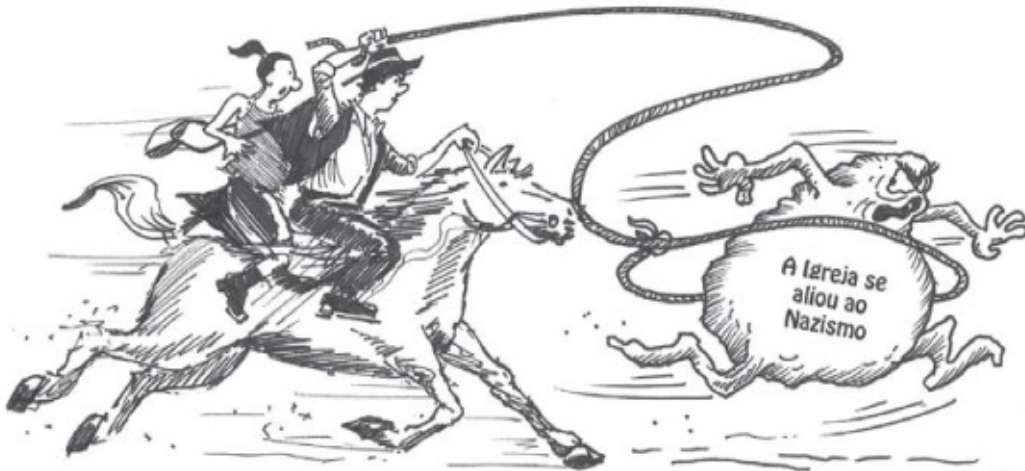
- não acreditar na virgindade de Maria.<sup>[22]</sup>

**Observem que as divergências são quase que puramente religiosas**, com exceção da afirmação da eternidade dos mundos. Ao defender essa tese, que nada tinha de científica, Bruno contrariou a Revelação do Gênesis de que o mundo foi criado em determinado momento do tempo (dogma esse, aliás, que está em perfeita sintonia com a Teoria do Big Bang). Em meio a uma variedade de heresias, a questão da eternidade dos mundos está longe de ter sido a maior motivação para levar o herege à fogueira.

Agora, vejam se não é patético: **os ateus militantes, que se consideram tão amigos da racionalidade, elegeram um místico maluco como um de seus maiores ídolos**, um homem dado a visões e a práticas de magia. Em seus livros *A ceia das cinzas* e *Causa, princípio e unidade*, ambos de 1584, Bruno apresentou sua crença de que todas as coisas são animadas e possuem uma alma racional, por exemplo, os astros e as pedras.

Se tivesse vivido em nossa época, o destino de Bruno teria sido bem diferente. Depois de ser enxotado por católicos, calvinistas, anglicanos e luteranos, ele certamente usaria seus vastos conhecimentos pseudocientíficos em seu próprio programa de televisão, no qual tentaria adivinhar o signo de subcelebridades.

# Sobre nazismo e racismo



## A IGREJA APOIOU O NAZISMO?

Papa de Hitler, omissa, passiva, antissemita... Essas são algumas das alcunhas que não raro acompanham o nome de Eugenio Pacelli, o grande **Pio XII**. O curioso, porém, é que **depois da Segunda Guerra Mundial**, e até a sua morte, **Pio XII recebeu elogios efusivos de uma multidão de judeus anônimos**, além dos agradecimentos públicos de diversos “famosos”. Entre essas personalidades estão ninguém menos que o cientista **Albert Einstein** (sim, ele mesmo, “o” cara), o ex-grão-rabino de Jerusalém **Isaac Herzog** e a ex-primeira-ministra e uma das fundadoras do Estado de Israel **Golda Meir**. Será que esse pessoal

era maluco ou a favor do nazismo? Não creio. Vejam só o que eles disseram:

Somente a Igreja ousou opor-se à campanha de Hitler de suprimir a verdade. Nunca tive um interesse especial pela Igreja antes, mas agora sinto um grande afeto e admiração porque somente a Igreja teve a coragem e a força constante de estar ao lado da verdade intelectual e da liberdade moral.  
**(Albert Einstein)**

Quando o martírio mais pavoroso atingiu o nosso povo durante os dez anos do terror nazista, a voz do pontífice se levantou em favor das vítimas. Nós choramos a perda de um grande servidor da paz. **(Golda Meir** na ocasião da morte de Pio XII)

Uma condenação pública mais forte teria provocado represálias nazistas contra o clero católico na Alemanha e nos países ocupados. Também colocaria em risco a vida dos milhares de judeus escondidos no Vaticano, em igrejas e conventos da Itália, além dos católicos que os protegiam.  
**(David G. Dalin**, rabino e historiador americano)

A verdade é que Pio XII salvou mais judeus do que qualquer outra pessoa, inclusive Oskar Schindler. Cercado de espiões, ameaçado de morte e carregando nos ombros o peso da responsabilidade sobre a vida de milhões de católicos europeus, ele abriu as portas do Vaticano, de conventos, de igrejas e de

escolas católicas para abrigar judeus foragidos.

Segundo um estudo da fundação Pave The Way, havia 12.428 judeus em Roma durante a invasão nazista em 1943. **A ação direta de Pio XII impediu que mais de 11.400 judeus romanos fossem deportados para Auschwitz.**<sup>[1]</sup> E isso sem contar os outros tantos milhares de judeus salvos por católicos por toda a Europa.

Até mesmo John Cornwell, autor fanfarrão do famigerado livro *O papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*, voltou atrás e retirou as acusações infundadas que havia levantado contra Pio XII. A confissão do escritor-pinóquio foi feita em um artigo publicado no jornal *The Economist*.<sup>[2]</sup>

## **A campanha comunista de difamação do papa**

Depois que Pio XII partiu desta pra uma melhor, **em 1958, teve início uma ostensiva e bem-sucedida campanha por parte dos inimigos da Igreja** — leia-se políticos e intelectuais comunistas — **para denegrir a sua imagem**. Como, infelizmente, a maioria das pessoas se deixa emprenhar pelos ouvidos e pouco se atém aos fatos, um dos maiores benfeitores da história do povo judeu passou de herói a marionete dos nazistas em um piscar de olhos.

O general Ion Mihai Pacepa, ex-chefe da inteligência romena, publicou um livro (*Desinformation*) denunciando um complot soviético para desacreditar Pio XII com base na disseminação de inverdades. Pacepa afirma que esteve envolvido em tal operação entre os anos 1960 e 1970. O Muro de Berlim caiu, do



comunismo chinês só restou a opressão, Fidel se aposentou e metade dos cubanos está nos States... mas o caô sobre Pio XII resiste, firme e forte, há cerca de cinquenta anos. Está aí a prova de que a mentira tem pernas longas!

### **Por que a Igreja assinou um acordo com a Alemanha nazista?**

Os Estados Unidos recentemente assinaram um acordo com o governo de Cuba; acaso alguém passou a crer que os Estados Unidos aprovam a política de direitos humanos da ilha caribenha ou que Cuba aprova o capitalismo americano? Óbvio que não! As nações de todo o mundo assinam frequentemente acordos bilaterais, mas isso não significa, de modo algum, que o governo de um país aprove a política do outro país.

Em 1933, a Santa Sé e o Terceiro Reich firmaram uma concordata (acordo diplomático) sobre as relações entre a Igreja Católica e o Estado na Alemanha. Uma análise superficial ou mal-intencionada desse fato leva desavisados a crerem que isso é prova de que a Igreja Católica se aliou aos nazistas. Nada disso!

O conteúdo do documento assinado em momento algum sugere qualquer apoio da Santa Sé à ideologia nazista. Os termos do acordo buscavam tão somente garantir um mínimo de proteção aos católicos, que também estavam sendo duramente perseguidos pelos nazistas (em especial, padres e freiras). Tal concordata, aliás, foi violada pelos nazistas, que assassinaram milhares de clérigos e enviaram muitos outros para campos de concentração, entre eles São Maximiliano Maria Kolbe.

Mesmo antes do início da Segunda Guerra Mundial, a imprensa já estampava em suas manchetes a oposição da Igreja ao nazismo. Afinal, o Papa Pio XI condenou duramente a política racial do nazismo na encíclica *Mit Brennender Sorge* (em tradução livre, “Com ardente tristeza”), em 1937. Antes disso, em 1933, os bispos alemães haviam declarado que os católicos que se filiassem ao Partido Nazista estariam automaticamente excomungados. O governo alemão imediatamente reagiu junto à Santa Sé, a qual não mudou a sentença. Isso foi noticiado nos jornais da Alemanha e da Itália.

Portanto, a Igreja condenou claramente o nazismo e em momento algum voltou atrás nessa posição. Para preservar a vida dos católicos, porém, foi obrigada a adotar uma postura mais prudente e diplomática em relação ao governo alemão. Sobre isso, o historiador Philippe Chenaux afirma:

Essa atitude indiscutivelmente permitiu o salvamento de muitos judeus. Para dar apenas um exemplo, uma grande parte da comunidade judaica de Roma pôde ser salva, enquanto na Holanda — onde os bispos protestaram de maneira muito forte —, todos os judeus, também aqueles convertidos, foram deportados. Uma das virtudes de Pio XII é a prudência, no sentido nobre e não no sentido de fraqueza.<sup>[3]</sup>

### **Pio XII silenciou diante da barbárie nazista?**

Quem diz que o papa Pio XII silenciou diante do nazismo está

mentindo na cara-dura ou está muito mal informado. É certo que o papa não saiu peitando Hitler, ou seja, não optou pelo confronto aberto (pudera, ele não tinha exército!), mas usou todos os recursos da Igreja, sua influência e sua sagacidade para fazer denúncias e salvar vidas inocentes.

Marcus Melchior, sobrevivente do Holocausto e rabino-chefe da Dinamarca, argumenta que “se o papa tivesse falado explicitamente, Hitler provavelmente teria massacrado mais do que seis milhões de judeus e cem milhões de católicos, se ele tivesse poder suficiente”.[4] Em 1939 e 1940, o papa atuou como intermediário secreto entre os alemães que conspiravam contra Hitler. O risco era enorme. Por isso, as ações de Pio XII para melar o regime nazista se davam principalmente na surdina.

Mesmo assim, o rabino e historiador David G. Dalin apresentou evidências de que Pio XII fez pronunciamentos públicos importantes.[5] Listamos alguns deles:

- a primeira encíclica de Pio XII foi celebrada pela imprensa dos países aliados, pois citava explicitamente São Paulo, que disse “não há gentio nem judeu”, de modo a rejeitar a ideologia racial. Em 28 de outubro de 1939, o jornal *The New York Times* dedicou sua manchete principal à encíclica: “Papa condena os ditadores, os que violam os tratados e o racismo”;
- em 1940, Pio XII recebeu o ministro do Exterior alemão, que o acusou de favorecer os aliados (e nisso ele estava certo). Pio XII não amarelou e respondeu corajosamente.

Em sua edição de 14 de março, *The New York Times* informou que o papa “falou com veemência diante de Herr Ribbentrop [...] defendendo os judeus alemães e poloneses”;

- no Natal de 1941, o papa usou sua mensagem por rádio para falar a toda a Europa e se disse preocupado com as “centenas de milhares de pessoas que, sem culpa nenhuma e muitas vezes só por motivo de nacionalidade ou raça, são destinadas à morte ou à extinção progressiva”.

Alguns autores insistem em dizer que essa mensagem não foi importante e que o papa foi muito vago, só que, para o pessoal daquela época, as palavras de Pio XII foram mais do que claras! No dia seguinte, o editorial do *The New York Times* o elogiou: “A voz de Pio XII é a única voz no silêncio e nas trevas que cobrem a Europa neste Natal [...] Clamando por uma ‘verdadeira nova ordem’ baseada na ‘liberdade, justiça e amor’ [...] o papa se opõe totalmente ao hitlerismo”.

Os próprios nazistas tremeram na base ao ouvir a mensagem de Natal, como prova um de seus comunicados internos: “Seu discurso é um longo ataque a tudo o que nós defendemos [...] Ele fala claramente em favor dos judeus [...] Ele acusa o povo alemão de injustiça para com os judeus, e se faz porta-voz dos judeus criminosos de guerra”.

## **O plano de Hitler para sequestrar o papa**

A ideia de que Hitler esmagaria o papa caso ele fosse mais incisivo em seus protestos contra o nazismo não é mera hipótese, mas praticamente uma certeza. Hitler deu ordens ao seu general Karl Wolff para ocupar o Vaticano e transferir o papa e a cúria para bem longe do alcance dos aliados. Com muito esforço, Wolff e os diplomatas alemães conseguiram fazer o bigodinho do mal desistir da ideia.<sup>[6]</sup>

Isso porque, segundo as más línguas, Pio XII era “omisso” e “amiguinho” de Hitler. Imagine se fosse inimigo...

### **Documentos guardados no Arquivo Nacional Britânico provam que a Santa Sé apoiou financeiramente os aliados**

Para financiar uma guerra é preciso muito dinheiro. Nesse quesito, na luta contra as tropas de Hitler, os aliados puderam contar com milhões de dólares da Santa Sé injetados nos grandes bancos comerciais dos Estados Unidos.

A revista *The Historical Journal*, produzida pela Universidade de Cambridge, publicou, em dezembro de 2012, um artigo com um longo e detalhado estudo sobre as atividades financeiras do Vaticano durante a Segunda Guerra Mundial. Com base em um conjunto de documentos guardados no Arquivo Nacional Britânico, a **historiadora Patricia M. McGoldrick simplesmente provou que a Santa Sé apoiou os aliados contra os nazistas.**

Nós concluímos a partir dessas contas que, no início da Segunda Guerra Mundial, o Vaticano rapidamente moveu seus valores mobiliários e as reservas de ouro de áreas sob

ameaça de ocupação nazista para os Estados Unidos. Isso fez com que os Estados Unidos se tornassem o centro a partir do qual a Igreja administrava as suas finanças no mundo todo.<sup>[7]</sup>

Além de proteger os bens do Vaticano — afinal, a Santa Sé era *ameaçada* por Hitler, e não aliada de Hitler —, esses investimentos denotam uma clara estratégia de apoio aos aliados. Os documentos também revelam que o dinheiro foi enviado para financiar atividades humanitárias de ajuda às tropas aliadas e para investimento em empresas envolvidas diretamente na indústria de guerra, como Rolls-Royce, Dow Chemical, Westinghouse Electric, Union Carbide e General Electric.

Assim, aos poucos desmorona a cortina de mentiras contra o Papa Pio XII, plantadas pelos comunistas da KGB e espalhadas com prazer por protestantes e ateus. Ora, como a Igreja Católica poderia apoiar o nazismo e, ao mesmo tempo, realizar extensas transferências de dinheiro para os inimigos desse regime?

## **A IGREJA APOIOU A ESCRAVIDÃO?**

Uma desinformação bastante difundida diz que uma bula papal teria permitido a escravidão de negros, com base na crença de que não teriam alma. Muitos professores de História espalham essa baboseira como verdade histórica nas escolas! Então, vamos detonar mais essa treta, desta vez em cinco passos! A partir de agora, quando seu professor de História disser que a Igreja

apoiava a escravidão, faça o seguinte:

**Passo 1: peça que ele aponte em que documento a Igreja afirma que os negros não têm alma**

Nesse momento, é provável que, muito levianamente, ele cite a bula *Dum diversas*, publicada em 1452 pelo Papa Nicolau V.

Antes de falarmos sobre esse documento, imaginemos o contexto em que ele foi escrito: estamos na Idade Média. **Os cristãos estão sendo atacados por sarracenos** (muçulmanos), que há tempos matam, saqueiam e escravizam. Durante as invasões, mulheres — inclusive crianças — são constantemente estupradas e muitas são capturadas e vendidas para servirem como escravas sexuais em haréns. E a situação tende a piorar, pois Constantinopla está sob ameaça de ataque. Barra pesada, não?

Vale notar que esse problema não era novo nem pontual, pois **havia séculos que os muçulmanos promoviam a caça e o tráfico de europeus**. Tanto é que em 1198 (mais de trezentos anos antes da publicação da citada bula), São João da Mata fundou a Ordem dos Trinitários, com o intuito de libertar os prisioneiros e os escravos cristãos do domínio dos sarracenos. Alguns anos depois, São Pedro Nolasco e São Raimundo de Penafort fundaram a Ordem dos Mercedários com o mesmo objetivo. Segundo Bill Warner, diretor do Centro para o Estudo do Islã Político, os muçulmanos escravizaram mais de um milhão de europeus. “Como muçulmanos não podem ser escravizados, era uma cristã branca que era a escrava sexual do sultão turco”,

revelou ele.<sup>[8]</sup>

Diante dessa situação infernal, o que o líder desse povo oprimido deve fazer? Aqui se encaixa perfeitamente o conceito de **guerra justa** e o **direito de legítima defesa** citados no Catecismo da Igreja Católica. Por isso, o papa autorizou o rei Afonso V de Portugal a prender os sarracenos, que repetidamente atacavam e escravizavam os cristãos na Europa:

[...] nós lhe concedemos, por estes presentes documentos, com nossa Autoridade Apostólica, plena e livre permissão de invadir, buscar, capturar e subjugar os **sarracenos e pagãos** e quaisquer outros incrédulos e inimigos de Cristo [...] e reduzir suas pessoas à perpétua escravidão.

O que deve ficar claro é que **os sarracenos e pagãos citados na bula não eram coitadinhos** que a Igreja “intolerante” mandou escravizar porque não aderiram à fé cristã. Sem o conhecimento do contexto histórico, uma pessoa que leia esse trecho da bula logo concluirá que a Igreja era a vilã da história, quando, na verdade, era uma vítima acuada tentando se defender de matanças, sequestros e estupros em massa.

Repare também que a bula se refere aos sarracenos, que não eram necessariamente negros, e que não há qualquer vírgula que sugira, ainda que de leve, que algum indivíduo não tem alma. Pelo contrário! A bula deixa claro que era preciso **promover a conversão** dos sarracenos e pagãos escravizados. Acaso é possível desejar a conversão de um ser que não tem alma?

A verdade é que os mouros medievais é que perseguiram o



povo católico durante séculos a fio! Na grande maioria das vezes que tomaram pau dos cristãos, não receberam senão a **justa resposta** por sua violência. E a barbárie não terminou com o fim da Idade Média: somente entre 1500 e 1800, **os árabes fizeram mais de 1 milhão de escravos brancos**. Esses dados são frutos de uma pesquisa recente do historiador **Robert Davis**, professor de História da Universidade de Ohio.<sup>[9]</sup>

## **Passo 2: cite os documentos que evidenciam a posição da Igreja contra a escravidão**

Pra variar, a história real e documentada é bem diferente dos mitos espalhados nas salas de aula. A verdade é que, nos tempos em que o sistema escravagista vigorava no Brasil, a Igreja já havia publicado diversos documentos condenando a escravidão de qualquer ser humano. Este ponto da doutrina não poderia jamais excluir os negros, já que existiram diversos negros de grande relevância desde as origens do cristianismo, a exemplo de Simeão, que nos Atos dos Apóstolos é considerado como profeta e doutor (At 13, 1).

Em 1537, o **Papa Paulo III** publicou a bula *Veritas ipsa* condenando a escravidão não somente dos indígenas, mas de “todas as mais gentes”, mesmo os não cristãos:

[...] declaramos, que os ditos Índios, e todas as mais gentes que daqui em diante vierem à notícia dos Cristãos, ainda que estejam fora da Fé de Cristo, não estão privados, nem devem sê-lo, de sua liberdade, nem do domínio de seus bens, e que

não devem ser reduzidos à servidão.

O professor medievalista Ricardo Costa listou outros documentos importantes:

Entrementes, a Igreja Católica, reiteradamente, condenava a escravidão. Há inúmeras bulas papais a respeito: *Sicut Dudum* (1435) — Eugênio IV manda libertar os escravos das ilhas Canárias; em 1462, Pio II instrui os bispos a pregarem contra o tratamento de escravos negros etíopes, e condena a escravidão como um “crime tremendo”; Paulo III, na bula *Sublimus Dei* (1537) recorda aos cristãos que os índios são livres por natureza (isto é, ao contrário dos negros, eles não praticavam a escravidão); em 1571 o dominicano Tomás de Mercado declarou desumana e ilícita a escravidão; Gregório XIV (*Cum Sicuti*, de 1591) e Urbano VIII (*Commissum nobis*, de 1639) condenaram a escravidão.<sup>[10]</sup>

### **Passo 3: aponte a delicada situação dos padres no Brasil-Colônia**

É preciso esclarecer que, **na época do Brasil Colônia, a Igreja estava sujeita ao poder da coroa portuguesa.** Bem diferente do que muitos dizem, os padres não tinham poder suficiente para fazer valer as determinações papais que pediam o fim do tráfico negreiro e da escravidão. Se saíssem por aí dando uma de “rebelados contra o sistema” e metendo o dedo na cara dos senhores de escravos, certamente seriam expulsos da colônia.

Dentro dos seus limites, os sacerdotes ensinavam que os escravos não podiam ser maltratados e insistiam especialmente para que frequentassem missas e recebessem os sacramentos. Alguns mais ousados, como o **padre Antônio Vieira**, condenaram publicamente a escravização de negros:

Nas outras terras, do que aram os homens e do que fiam e tecem mulheres se fazem os comércios: naquela (na África) o que geram os pais e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende e compra. Oh! trato desumano, em que a mercância são homens! Oh! mercância diabólica, em que os interesses se tiram das almas alheias e os ricos são das próprias!<sup>[11]</sup>

#### **Passo 4: pergunte como seria possível batizar e casar criaturas sem alma**

Como os padres poderiam batizar, casar e dar a comunhão aos negros (o que foi feito maciçamente desde o início da vinda dos negros escravizados ao Brasil) e, ao mesmo tempo, afirmar que não tinham alma. Confuso, não?

É preciso que seu professor esclareça também como os negros, no período colonial, podem ter recebido autorização da Igreja para fundar suas próprias irmandades e construir igrejas e capelas.

#### **Passo 5: dê uma *trollada* no Iluminismo**

Pra arrematar, dê uma alfinetada no Iluminismo, que, certamente, é uma das bases intelectuais dos acusadores da Igreja. Pergunte se acaso seu professor não está confundindo a doutrina da Santa Igreja com as orientações de um dos seus prováveis mestres queridinhos: **Voltaire**, que publicamente defendia os direitos humanos e a liberdade para todos, mas tinha uma boa vida graças aos altos lucros com o tráfico de escravos negros.

Para quem quiser se aprofundar no estudo desse tema, recomendamos o livro *A Igreja Católica em face da escravidão*, de Jaime Balmes.

## **A IGREJA DESTRUIU A CULTURA INDÍGENA?**

Sempre que a Igreja anuncia a canonização de um santo que atuou em missões indígenas — como São José de Anchieta e São Junípero Serra —, a mídia traz à tona a discussão sobre os possíveis danos à cultura indígena provocados pela evangelização. Os defensores dessa tese cultivam a ideia romântica de que os índios deveriam ser uma espécie de “povo intocável”, que não deveria entrar em contato com outras culturas nem ser influenciado por elas para não se corromper.

“Esta ideia de que o guarani tem de ser o mesmo guarani de 1500 é absurda, na medida em que a gente pensa que a gente também não é igual aos nossos avós. Então por que esperar que os guaranis sejam iguais a seus antepassados?”, questiona a historiadora Letícia Brandt Bauer.<sup>[12]</sup> De fato, as interações

culturais entre os povos são comuns em toda parte. Nessa dinâmica, são absorvidas coisas boas e ruins, mas nenhum povo jamais achou bacana fechar-se numa bolha e isolar-se do resto do mundo para manter seus costumes eternamente imutáveis.

Porém, o “**mito do bom selvagem**”, que ganhou força com Rousseau, difundiu entre os ocidentais a ideia de que os índios são ingênuos e puros e vivem em perfeita harmonia, portanto o contato com a civilização só pode degenerá-los. Basta um leve esforço de estudo para descobrir que a realidade é bem diferente, pois **canibalismo e guerras entre tribos eram muito comuns** já antes de os homens brancos chegarem por essas bandas. Além disso, muitos índios resolveram abandonar a vida nas aldeias e adotar nomes de brancos por livre e espontânea vontade.<sup>[13]</sup>

Na verdade, nem é preciso estudar história para saber que muitos índios desejam absorver a cultura dos brancos. Para isso, basta ver as notícias nos jornais. Cada vez mais indígenas cursam escolas e faculdades, têm acesso à internet, buscam assistência médica, jogam futebol, usam celulares e desejam morar em casas com televisão e água quente no chuveiro. Ironicamente, quem zela por manter o povo indígena eternamente dependente do cuidado dos brancos e petrificado no tempo das cavernas são os brancos, e não os índios.

Nos Estados Unidos, a coisa é bem diferente. Os índios mantiveram muitos dos costumes de seus ancestrais, mas estão perfeitamente integrados à sociedade americana. Não são coitadinhos nem precisam que o Estado aja como babá nem que representantes de ONGs prestem favores ou briguem pelos seus direitos. Eles são independentes e, a seu modo, bem-sucedidos.

Para exemplificar, quase toda a cidade de Las Vegas pertence a tribos indígenas... Tá bom pra você?

Voltando à questão histórica, a colonização das Américas e, portanto, o intenso contato entre índios e brancos era inevitável. A cultura indígena sofreria influência da cultura branca e também a influenciaria, com ou sem a ação dos jesuítas. Porém, **sem os jesuítas, o número de índios mortos e escravizados teria sido imensamente superior.**

Os bandeirantes, inicialmente, acharam que era vantagem atacar as missões onde os índios se encontravam reunidos e pacificados, mas os padres reagiram, conseguindo que Portugal reafirmasse com maior vigor a proibição da escravização de índios e também metendo bala em sujeito folgado. Em 1638, o padre Antonio Ruiz de Montoya foi a Madri, onde conseguiu uma autorização do rei para que os índios se defendessem com armas de fogo. Foi assim que os indígenas conseguiram a sua primeira vitória sobre os bandeirantes, na Batalha de Caaçapaguaçu, em 1639.<sup>[14]</sup> **E, nas guerras guaraníticas, os jesuítas pegaram em armas para defender os índios contra o poder colonial português e espanhol,** provando com sangue seu amor pelo povo indígena.

Bem pior do que os não católicos desinformados que acusam a Igreja de destruir a cultura indígena são os próprios católicos que apoiam a ideia herética de que os índios são tão perfeitos que não precisam ser evangelizados. Entretanto, a palavra de Cristo não poderia ser mais clara: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19). **Todas as nações,**

certo? Isso não parece deixar de lado as nações indígenas.

Segundo o professor José Carlos Coutinho, **as lendas indígenas já registravam a espera por um Salvador**, que viria protegê-los e redimi-los, levando ao bem de todos, ou seja, o coração dos índios pedia para conhecer Jesus, intuía a Sua existência. Essa “coincidência” facilitou o relacionamento dos índios com os padres jesuítas, que eram muitas vezes considerados como antigos pajés que haviam voltado da terra dos espíritos para orientá-los.<sup>[15]</sup>

Por isso, apesar das muitas resistências encontradas em diversas tribos, os jesuítas, em geral, foram bem aceitos pelos índios. A evangelização não foi imposta a cacetadas, mas sim acolhida voluntariamente. Não tem nem como imaginar que poucos padres jesuítas dominaram e forçaram seis mil índios a permanecerem em uma missão. Obviamente houve um consenso!

Por meio de Sua Igreja, **Jesus purifica as culturas de seus aspectos negativos e faz pulsar ainda mais seus aspectos positivos**. Por exemplo, nas missões jesuíticas, a cultura de não acumulação dos índios foi valorizada, assim como a partilha comum dos bens; por outro lado, o assassinato de crianças deficientes e gêmeas foi duramente condenado. É o que ensinou o Papa Bento XVI:

Porém, o que significou a aceitação da fé cristã para os povos da América Latina e do Caribe? Para eles, significou **conhecer e acolher Cristo, o Deus desconhecido que os seus antepassados, sem o saber, buscavam nas suas ricas**

**tradições religiosas. Cristo era o Salvador que esperavam silenciosamente.** Significou também ter recebido, com as águas do batismo, a vida divina que fez deles filhos de Deus por adoção; ter recebido, outrossim, o Espírito Santo que veio fecundar as suas culturas, purificando-as e desenvolvendo os numerosos germes e sementes que o Verbo encarnado tinha lançado nelas, orientando-as assim pelos caminhos do Evangelho.<sup>[16]</sup>



# Sobre machismo



## **POR QUE A IGREJA DIZ QUE AS MULHERES DEVEM SER SUBMISSAS?**

Um dos trechos da Bíblia que mais gera dúvidas e controvérsias nos católicos de hoje em dia é aquele em que São Paulo diz, na Carta aos Efésios, que a esposa deve ser submissa a seu marido. Como devemos entender esse texto? O que diz a Igreja?

Para esclarecer a questão, nós nos basearemos nos escritos oficiais de três papas: **Leão XIII**, **Pio XI** e **João Paulo II**. Antes de prosseguirmos, é preciso deixar claro que o termo “submissão” na Carta aos Efésios não possui o sentido negativo ao qual o termo remete atualmente. Não tem nada a ver com obediência irrestrita, servidão, inferioridade, opressão, desrespeito, abuso ou qualquer coisa do tipo.

Vamos lá... Essa submissão é literal? **Sim, o marido é o chefe da família**, não a esposa. “Pois o marido é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da Igreja”, lembra Leão XIII.<sup>[1]</sup> Mas isso quer dizer que a esposa tem a obrigação de obedecer a ele em absolutamente tudo? **Não, não mesmo!**

O marido tem a missão de ser um **CHEFE-SERVIDOR**, assim como Jesus, que veio para servir, não para ser servido. Essa postura humilde em nada diminuiu Sua autoridade e Sua liderança. Assim, o marido deve tratar bem a sua esposa, que é carne de sua carne, e, se preciso for, se sacrificar e dar a vida por ela e pelos filhos. Obviamente, isso nada tem a ver com o perfil de patrão da mulher.

Segundo Pio XI, **a submissão da esposa não a obriga a satisfazer todas as vontades de seu marido**, especialmente quando contrariam sua razão e sua dignidade, nem se trata de uma submissão comparável àquela dos filhos (que são menores de idade e não têm maturidade para tomar certas decisões) em relação aos pais.

Do que se trata, então, essa submissão? É simples: do reconhecimento de que **o amor possui uma ordem**. No céu, os anjos têm uma hierarquia; na Terra, Jesus colocou Pedro à frente dos demais apóstolos; na família, Deus colocou o homem como a cabeça e a mulher como o coração. Homem e mulher são iguais em dignidade, mas diferentes em sua constituição biológica e psicológica e, portanto, exercem papéis diferentes na família.

Mas, atenção, se é verdade que a mulher deve reconhecer e respeitar a chefia do marido sobre a família, também é verdade que o homem deve exercer essa liderança com amor, respeito e

espírito de serviço. O Papa Leão XIII enfatiza: “Seja a caridade a reguladora constante do dever”. **Sem a CARIDADE CRISTÃ, o homem não é a cabeça da família, mas sim um tirano.** O marido deve ser para a família aquilo que Cristo é para a Igreja: chefe amoroso e humilde, mas também firme e viril.

Por exemplo, o fato de que São Pedro era o chefe visível da Igreja não impediu São Paulo, que era subordinado a ele, de acusá-lo certa vez de hipocrisia. Paulo não estava, de modo algum, rebelando-se contra a autoridade máxima de Pedro, mas cumpriu a sua obrigação de realizar a correção fraterna. Da mesma forma, a esposa pode — e deve — contestar as atitudes e decisões que julgar insensatas.

Como ensinou São João Paulo II, tal submissão, no fim das contas, não é unilateral, mas sim bilateral, pois o marido também tem seus deveres sagrados em relação à mulher. Por seu dever de chefiar a família dentro do princípio da caridade cristã, o homem é impedido de desrespeitar a esposa e de fazê-la objeto de seus caprichos.<sup>[2]</sup>

Certo... E se o marido é bebum e vagabundo? Nesse caso, é óbvio que ele não tem condições mínimas para governar sua família, e quem deve chefiá-la é a esposa (esse é apenas um exemplo, entre tantos outros, em que o homem pode perder a sua capacidade de exercer o papel de “cabeça” da esposa). O Papa Pio XI esclareceu a questão:

O âmbito e as modalidades de tal submissão da mulher ao marido podem variar de acordo com as diferentes condições das pessoas, lugares e tempos. Além disso, se o marido está

faltando com seus deveres, as mulheres devem tomar o seu lugar na direção da família.<sup>[3]</sup>

Como Pio XI bem disse, a Igreja não delimita a forma como essa submissão da mulher ao marido deve se dar, pois isso varia conforme cada situação, cada tempo, cada cultura. Em algumas famílias contemporâneas, essa submissão se cumpre muito bem e de modo sutil, com marido e mulher dialogando e buscando compartilhar as decisões sempre que possível. Seja como for, a lei fundamental da estrutura familiar, estabelecida e confirmada por Deus, jamais deve ser esquecida: **o marido é o chefe da família, assim como Cristo é o chefe da Igreja.**

Lembremos que o Rei do Universo, feito Menino, aceitou ser submisso a José e Maria, pois é assim que um filho deve ser em relação a seus pais. Mesmo sendo Deus, o Cristo não se rebelou contra essa lei da estrutura familiar. Porém, para a nossa mentalidade contemporânea, em que domina a ideia de que homem e mulher são iguais em tudo, esse ensinamento pode soar estranho. Também foi difícil para os apóstolos aceitar certas coisas que Jesus dizia e que contrariavam a sua cultura e o seu modo de pensar. Porém, Cristo nos pede: “Credes em Deus, credes também em mim” (Jo 14, 1).

## **SÃO PAULO ERA MACHISTA?**

Duas passagens da Bíblia são frequentemente usadas por pessoas que querem depreciar o cristianismo e buscam “provar”

a associação entre cristianismo e machismo. Elas são: “Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois, o silêncio” (I Tm 2, 11-12) e “Como acontece em todas as Igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei” (I Cor 14, 34).

**A orientação de São Paulo para que as mulheres fiquem caladas na igreja “deve ser antes relativizada”.** Quem esclarece isso é ninguém mais ninguém menos do que **Bento XVI**,<sup>[4]</sup> **que explica que o apóstolo se referia a uma situação específica e localizada, portanto tal orientação não tem, nem nunca teve, o peso de uma regra evangélica universal.**

No cenário cultural daquele tempo e lugar, o Apóstolo dos Gentios viu a necessidade de dar essa orientação à comunidade de Corinto, mas a Igreja jamais interpretou isso como um mandamento a ser aplicado em todos os tempos e lugares. A prova é que nossas igrejas estão repletas de mulheres catequistas, além de coordenadoras de pastorais, de grupos de espiritualidade e de movimentos.

**São Paulo admite que a mulher possa “profetizar” para a comunidade cristã, ou seja, falar publicamente sob a ação do Espírito Santo. Acaso o santo se contradisse? Óbvio que não!**

**São Paulo também dá a maior moral para Prisca (ou Priscila), esposa de Áquila, pois em duas passagens o nome dela é citado antes do nome do marido, o que é bastante surpreendente e incomum para a época. São Paulo disse que ambos eram seus “colaboradores em Jesus Cristo” (Rm 16, 3). Na mesma carta em**

que cita Prisca, São Paulo manda saudações a pessoas importantes da comunidade e se refere com apreço tanto a homens quanto a mulheres: (1) “Recomendo-vos Febe, nossa irmã, diaconisa da Igreja de Cencreia”; (2) “recebais no Senhor, de modo digno, como convém a santos e a assistais em tudo o que ela de vós precisar, porque também ela ajudou a muitos, a mim inclusive”; (6) “Saudai Maria, que muito fez por vós”; (12) “Saudai Trifena e Trifosa, que se afadigaram no Senhor”; (13) “Saudai Rufo, este eleito do Senhor, e sua mãe, que é também minha” e (15) “Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã”.

Na Carta aos Filipenses, São Paulo se refere a duas mulheres, Evódia e Síntique, como pessoas que o “ajudaram na luta pelo Evangelho” e cujos nomes “estão no livro da vida” (Fl 4, 2-3). Como bem observou Bento XVI, ele “deixa entender que as duas mulheres tinham uma função importante no interior daquela comunidade”.

Assim como a citada passagem da Carta aos Coríntios (I Cor 14, 34) deve ser relativizada, o mesmo se aplica aos versículos da Carta a Timóteo (I Tm 2, 11-12). A proibição de que as mulheres ensinassem aos homens era justa somente no momento de instrução daquela comunidade, naquela época e naquele lugar. Não se trata de uma regra evangélica essencial e eterna.

Havia um amplo espaço de participação das mulheres já na comunidade primitiva, porém isso deveria acontecer de modo prudente, sem passar por cima dos costumes. Para os homens da época, era muito vergonhoso que suas esposas lhes dessem “lições” em público. Então, era preciso evitar escândalos que prejudicassem a compreensão da mensagem cristã.

Porém, **o entendimento universal da Igreja é que as mulheres podem, sim, ensinar os homens** sobre as questões da fé. Do contrário, seria impossível que elas ganhassem o título de doutoras da Igreja, como é o caso de Santa Catarina de Sena. Esta, aliás, ensinou até mesmo a um papa, pois não é demais dizer que Gregório XI era seu discípulo. (Ah, lembrando que isso aconteceu na Idade Média...)

Em sua pregação, São Paulo parte do princípio fundamental de que entre os batizados “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre” e também de que **“não há homem nem mulher”**. Assim, as pessoas têm igual dignidade, seja qual for o seu sexo, etnia ou condição social, pois “todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3, 28).

A questão central é: **como pode ser machista uma Bíblia que prega que, na comunhão cristã, não há diferença entre homem e mulher?** Só poderemos afirmar que a Bíblia é machista se crermos na ideia ilógica de que homem e mulher devem ser necessariamente iguais em suas funções na família, na igreja e na sociedade.

São Paulo ensina que, embora possuam igual dignidade, as pessoas têm diferentes papéis. Isso varia não só de acordo com seu sexo, mas também conforme os dons que recebe de Deus, afinal nem todos são apóstolos, nem todos são profetas, nem todos realizam milagres (I Cor 12, 27-30). Cada um no seu quadrado!

## **A IGREJA NÃO VALORIZA AS MULHERES?**

Nas assembleias urbanas ou nas comunas rurais, as mulheres têm o mesmo direito de voto dado aos homens. As lideranças políticas e religiosas femininas são tão prestigiadas quanto as masculinas. As mulheres abrem e comandam estabelecimentos comerciais sem precisar da autorização de seu marido. Além de mães de família, religiosas e empregadas domésticas, as mulheres exercem diversas profissões.<sup>[5]</sup> De que época estamos falando? Acredite: **estamos falando da Idade Média!**

Para quem deu uma risadinha descrente, adianto logo que nossa fonte é **Régine Pernoud**, historiadora premiada pela Academia Francesa pelo conjunto de sua obra. Então, você precisa decidir a quem dar ouvidos: a uma medievalista top ou ao seu “fessô da facul”. Escolha difícil...

Nos registros de pagamentos de impostos da cidade de Paris, no período referente ao fim do século XIII, pode-se verificar uma multidão de mulheres exercendo as mais variadas funções: professoras, médicas, boticárias (atual farmacêutica), tintureiras, copistas, miniaturistas, encadernadoras etc. Na Itália, em especial, há um número considerável de registros da contribuição de mulheres para a medicina. Poderíamos citar diversos nomes, mas, só para ilustrar, lembramos Dorotea Bucca. Ela ocupou uma cadeira de Filosofia e Medicina na Universidade de Bolonha por mais de quarenta anos, tendo começado em 1390.

Quem diz que os medievais só se preocupavam com a instrução intelectual masculina está simplesmente falando asneira! “Assim, em Soissons, em 1403, o bispo Simão de Buey insiste junto a seus capelães e curas para que zelem por que os



pais enviem as crianças dos dois sexos às escolas da cidade”,<sup>[6]</sup> afirmou Pernoud em uma das suas obras. Assim, a contribuição da mulher medieval no campo intelectual também era relevante; uma evidência nesse sentido é que a mais conhecida enciclopédia do século XII é de autoria de uma mulher, a abadessa Herrade de Landsberg.

Do século XII, muitos conhecem o enrosco de Abelardo e Heloísa. Ele, filósofo popular e ilustre, dava aulas para a moça na escola feminina da Abadia de Argenteuil (depois de nove meses, eis que veio o resultado... Segura o tchan! Amarra o tchan!). De fato, a quantidade de escolas femininas não era tão numerosa quanto as instituições dedicadas aos rapazes, mas note que a educação das jovens de Argenteuil foi valorizada a ponto de terem um mestre famoso a seu serviço.

Nos tempos feudais, as coroações de rainhas e reis também tinham o mesmo prestígio. Já no campo religioso, certas abadessas (madres superiores) eram tão influentes que administravam vastos territórios, incluindo diversas aldeias e paróquias. Muitas abadessas, inclusive, usavam báculo, tal como um bispo. Afinal, eram consideradas pela Igreja como pastoras supremas do território sobre o qual governavam.

No século XII, o célebre pregador Robert d’Arbrissel fundou um mosteiro feminino e um masculino em Fontevrault. Esse monge “opressor” e “machista” (como todo católico medieval devia ser, segundo a opinião mais difundida) colocou o duplo mosteiro sob a autoridade de uma abadessa, a nobre viúva Pétronille de Chemillé, que tinha apenas 22 anos.<sup>[7]</sup> O caso de Fontevrault não foi único. Diversos conventos duplos, de

monges e monjas, foram colocados sob a gestão de uma abadessa. Tal função foi exercida, por exemplo, por Santa Brígida da Irlanda, no século V, em Kildare. Repito: **religiosas lideravam comunidades monásticas masculinas e usavam uma insígnia típica de um bispo!**

A veneração à Virgem Maria, Mãe de Deus, permitiu que o homem medieval projetasse tamanho respeito à figura feminina. Isso acontecia não somente no Ocidente, mas também na cristandade do Oriente. É bem verdade que, em muitos casos, os pais escolhiam os noivos para suas filhas, mas note que os rapazes também estavam sujeitos ao mesmo destino. Portanto, ambos os sexos estavam igualmente lascados (olha a igualdade aí, gente!). A Igreja se opôs a essa cultura, declarando em seus documentos que o consentimento para o matrimônio deveria ser pleno.<sup>[8]</sup>

Tudo isso só confirma a tese de Jacques Le Goff, historiador francês que afirmou que devemos a emancipação da mulher à Idade Média,<sup>[9]</sup> emancipação essa, aliás, inexistente na Antiguidade clássica e da qual, até hoje, muitas mulheres em países não cristãos não gozam. Portanto, pense duas vezes antes de dizer, por exemplo, que o tratamento dado às mulheres em países de maioria muçulmana é “medieval”.

O termo Idade Média continua a ser estupidamente proferido em tom de desprezo, como uma forma eficaz de depreciar a Igreja Católica, que foi mentora daquela sociedade, mas deixando o preconceito de lado e afundando o nariz nos livros — nos *bons* livros — os que amam a verdade e possuem a mente aberta saberão reconhecer o legado precioso dessa época e o

acesso da mulher às liberdades essenciais.

## **COMO AS MULHERES SÃO VISTAS NOS PAÍSES NÃO CRISTÃOS?**

Uma considerável parcela do movimento feminista nutre uma feroz hostilidade em relação à Igreja Católica, em especial pela luta dessa instituição contra o assassinato de seres humanos no ventre de sua mãe, mas a verdade é que **nada no mundo, nenhuma ideologia, filosofia ou religião, fez tanto pela liberdade e pela dignidade das mulheres quanto o cristianismo.** As viúvas que o digam!

Nós, ocidentais, vivemos em um mundo onde as viúvas têm o direito de herdar os bens de seu marido (salvo em casos específicos), muitas vezes recebem uma pensão e, se assim desejarem, podem namorar e se casar novamente. Isso, que para nós é a normalidade, é impensável em muitas sociedades não cristãs, sendo o exemplo mais emblemático o indiano, o segundo país mais populoso do mundo.

Até o século XIX, **era comum que uma viúva indiana se lançasse na fogueira da pira onde estava sendo queimado o cadáver de seu marido** com o intuito de morrer junto com ele. Ainda que tivesse amor pela vida e odiasse a ideia de ser queimada viva, muitas preferiam ter essa morte “com honra” a viver como párias na sociedade. Isso porque, na Índia, a mulher é vista como uma mera extensão do homem, perdendo a sua dignidade ao ficar sem ele.

Hoje são raros os casos de viúvas indianas que realizam esse ritual suicida, conhecido como Sati, porém elas não podem fugir à condenação a ser verdadeiras **mortas-vivas**. Logo após a morte do marido, **elas são despojadas de seus bens** e obrigadas a vestir roupas brancas pelo resto da vida (cor que representa o luto na Índia). A maioria dessas mulheres é repudiada pela família, e, sem poder trabalhar, elas **passam a viver como mendigas**, sobrevivendo miseravelmente em abrigos precários. E isso acontece em pleno século XXI!

**Muitas viúvas indianas são jovens**, já que é frequente o casamento de crianças com homens mais velhos (arg!). **E elas podem se casar novamente?** Em tese, sim, mas na prática é quase impossível que isso ocorra, afinal vivem maltrapilhas, são estigmatizadas como fonte de azar, não podem usar enfeites e têm a cabeça raspada. E, pior, não têm um tostão furado para pagar o dote — sim, a mulher indiana precisa pagar caro pra casar! É como se o homem estivesse fazendo um enorme favor ao desposá-la.

Para completar a desgraça, as viúvas jovens são cotidianamente **vítimas de abusos e de exploração sexual**, ou seja, não têm ao menos a possibilidade de viver “em paz” a castidade absoluta a que são obrigatoriamente destinadas.

Diante de tamanha atrocidade, deve crescer ainda mais a gratidão a Deus pela beleza da nossa fé. É maravilhoso saber que **há milênios a civilização judaico-cristã reconhece o direito de viúvas a uma vida normal e feliz**. E mais: a obrigação de ampará-las materialmente, quando necessário, é enfatizada. Na Bíblia, há inúmeras passagens em que o povo é lembrado de sua

obrigação de cuidar das viúvas desamparadas (Ex 22, 21-22; Is 1, 17; Sl 67, 6; Tg 1, 27 entre outras).

São Paulo esclarece que as viúvas são livres para juntar as escovas de dente com outro cara: “Assim, a mulher casada está ligada por lei ao marido enquanto ele vive; se o marido vier a falecer, ficará livre da lei ao marido. [...] Se, porém, o marido morrer, ficará livre da lei, de sorte que, passando a ser de outro homem, não será adúltera” (Rm 7, 2-3).

**E quanto às viúvas pobres e idosas da Igreja primitiva, que já não estavam em idade de casar outra vez? Elas eram inscritas em uma espécie de programa de assistência remunerada e recebiam um papel ativo na Igreja, desempenhando as mais diversas funções. Como retribuição, não ficavam sem amparo.<sup>[10]</sup> Não custa enfatizar que **isso foi estabelecido há dois mil anos!** Isso é que é modernidade!**

Por isso, podemos dizer com firmeza que é uma imensa sorte **nascer e viver em nações fortemente influenciadas pela cultura judaico-cristã.** Há séculos, os países de raiz cristã gozam de direitos e de liberdades que milhões de pessoas de outros povos, com origens religiosas diferentes, estão longe de conquistar.

Em 2011, uma mulher chamada Sheima Jastaniah foi **condenada a levar dez chibatadas por ter sido flagrada dirigindo um automóvel.** Na legislação oficial da Arábia Saudita, nenhuma lei proíbe as mulheres de pegarem no volante, mas a tradição religiosa se impõe. O rei Abdullah livrou a prisioneira da condenação na última hora, anulando a sentença, porém as mulheres continuam relegadas ao banco do carona.<sup>[11]</sup>

**Sem poderem dirigir, torna-se impossível para muitas**

**mulheres sauditas terem acesso ao trabalho e ao estudo**, já que nem sempre há um homem da família disponível para dar carona. E os serviços prestados por motoristas particulares são caríssimos! A fundadora da Sociedade de Defesa dos Direitos da Mulher na Arábia Saudita, Wajeha Al-Huwaider, dá a dimensão do problema: “Dirigir aqui é tão importante porque, sem isso, não podemos ir para a escola, para o trabalho, fazer compras. Nossas cidades são construídas de modo que o carro é muito necessário. Não temos um transporte público desenvolvido, então não podemos depender dos ônibus, poucos e caindo aos pedaços”.[12]

Também em 2011, a ativista Manal al-Sharif passou mais de dez dias no xadrez depois de postar no YouTube um vídeo em que aparece dirigindo. E, pasmem, **essa não é a única restrição das mulheres por lá**: “A saudita precisa ter um homem a tiracolo para tudo na vida. Sem um acompanhante, seja marido, filho ou pai, ela não pode conseguir emprego, ser aceita na escola, receber tratamento médico [...] viajar, [...] abrir conta em banco, começar um negócio, nada. Todos os aspectos da nossa vida são controlados”, denunciou Wajeha.

E o pior é que por aquelas bandas **só os homens podem votar**, então... vai demorar muito pra haver mudanças. O rei até anunciou que as mulheres de seu país vão poder votar e candidatar-se a cargos políticos,[13] mas, elas só poderão usufruir dessas “regalias” se forem autorizadas por algum homem da família. Ah, tá...

E olha que não estamos falando de nenhum lugarejo pobre e esquecido: a Arábia Saudita boia em petróleo e é a principal

potência econômica do mundo árabe! Enquanto isso, as ocidentais comandam o próprio carango e ainda colocam um adesivo no vidro: “Jesus é o meu copiloto!”

## **POR QUE MULHERES NÃO PODEM SER PADRES?**

Essa é uma das tretas mais recorrentes para acusar a Igreja de machismo: a completa e definitiva impossibilidade da ordenação de mulheres. Vamos comentar aqui alguns dos principais argumentos utilizados por aqueles que defendem o sacerdócio feminino:

**“Jesus só escolheu apóstolos homens, é verdade, mas fez isso por causa do contexto social daquela época.”**

E desde quando Jesus dava bola pra convenções? Nos Evangelhos, vemos a Sua pouca reverência às tradições humanas, pois sentava-se à mesa com prostitutas e “impuros” em geral, curava aos sábados e xingava aqueles que se diziam mestres da religião. Sem a menor preocupação em ser popular, espantou muitos discípulos, que ficavam chocados com suas palavras.

Além do mais, havia sacerdotisas nas religiões pagãs antigas (por exemplo, as virgens avatares de Roma, que mantinham o fogo aceso nos templos). Se Jesus estivesse preocupado com a mentalidade da sua época, teria escolhido mulheres sacerdotisas.

**“Homens e mulheres são iguais diante de Deus, portanto não há qualquer motivo razoável que impeça o acesso das mulheres ao sacerdócio.”**

Como bem disse São Paulo, “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3, 28). A dignidade dos homens e das mulheres é idêntica, porém estes dois sexos não são tão diferentes à toa, tanto na constituição física como psicológica. Essa diversidade se reflete na sua relação com os demais, com o trabalho, com a família, com a comunidade cristã e com Deus.

Cristo era homem, e não por acaso formou um “clube do Bolinha” com os apóstolos. Afinal, o sacerdote, imagem de Cristo, tem a Igreja por sua Esposa (a Bíblia chama a Igreja de “Esposa de Cristo”). Como uma sacerdotisa poderia ter essa mesma relação “matrimonial” com a Igreja? A masculinidade é, portanto, condição fundamental para que uma pessoa possa representar o Filho de Deus na Terra, exercendo as mesmas funções que Ele exercia.

São João Paulo II também mandou muito bem quando disse que, se sacerdócio servisse para exaltar a dignidade de alguém, Jesus teria ordenado Sua própria Mãe, que, abaixo de Deus, é a figura mais importante do cristianismo. Se nem Maria Santíssima recebeu a missão do sacerdócio, fica evidente que não se trata de discriminação.<sup>[14]</sup>

**“A Igreja exclui as mulheres das posições de maior representatividade. Devemos lutar pelos nossos**



## **direitos!”**

Direitos?! O sacerdócio não é um direito. É bom lembrar que um dos principais ensinamentos de Jesus foi estar na Igreja com o desejo de servir, não de alcançar reconhecimento.

Dizer que tornar-se membro do clero é uma promoção faz parte de uma mentalidade de clericalismo, de quem pensa que a dignidade da Igreja está somente com os clérigos. Isso é desprezar a importância dos leigos na Igreja. **São Francisco de Assis**, por exemplo, nunca foi padre, e é uma das personalidades mais relevantes da cristandade.

Quer poder? Vá caçar em outras bandas! Apesar de muita gente praticar o contrário, a Igreja não é lugar pra alpinismo espiritual, pois o sacerdócio não é um poder, mas um serviço. As mulheres devem seguir os passos de madre Teresa de Calcutá (religiosa) e da dra. Zilda Arns (médica, esposa e mãe), que queriam somente amar a Cristo e servir aos irmãos. Quem poderá medir o bem que fizeram?

**“Na Igreja primitiva havia diaconisas. Por que não podemos ser diaconisas hoje em dia?”**

Em uma de suas cartas, São Paulo se refere à diaconisa Febe (I Rm 16, 1), mas é um equívoco pensar que as diaconisas exerciam funções equivalentes às aquelas que os diáconos exercem atualmente. O trabalho das diaconisas era muito próximo ao que as freiras fazem, pois cuidavam dos enfermos e socorriam os mais pobres. Elas também batizavam outras mulheres, mas esta

função foi suprimida com o tempo.<sup>[15]</sup> Porém, as diaconisas jamais exerceram funções sacerdotais ou ligadas ao serviço ao altar, como explica **Santo Epifânio** († 403) em seu célebre *Panarion*:

Quanto à categoria das diaconisas, existente na Igreja, não foi destinada a cumprir funções sacerdotais ou outras similares. As diaconisas são chamadas a salvaguardar a decência que se impõe no tocante ao sexo feminino, seja cooperando na administração do sacramento do Batismo, seja examinando as mulheres afetadas por alguma enfermidade ou vítimas de violência, seja intervindo todas as vezes que se trate de descobrir o corpo de outras mulheres a fim de que o desnudamento não seja exposto aos olhares dos homens que executam as santas cerimônias [...]<sup>[16]</sup>

Em dois mil anos de história da Igreja, uma mulher jamais foi ordenada sacerdote (ao menos não de forma válida). E essa restrição não existe porque a Igreja acha que as mulheres são menos santas, menos inteligentes ou menos capazes do que os homens, mas sim porque é fiel às Escrituras e à Sagrada Tradição herdada dos apóstolos.

Atacar a impossibilidade da ordenação de mulheres é, no fundo, negar a Tradição e a ação do Espírito na condução da Igreja sobre questões de fé e moral. Quem insiste em atacar essa determinação comete pecado de heresia, pois a declaração oficial do Papa São João Paulo II possui **caráter universal, infalível e definitivo**: “[...] declaro que a Igreja não tem absolutamente a

faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres e que esta sentença deve ser considerada como definitiva por todos os fiéis da Igreja”.<sup>[17]</sup> O Papa Francisco reafirmou esse ensinamento em 2013, após a Jornada Mundial da Juventude, durante o seu voo de regresso a Roma.

Então, as luluzinhas podem chiar à vontade, mas no seminário só entra espada! É mais fácil um homem engravidar do que a Igreja aprovar a ordenação sacerdotal de mulheres.

# E agora? O que fazer com tudo isso?

Muita coisa, não? É engraçado que, quando conhecemos a visão da Igreja, acusações que pareciam tão sólidas e verdadeiras caem por terra. É impressionante como, de fato, “as portas do Hades nunca prevalecerão sobre ela”. A Igreja Católica passa por poucas e boas há dois mil anos. Inventam muitas coisas sobre ela, questionam-na, acusam-na, deturpam os fatos e, mesmo assim, ela continua lá, sem nenhum arranhão embaixo de toda a mentira que jogam sobre ela.

Neste livro, tentamos lançar luz sobre alguns assuntos. O tom de deboche característico d’*O Catequista* talvez o ajude a memorizar melhor algumas das questões que apresentamos. Afinal, aposto que você esqueceu boa parte do que aprendeu no colégio ou na faculdade, mas se lembra das boas piadas que ouviu por lá.

O próximo passo é aprofundar o conhecimento. Encare esta leitura como o *trailer* de um filme que parece muito bom, mas saiba que agora é preciso levantar do sofá e ir ao cinema para vê-lo. Então, procure sua paróquia. Se ainda não tiver, engaje-se

em uma comunidade. Procure por direção espiritual e aprofunde-se. Conheça sua Igreja cada vez melhor e, sobretudo, nunca mais se cale diante dos espertalhões que atiram mentiras das quais não têm certeza.

Cuide da sua fé! Defenda a sua Igreja! Seja bem-vindo do clube dos Caçadores de Tretas!

# Referências bibliográficas

## I. Livros

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Editora 34, 2014.

AQUINO, São Tomás. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2006.

BALMES, Jaime. *A Igreja católica em face da escravidão*. São Paulo: Centro Brasileiro de Fomento Cultural, 1988.

BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BARSTOW, Anne Llewellyn. *Chacina de feiticeiras: uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

BETTENCOURT, Estêvão. *Para entender o Antigo Testamento*. Aparecida: Santuário, 1990.

BRUCE, Frederick. *The Books and the Parchments*. Old Tappan: Revell, 1963.

CHAVES, Julio Cesar Dias. *A Gnose em questão: ensaios sobre Gnose e Apocalíptica na Antiguidade e a biblioteca copta de Nag Hammadi*. Curitiba: Prismas, 2015.

- CUSA, Nicolau de. *A douda ignorância*. Porto Alegre: Edipcurs, 2002.
- DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope: Pope Pius XII and His Secret War against Nazi Germany*. Washington: Regency Publishers, 2005.
- FANTOLI, Annibale. *Galileu: pelo copernicanismo e pela Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.
- FIRPO, Luigi. *Il processo di Giordano Bruno*. Roma: Salerno Editrice, 1993,
- GIUSSANI, Luigi. *Educar é um risco*. Bauru: Edusc, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009.
- GRANT, Edward. *God and Reason in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- GRISAR, Hartmann. *Luther*. Vol. IV. Londres, 1915. Ed. Luigi Cappadelta.
- JOLLY, Karen; RAUDVERE, Catharina; PETERS, Edward. *Witchcraft and Magic in Europe: The Middle Ages*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2002.
- KAMEN, Henry. *La Inquisición Española: una revisión histórica*. Barcelona: Crítica, 2011.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2008.
- KENYON, Frederic. *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament*. Nova York: Macmillan, 1912.
- \_\_\_\_\_. *The Bible and Archaeology*. Nova York: Harper, 1940.
- KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

- LEWIS, Clive Staples. *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LINDBERG, David. *The Beginnings of Western Science*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- LYON, Irineu de. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 2014.
- MARTINS, Roberto de Andrade. *O universo: teorias sobre sua origem e evolução*. São Paulo: Moderna, 1994.
- MONTFORT, Luís Maria. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*. 43. ed. Rio de Janeiro, Vozes: 2010.
- NARLOCH, Leandro. *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. São Paulo: Leya, 2009.
- O'HARE, Patrick. *The Facts About Luther*. Nova York: Frederick Pustet Company, 1916.
- PERNOUD, Régine. *A mulher do tempo das catedrais*. Barcelona: Juan Granica, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A mulher no tempo das catedrais*. Lisboa: Gradiva, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O mito da Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Joana d'Arc: a mulher forte*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e mártires*. São Paulo: Quadrante, 1998.
- ROPS, Daniel. *A Igreja das catedrais e das Cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1998.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- RUSSELL, Jeffrey Burton. *Inventando a Terra-Plana*. Santo Amaro:



- Unisa, 1999.
- SANTO AGOSTINHO. *O cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- SPOTO, Donald. *Francisco de Assis: o santo relutante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- STROBEL, Lee. *Em defesa de Cristo: um jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo*. São Paulo: Vida, 2001.
- TRASANCOS, Stacey. *Science Was Born of Christianity: The Teaching of Fr. Stanley L. Jaki*. Titusville: Habitation of Chimham Publishing, 2014.
- VIEIRA, Antônio. *Sermões*. São Paulo: Editora das Américas, 1958. v. 9.
- WOODS JR., Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. São Paulo: Quadrante, 2001.

## II. Jornais e Revistas

- BETTENCOURT, Estêvão. “Diaconisas: Quem eram?”. *Pergunte e responderemos*, n. 500, fev. 2004. Disponível em: <[www.scribd.com/document/59316886/Revista-Pergunte-e-Responderemos-Ano-XLV-No-500-Fevereiro-de-2004](http://www.scribd.com/document/59316886/Revista-Pergunte-e-Responderemos-Ano-XLV-No-500-Fevereiro-de-2004)>
- BETTENCOURT, Estêvão. “Reencarnação e Cristianismo”. *Pergunte e responderemos*, n. 51, mar. 1962. Disponível em: <[http://www.pr.gonet.biz/kb\\_read.php?pref=htm&num=2996](http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?pref=htm&num=2996)>
- BURLEIGH, Nina. “A Feud Between Biblical Archaeologists Goes

to Court”. *Time Magazine*, 29 jan. 2013. Disponível em:  
<<http://world.time.com/2013/01/29/a-feud-between-biblical-archaeologists-goes-to-court/>>

CAMPOS, Marcos. “Annibale Fantoli, escritor: ‘Para Galileu, o choque entre fé e ciência estava longe de ser inevitável’”. *Gazeta do Povo*, 22 fev. 2009. Disponível em:  
<[www.gazetadopovo.com.br/blogs/tubo-de-ensaio/annibale-fantoli-escritor-para-galileu-o-choque-entre-fe-e-ciencia-estava-longo-de-ser-inevitavel/](http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/tubo-de-ensaio/annibale-fantoli-escritor-para-galileu-o-choque-entre-fe-e-ciencia-estava-longo-de-ser-inevitavel/)>

CARROLL, Rory. “New book reopens old arguments about slave raids on Europe”. *The Guardian*, 11 mar. 2004. Disponível em:  
<[www.theguardian.com/uk/2004/mar/11/highereducation.boc](http://www.theguardian.com/uk/2004/mar/11/highereducation.boc)>

CORRADINI, Luisa. “‘Seguimos viviendo en la Edad Media’, dice Jacques Le Goff”. *La Nacion*, 12 out. 2005. Disponível em:  
<[www.lanacion.com.ar/746748-seguimos-viviendo-en-la-edad-media-dice-jacques-le-goff](http://www.lanacion.com.ar/746748-seguimos-viviendo-en-la-edad-media-dice-jacques-le-goff)>

COSTA, Ricardo. “A Igreja Católica e a escravidão”. *Gazeta do Povo*, 2 fev. 2013. Disponível em:  
<[www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/a-igreja-catolica-e-a-escravidao-eigkj4jarnd3xrpaps5rmhj8s](http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/a-igreja-catolica-e-a-escravidao-eigkj4jarnd3xrpaps5rmhj8s)>

COSTA, Ricardo da “A educação infantil na Idade Média”. *Videtur*, Porto, n. 17, 2002.

DALIN, David G. “Pio XII e os judeus”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 247, 2002. “For God’s sake”. *The Economist*, 9 dez 2004. Disponível em:  
<[www.economist.com/node/3471137](http://www.economist.com/node/3471137)>

GLAZOV, Jamie. “The Study of Political Islam”. *FrontPage Magazine*, 5 fev. 2007. Disponível em

<[http://archive.frontpagemag.com/readArticle.aspx?  
ARTID=297](http://archive.frontpagemag.com/readArticle.aspx?ARTID=297)>

MADDEN, Thomas F. “The Real Inquisition: Investigating the popular myth”. *National Review*, 18 jun. 2004. Disponível em: <[www.nationalreview.com/article/211193/real-inquisition-thomas-f-madden](http://www.nationalreview.com/article/211193/real-inquisition-thomas-f-madden)>

MCCOY, Terrence. “The book that claims Jesus had a wife and kids — and the embattled author behind it”. *The Washington Post*, 10 nov. 2014. Disponível em: <[www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2014/11/10/the-book-that-claims-jesus-had-a-wife-and-kids-and-the-controversial-author-behind-it/](http://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2014/11/10/the-book-that-claims-jesus-had-a-wife-and-kids-and-the-controversial-author-behind-it/)>

MCGOLDRICK, Patricia. “New Perspectives on Pius XII and Vatican Financial Transactions During the Second World War”. *The Historical Journal*, Cambridge, v. 55, dez. 2012. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=8744493&fileId=S0018246X12000416>>

PAPPAS, Stephanie. “Grotesque mummy head reveals advanced medieval science”. *Scientific American*, 5 mar. 2013. Disponível em: <[www.scientificamerican.com/article/grotesque-mummy-head-reveals/](http://www.scientificamerican.com/article/grotesque-mummy-head-reveals/)>

RATZINGER, Joseph. “Lasciar operare Dio”. *L’Osservatore Romano*, 6 out. 2002. Entrevista transcrita pela Agência Zenit em 26 de maio de 2005.

“Rei da Arábia Saudita anula sentença contra mulher condenada por dirigir”. *Veja*, 29 out. 2011. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/rei-da-arabia-saudita-anula-sentenca-contramulher-condenada-por-dirigir>>

ROSSETTI, Carolina. “Ativista diz que mulheres sauditas cansaram de ser tratadas como ‘crianças irresponsáveis’”. *O Estado de S. Paulo*, 2 out. 2011. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,ativista-diz-que-mulheres-sauditas-cansaram-de-ser-tratadas-como-criancas-irresponsaveis-imp-,780279>>

SORG, Letícia. “Arábia Saudita: elas podem votar, mas não dirigir”. *Época*, 28 set. 2011. Disponível em: <<http://colunas.epoca.globo.com/mulher7por7/2011/09/28/arabia-saudita-elas-podem-votar-mas-nao-dirigir/>>

WALLACE, Daniel. “The Majority Text and the Original Text: Are They Identical?”. *Bibliotheca Sacra*, Dallas (TX), abr./jun. 1991.

WALSH, James J. “The Popes and the History of Anatomy”. *Medical Library and Historical Journal*, Brooklyn (NY), v. 2, jan. 1904.

### III. Sites

CHAVES, Julio César. “O que Constantino tem a ver com o Cânon e a Bíblia?”. Site Apocrypha Gnostica, 17 nov. 2014. Disponível em: <<http://apocryphagnostica.blogspot.com.br/2014/11/o-que-constantino-tem-ver-com-o-canon-e.html>>

CHAVES, Julio César. “A Formação do Cânon e os Apócrifos”. Site Apocrypha Gnostica, 5 mar. 2015. Disponível em: <<http://apocryphagnostica.blogspot.com.br/2015/03/a-formacao-do-canon-e-os-apocrifos.html>>

COLINA, Jésus. “Pio XII salvou 11 mil judeus romanos”. Agência Zenit, 29 jul. 2011. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/pio-xii-salvou-11-000-judeus-romanos/>>

“Entrevista completa com especialista sobre os livros apócrifos”. Notícias Canção Nova, 24 set 2013. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/entrevista-com-especialista-sobre-os-livros-apocrifos/>>

HOYEAU, Celine; BOUVET, Bruno. “Deux historiens face à Pie XII”. Site La Croix, 21 dez. 2009. Disponível em: <[www.la-croix.com/Religion/Actualite/Deux-historiens-face-a-Pie-XII-\\_NG\\_-2009-12-21-570661](http://www.la-croix.com/Religion/Actualite/Deux-historiens-face-a-Pie-XII-_NG_-2009-12-21-570661)>. Tradução disponível em: <<https://beinbetter.wordpress.com/2009/12/23/dois-historiadores-diante-de-pio-xii/>>

“O Senhor remiu a todos com seu sangue”. Agência Zenit, 22 maio 2013. Disponível em: <[www.zenit.org/pt/articles/o-senhor-remiu-a-todos-com-seu-sangue](http://www.zenit.org/pt/articles/o-senhor-remiu-a-todos-com-seu-sangue)>

PARK, Katharine. “Debunking a myth”. *Harvard Gazette*, 7 abr. 2011. Disponível em: <<http://news.harvard.edu/gazette/story/2011/04/debunking-a-myth/>>

RUSSELL, Jeffrey Burton. “The Myth of the Flat Earth”. *Studies in the History of Science*, 4 ago. 1997. Disponível em: <[www.asa3.org/ASA/topics/history/1997Russell.html](http://www.asa3.org/ASA/topics/history/1997Russell.html)>

## IV. Documentos do Vaticano

BENTO XVI, Papa. Discurso do Santo Padre durante viagem apostólica à Polônia e ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. 28 de maio de 2006.

Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html)>

BENTO XVI, Papa. Discurso aos bispos durante Audiência Geral. 14 de fevereiro de 2007. Disponível em: <<https://beinbetter.wordpress.com/2009/12/23/dois-historiadores-diante-de-pio-xii/>>

<[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20070214.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070214.html)>

BENTO XVI, Papa. Discurso do Santo Padre durante viagem apostólica ao Brasil. 13 de maio de 2007. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)>

FRANCISCO, Papa. Homilia do Santo Padre na Santa Missa da Capela Paulina. 23 de abril de 2013.

Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/do-francesco\\_20130423\\_omelia-san-giorgio.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/do-francesco_20130423_omelia-san-giorgio.html)>

FRANCISCO, Papa. Discurso do Santo Padre durante viagem apostólica ao Sri Lanka e às Filipinas. 18 de janeiro de 2015. Disponível em:

<[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/ja-francesco\\_20150118\\_srilanka-filippine-incontro-giovani.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/ja-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html)>

JOÃO PAULO II, Papa. Discurso durante Audiência Geral. 11 de agosto de 1982. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19820811.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf_jp-ii_aud_19820811.html)>

JOÃO PAULO II, Papa. Carta apóstólica *Ordinatio sacerdotalis* Sobre a Ordenação Sacerdotal reservada somente aos homens. 22 de maio de 1994. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19940522\\_ordinatio-sacerdotalis.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19940522_ordinatio-sacerdotalis.html)>

LEÃO XIII, Papa. Carta encíclica *Arcanum divinae sapientiae* sobre a família. 10 de fevereiro de 1880. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_10021880\\_arcanum.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_10021880_arcanum.html)>

PIO XI, Papa. Carta encíclica *Casti connubii* sobre o matrimônio cristão. 31 de dezembro de 1930. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19301231\\_casti-connubii.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html)>

PIO XII, Papa. Discurso do Santo Padre aos cardeais, aos líderes das nações estrangeiras e aos membros da Pontifícia Academia de Ciências. 22 de novembro de 1951. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/pius->

xii/it/speeches/1951/documents/hf\_p-xii\_spe\_19511122\_di-serena.html>

RATZINGER, Joseph. Declaração *Dominus Iesus* sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. 6 de agosto de 2000.

Disponível em:  
<[www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/docume-iesus\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/docume-iesus_po.html)>

## **V. Obras de Referência**

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis, São Paulo: Vozes/Paulus/Loyola/Ave Maria, 1998.

## **VI. Audiovisual**

*Missões jesuíticas: guerreiros da fé*. TV Senado, 2005, 145 min.



1. Notas da saudação de Luigi Giussani no encerramento do Tríduo Pascal dos colegiais de Comunhão e Libertação. Rimini, Sábado Santo, 19 de abril de 2003. Disponível em: <[http://passos.tracce.it/?id=339&id\\_n=2406&pagina=8](http://passos.tracce.it/?id=339&id_n=2406&pagina=8)>.

1. Segundo o Papa Francisco, a Igreja “em saída” é aquela que ouve e atende ao chamado missionário de Jesus: “ide”. Na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, o Papa diz que “todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.

1. Em tradução livre, “Imagine que não há países/ Não é difícil fazê-lo/ Nada pelo que matar ou morrer/ E nenhuma religião”. (N. E.)
2. Em tradução livre, “É fácil se você tentar”. (N. E.)
3. Viagem apostólica do Papa Francisco ao Sri Lanka e às Filipinas. Encontro com jovens. Discurso do Santo Padre, 18 de janeiro de 2015.
4. Item 412.
5. Citando o Salmo 21.
6. Para saber mais sobre isso, ver o ponto III da carta apostólica *Salvifici doloris*, de São João Paulo II, sobre o sentido do sofrimento humano.
7. *X-Men*: a série animada. 3ª temporada. Episódio 18, “Um mutante dos diabos”.
8. Giussani, 2009, p. 28.
9. Viagem apostólica do Papa Bento XVI à Polônia. Discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. 28 de maio de 2006.
10. Na Bíblia, o arco-íris é sinal da eterna aliança entre Deus e os homens.
11. *Baal* é um termo cujo significado se aproximaria de “senhor”. Também era usado no tratamento da esposa ao marido. (N. E.)
12. Giussani, 2004, p. 14-15.

1. Lewis, 2005, p. 69-70.
2. O texto apócrifo “Vida dos profetas”, do século I, diz que Jeremias foi apedrejado e morto por israelitas no Egito.
3. Catecismo da Igreja Católica, item 253.
4. McCoy, 2014.
5. Burleigh, 2013.
6. Sobre o apócrifo “Evangelho de Filipe”, usado em *O código Da Vinci*, é interessante a análise de Julio Cesar Chaves em seu livro *A Gnose em questão: ensaios sobre Gnose e Apocalíptica na Antiguidade e a biblioteca copta de Nag Hammadi*.

1. Wallace, 1991, p. 157-158.
2. Kenyon, 1912, p. 5.
3. Kenyon, 1940, p. 288.
4. Strobel, 2001, p. 65.
5. Bruce, 1963, p. 178.
6. O trecho aparece no texto “Contra Fausto, o maniqueu”.
7. Rousseau, 1992, p. 362-363.
8. Chaves, 2014.
9. Ver capítulo “Sobre Jesus”.
10. Esse fenômeno é chamado de “pseudomínia”. Saiba mais em Chaves, 2015.
11. Rops, *A Igreja dos apóstolos e mártires*, 1998, p. 261.
12. Chaves, 2015.
13. Canção Nova, 2013.
14. Martins, 1994, p. 12.
15. Martins, 1994, p. 10.
16. Bettencourt, 1990, p. 164-168.
17. Ver capítulos “Sobre a Tradição” e “Sobre o magistério da Igreja”.
18. Spoto, 2010, p. 273.
19. Enquirídio Bíblico nº 1853s.
20. Ver capítulo “Sobre a Tradição”.
21. Carta Encíclica *Spiritus Paraclitus*, em tradução livre do espanhol. Disponível no site do Vaticano: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xv/es/encyclicals/documents/hf\\_ben-xv\\_enc\\_15091920\\_spiritus-paraclitus.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xv/es/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_15091920_spiritus-paraclitus.html)>

1. Catecismo da Igreja Católica, item 83.
2. Catecismo da Igreja Católica, item 66.
3. Irineu de Lyon, 175 d.C.–189 d.C.
4. O trecho aparece no texto “O martírio de Policarpo”.
5. Congregação para a Doutrina da Fé. Declaração *Dominus Iesus*: sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, 6 de agosto de 2000.
6. O’Hare, 1916, p. 214.

1. Sobre isso, o Papa Bento XVI disse: “Meus amigos, uma vez mais: o que significa construir sobre a rocha? Edificar sobre a rocha quer dizer também edificar sobre Pedro e com Pedro. Com efeito, o Senhor diz: ‘Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela’ (Mt 16, 18). Se Cristo, a Rocha, a Pedra viva e preciosa, chama ao seu apóstolo Pedro, isto significa que ele quer que Pedro e, juntamente com ele, a Igreja inteira sejam um sinal visível do único Salvador e Senhor. Aqui em Cracóvia, a cidade preferida do meu predecessor João Paulo II, as palavras sobre a construção com Pedro e sobre Pedro certamente não espantam ninguém. Por isso, digo-vos: não tenhais medo de construir a vossa vida na Igreja e com a Igreja! Sede orgulhosos do amor a Pedro e à Igreja que lhe foi confiada. Não vos deixeis enganar por aqueles que desejam opor Cristo à Igreja! Só existe um rochedo sobre o qual vale a pena construir a própria casa. Esta rocha é Cristo. Só há uma pedra sobre a qual vale a pena fundamentar tudo. Esta pedra é aquele a quem Cristo disse: ‘Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja’ (Mt 16, 18). Vós, jovens, conhecestes bem o Pedro dos nossos tempos. Por isso, não vos esqueçais que nem aquele Pedro que da janela de Deus Pai está a observar o nosso encontro, nem este Pedro que agora se encontra diante de vós, nem qualquer Pedro sucessivo jamais será contra vós, nem contra a construção de uma casa duradoura sobre o rochedo. Ao contrário, ele há de empenhar o seu coração e ambas as suas mãos para vos ajudar a edificar a vossa vida sobre Cristo e com Cristo”. (Viagem apostólica do Papa Bento XVI à Polônia. Discurso do Santo Padre Durante o Encontro com os Jovens no Parque de Blonia, 27 de maio de 2006.)
2. Cefas, em aramaico.
3. Ver capítulo “Sobre a Bíblia”.

1. Grisar, 1915, p. 238.
2. Ver capítulo “Sobre a Bíblia”.
3. Montfort, 2010, capítulo 1, p. 14.
4. Montfort, 2010, capítulo 1, p. 14-15.
5. Montfort, 2010, capítulo 3, artigo 1, p. 95.



1. *L'Osservatore Romano*, 2002.
2. Os livros dos Macabeus não estão presentes na Bíblia mutilada dos protestantes, pois eles não os reconhecem como inspirados.
3. Santo Agostinho, 1990, capítulo XV.
4. *Necro*, mortos; *mancia*, adivinhação.

1. Catecismo da Igreja Católica, item 1.864.
2. Kardec, 2008, capítulo 5, itens 3, 4 e 6.
3. Audiência Geral, 25 de abril de 2007.
4. Bettencourt, 1962.

1. Madden, 2004.
2. Kamen, 2011.
3. “Durante o século XVI, quando a caça às bruxas varreu a Europa, nas regiões onde as inquisições eram mais bem desenvolvidas, a histeria foi contida. Em Espanha e Itália, inquisidores treinados investigaram as acusações de ‘Sabbath das feiticeiras’ e torrefação de bebês, e concluíram que aquelas eram infundadas. Em outros lugares, especialmente na Alemanha, os tribunais seculares ou religiosos queimaram bruxas aos milhares. Nota: A Alemanha do século XVI era já quase totalmente protestante.”  
Madden, 2004.
4. Esses são dados estatísticos baseados em processos analisados pela professora Anne Llewellyn Barstow, feminista radical nada simpática ao cristianismo. Barstow, 1995.
5. Rops, *A Igreja das catedrais e das Cruzadas*, 1998, p. 52.
6. Jolly; Raudvere; Peters, 2002, p. 241.
7. Pernoud, 1996, p. 157.
8. Pernoud, 1996, p. 121.

1. Trasancos, 2014.
2. Woods, 2001, p. 90.
3. Costa, 2002, p. 13-20.
4. Rops, *A Igreja das catedrais e das Cruzadas*, 1998, p. 346-347.
5. Grant, 2001, p. 184.
6. Lindberg, 1992, p. 213.
7. Woods, 2001, p. 48-49.
8. Pappas, 2013.
9. Walsh, 1904, p. 10-28.
10. Park, 2011.
11. Russell, 1997.
12. Aquino, 2006, Questão 1, Artigo 2.
13. Alighieri, 2014, Canto XXII, Verso 134.
14. “Discorsi di sua Santità Pio XII al Cardinali, al legati delle nazioni estere e al soci della Pontificia Accademia delle Scienze”, 1951. Em tradução livre.
15. Carta Encíclica *Humani Generis* do sumo pontífice Papa Pio XII. 12 de agosto de 1950. Item 6. Disponível no site do Vaticano: <Acesso em: set. 2016. [w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_12081950\\_humani-generis.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html)>
16. Discurso do Papa Francisco por ocasião da inauguração de um busto em honra a Bento XVI. Casina Pio IV, 27 de outubro de 2014.
17. Santa Missa, Imposição do Pálio e entrega do Anel do Pescador para o início do Ministério Petrino do Bispo de Roma. Homilia de Sua Santidade Bento XVI, 24 de abril de 2005.
18. Fantoli, 2008, p. 64-65.
19. Campos, 2009.
20. Rops, *A Igreja das catedrais e das Cruzadas*, 1998, p. 605-606.
21. Cusa, 1440.
22. Firpo, 1993.

1. Colina, 2011.
2. “For God’s sake”, 2004.
3. Hoyeau; Bouvet, 2009. Tradução de Moisés Shardelotto.
4. Dalin, 2002, p. 643-655.
5. Idem.
6. Dalin, 2005, p. 77.
7. McGoldrick, 2012.
8. Glazov, 2007.
9. Carroll, 2004.
10. Costa, 2013.
11. Sermão XIV em Sermões, vol. IX, Ed. das Américas, 1958, p. 64
12. *Missões jesuíticas: guerreiros da fé*. TV Senado, 2005.
13. Narloch, 2009.
14. Kern, 1982.
15. *Missões jesuíticas: guerreiros da fé*. TV Senado, 2005.
16. Discurso do Papa Bento XVI no Santuário de Aparecida, 13 de maio de 2007.

1. Carta encíclica *Arcanum divinae sapientiae* de Leão XIII, 10 de fevereiro de 1880.
2. Papa João Paulo II, Audiência Geral, 11 de agosto de 1982.
3. Carta encíclica *Casti connubii* do Papa Pio XI, 31 de dezembro de 1930.
4. Papa Bento XVI, Audiência Geral, 14 de fevereiro 2007.
5. Pernoud, 1978, p. 100-101.
6. Pernoud, 1984. p. 67
7. Pernoud, 1978, p. 97-98.
8. Pernoud, 1978, p. 95.
9. Corradini, 2005.
10. “Sem chegar à sua imolação na fogueira do esposo defunto, como em certas religiões asiáticas, a viúva é considerada o ser sacrificado por excelência; na Antiguidade clássica, só algumas viúvas ricas escapam ao desalento que é a sorte normal daquela que perdeu o seu marido. Ora, se nos reportarmos aos Atos dos Apóstolos, verifica-se que as viúvas são as primeiras assistidas na comunidade cristã. Muito cedo, de resto, se passa da assistência a uma verdadeira função atribuída tanto às viúvas como às virgens; a ponto de São Paulo explicar detalhadamente as qualidades necessárias às viúvas para ocuparem o seu lugar na Igreja e assumirem um papel ativo...” Pernoud, 1984. p. 25.
11. “Rei da Arábia Saudita anula sentença contra mulher condenada por dirigir”. *Veja*, 29 de outubro de 2011.
12. Rossetti, 2011.
13. Sorg, 2011.
14. Carta apóstólica *Ordinatio sacerdotalis* de João Paulo II, 22 de maio de 1994.
15. Os batismos eram feitos em “piscinas” nos batistérios. A pessoa batizada era mergulhada nua nessa piscina pelo ministro. Por isso, havia a diaconisa, assistente no batismo de mulheres.
16. Santo Epifânio, 374-377 d.C.
17. Carta apóstólica *Ordinatio sacerdotalis* de João Paulo II, 22 de maio de 1994.